

**UNIOESTE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO DO SUDOESTE DO  
PARANÁ: ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO**

**ADIR SILVÉRIO CEMBRANEL**

**FRANCISCO BELTRÃO  
2012**

**ADIR SILVÉRIO CEMBRANEL**

**A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO DO SUDOESTE DO  
PARANÁ: ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia – nível Mestrado – da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Dr. José Luiz Zanella

**FRANCISCO BELTRÃO**  
2012

## TERMO DE APROVAÇÃO

ADIR SILVÉRIO CEMBRANEL

### A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO DO SUDOESTE DO PARANÁ: ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

---

Prof. Dr. José Luiz Zanella

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

---

Prof. Dr. Fernando dos Santos Sampaio

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

---

Prof. Dra. Maria de Lourdes Bernartt

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

---

Prof. Dr. Clésio Acilino Antonio

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

**Francisco Beltrão, 10 de dezembro de 2012.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me abençoado com esta oportunidade e por permitir que esta pesquisa fosse realizada.

Uma série de pessoas, entidades, unidades industriais e trabalhadores foram importantes e contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Agradeço às indústrias e seus funcionários, que disponibilizaram informações e concederem as entrevistas. Agradeço também à FIEP (Federação das Indústrias do Estado do Paraná), ao SESI (Serviço Social da Indústria) e ao SENAI, pela disponibilidade de informações e pelo acesso a empresas.

É indispensável o agradecimento aos professores Mafalda Nesi Francischett e Fernando Sampaio, pelo direcionamento e auxílio no levantamento de dados para pesquisa. Em especial, ao orientador desta pesquisa, o professor José Luiz Zanella, pela paciência, orientação e apoio.

Agradeço à minha mãe, Ivete Rigotti, pelo seu esforço e pela sua dedicação. À minha esposa, Leandra Francischett, pela paciência e compreensão nos períodos de ausência e de ansiedade no desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos os que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	vii
LISTA DE GRÁFICOS .....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE SIGLAS.....	ix
RESUMO .....	x
ABSTRACT.....	xi
INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 - ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO: BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS PESQUISAS REALIZADAS NA UNIOESTE CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO – PR (2006 – 2011) .....	14
1.1 Apresentação das pesquisas .....	14
1.2 Características das indústrias do Sudoeste do Paraná segundo as pesquisas realizadas.....	17
1.3 Conclusão do capítulo .....	24
CAPÍTULO 2 - INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES NO SUDOESTE DO PARANÁ.....	25
2.1 Características das indústrias de confecção no Sudoeste do Paraná .....	25
2.2 Principais atividades industriais do Sudoeste do Paraná.....	38
2.2.1 Setor da Madeira e Moveleiro .....	38
2.2.2 Setor Alimentício.....	40
2.3 Conclusão do capítulo .....	41
CAPÍTULO 3 - ACIDENTE E DOENÇAS DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO SUDOESTE DO PARANÁ.....	44
3.1 Acidentes e doenças de trabalho na indústria.....	44
3.2 Algumas considerações sobre doenças e acidentes de trabalho.....	48
3.3 Acidentes e doenças de trabalho: um diagnóstico do SESI.....	58
3.4 Conclusão do capítulo .....	66
CAPÍTULO 4 - ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA .....	69

4.1	As condições de trabalho no modo de produção capitalista .....	69
4.2	Trabalho estranhado: raiz da negatividade do trabalho.....	71
4.3	As condições de trabalho na manufatura .....	75
4.4	As condições de trabalho na maquinaria.....	78
4.5	Condições de trabalho no taylorismo e fordismo .....	86
4.6	As condições de trabalho no pós-fordismo.....	91
4.7	O trabalho no Brasil.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....		100
ANEXO 01 .....		103

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Indústria em Francisco Beltrão em busca de costureiras.....	22
FIGURA 02	Indústria em Ampére em busca de costureiras.....	23
FIGURA 03	Localização da região Sudoeste do Paraná.....	27
FIGURA 04	Municípios com maior número de indústria de confecção.....	30
FIGURA 05	Trabalhador interrompe sua atividade.....	74
FIGURA 06	Fila dos trabalhadores para registrar o horário de intervalo.....	74
FIGURA 07	Condições de trabalho – costureira.....	84
FIGURA 08	Intensificação do trabalho – acúmulo de atividade.....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Porcentagem de trabalho por curso.....	15
GRÁFICO 02	Número de trabalhos utilizados por curso.....	16
GRÁFICO 03	Porcentagem de trabalhadores por município de maior índice.....	30
GRÁFICO 04	Municípios com o maior número de trabalhadores do Sudoeste.....	31
GRÁFICO 05	Média de trabalhadores por empresa por município.....	32
GRÁFICO 06	Porcentual de trabalhadores por gênero e município.....	33
GRÁFICO 07	Porcentual de trabalhadores por idade no município de Ampére.....	35
GRÁFICO 08	Porcentual de trabalhadores por idade no município de Dois Vizinhos.....	36
GRÁFICO 09	Porcentual de trabalhadores por faixa etária no município de Francisco Beltrão.....	36
GRÁFICO 10	Porcentual de trabalhadores por faixa etária no município de Santo Antônio do Sudoeste.....	37
GRÁFICO 11	Porcentual de trabalhadores por faixa etária no Sudoeste do Paraná.....	37

GRÁFICO 12	Porcentual de trabalhadores por gênero setor de madeira e moveleiro no Sudoeste do Paraná.....	39
GRÁFICO 13	Porcentagem de trabalhadores por gênero no setor alimentício na região Sudoeste do Paraná.....	41

### LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Microrregiões e municípios do Sudoeste do Paraná.....	26
TABELA 02	Número de indústrias e trabalhadores por município.....	28
TABELA 03	Número de trabalhadores por gênero e município.....	33
TABELA 04	Salário médio entre trabalhadores por gênero e município.....	34
TABELA 05	Número de trabalhadores por faixa etária .....	35
TABELA 06	Número de trabalhadores por gênero, média salarial por município .....	38
TABELA 07	Número de trabalhadores por gênero, média salarial por município.....	40
TABELA 08	Número de acidentes de trabalho por ano x município.....	52
TABELA 09	Número de acidente de trabalho por ano e gênero no Paraná de 2006 a 2010.....	54
TABELA 10	Divisão das categorias por faixa etária dos trabalhadores.....	54
TABELA 11	Divisão por gênero e faixa etária dos trabalhadores.....	55
TABELA 12	Acidentes de trabalho no CNAE 14.....	56
TABELA 13	Número de acidentes por município x Estado.....	57
TABELA 14	Pesquisa de sintomatologia realizada no município de Ampére.....	60
TABELA 15	Pesquisa de sintomatologia realizada no município de Francisco Beltrão .....	61
TABELA 16	Diagnóstico de transtornos mentais.....	63



## LISTA DE SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregos e Desempregados
CAT	Comunicado de Acidente do Trabalho
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DORT	Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
LER	Lesão por Esforço Repetitivo
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NTEP	Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário
RPS	Regulamento da Previdência Social
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
SINDIMADMOVI	Sindicato das Indústrias Madeireiras e Moveleira do Sudoeste do Paraná
SINVESPAR	Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste do Paraná
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## RESUMO

Neste trabalho pesquisamos sobre as características, os acidentes e as doenças de trabalho das indústrias de confecção do vestuário na região Sudoeste do Estado do Paraná, além de expor percepções sobre as condições de trabalho dos trabalhadores da região, que possui 7.903 trabalhadores em 299 indústrias. Para auxiliar na caracterização das indústrias, recorreremos a pesquisas acadêmicas relacionadas ao tema realizadas no período de 2006 a 2011, na Unioeste, *Campus* de Francisco Beltrão. Para caracterizar as indústrias de confecção da região, levantados dados e informações no CAGED (Cadastro Geral de Empregos e Desempregados), no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e no MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), mediante entrevistas com trabalhadores, visitas a empresas e levantamentos bibliográficos. Sobre os municípios mais atuantes no setor, realizamos análises quanto ao número de empresas, de funcionários, ao gênero, ao salário e à idade dos trabalhadores. Comparamos as características das indústrias de confecção do vestuário com as características das indústrias de madeira e moveleira e da indústria de alimentos, setores industriais importantes na região. Identificamos o número de acidentes e de doenças de trabalho segundo dados do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) e analisamos informações do SESI (Serviço Social da Indústria), sobre situações de desconforto e características que podem indicar transtornos mentais dos trabalhadores da indústria de confecção. Finalizamos comparando o referencial bibliográfico com as características apresentadas nessas indústrias. Identificamos que as estatísticas oficiais sobre acidentes de trabalho não representam dados reais sobre a quantidade de acidentes ocorridos nas indústrias de confecção do vestuário, e que os trabalhadores estão constantemente em situação de desconforto na execução de suas atividades. Observamos que são poucas as ações desenvolvidas pelas empresas com objetivo de resolver os acidentes de trabalho, situações de desconforto ou casos de depressão. Foi possível constatar as condições de trabalho, que, em alguns casos, se assemelham ao período da manufatura.

**Palavras-chave:** Condições de trabalho. Indústrias de confecção do vestuário. Acidentes e doenças de trabalho.

## ABSTRACT

In this paper we research on the characteristics, accidents and occupational diseases of clothing manufacturing industries in the Southwest region of the state of Paraná, besides discussing perceptions about working conditions workers in the region, which has 7903 employees and 299 industries. To assist in the characterization of industries, turn to academic research related to the theme in the period from 2006 to 2011, in Unioeste, Francisco Beltrão campus. We raised data and information that characterize the region's manufacturing industries, using data from CAGED (Cadastro Geral de Empregos e Desempregados), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) and MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), through interviews with workers, visitors and businesses in bibliographic research. We performed analyzes on the most active cities in the sector, the em umber of companies, employees, gender, age and salary. We compared the characteristics of clothing industries with the characteristics of the wood and furniture industries and the food industry, major industrial sectors in the region. We identify the number of work accidents according to the MTE and analyze information SESI (Serviço Social da Indústria), on situations of discomfort and characteristics that may indicate mental disorders of workers in the garment industry. We conclude by comparing the bibliographic reference to the characteristics presented in these industries. We identified that official statistics on accidents at work do not represent actual data on the amount of accidents in the garment manufacturing industries, and that workers are constantly in a state of discomfort in the execution of their activities. We observed that there are few actions taken by companies with the objective of resolving workplace accidents, situations of discomfort or depression cases. It was established working conditions which in some cases resembling period of Manufacture.

**Keywords:** Working conditions. Clothing industries. Accidents and occupational diseases.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa buscamos demonstrar características, os acidentes e as doenças de trabalho da indústria de confecção do vestuário do Sudoeste do Paraná.

A necessidade deste estudo ocorre por duas razões: primeira, refere-se à importância que o segmento apresenta para a região, sendo responsável por 7903 empregos formais em 299 empresas; segundo, são poucas as pesquisas que abordam a temática aqui proposta.

No primeiro capítulo buscamos, junto à biblioteca da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), *Campus* de Francisco Beltrão-PR, trabalhos acadêmicos realizados no período de 2006 a 2011, entre monografias de graduação e de pós-graduação (especialização e mestrado), envolvendo os temas indústria, industrialização, trabalho e trabalhador, buscando identificar aqueles que estavam diretamente relacionados às condições de trabalho e, em específico, aos acidentes e às doenças de trabalho.

Dos trabalhos acadêmicos encontrados no levantamento bibliográfico, selecionamos dez para análise, considerando a existência de informações que caracterizassem as indústrias do Sudoeste do Paraná e, principalmente, as de confecção do vestuário. Consideramos relatos e informações que pudessem caracterizar os trabalhadores, bem como dados sobre acidentes de trabalho.

No segundo capítulo, recorreremos aos dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregos e Desempregados) para definirmos as particularidades das indústrias de confecção do vestuário da região, assim como o perfil de seus funcionários, além de demonstrar a importância desse segmento industrial, comparando-o com o setor alimentício e o da madeira e mobiliário, também relevantes para o Sudoeste.

Na investigação realizada no *site* do CAGED, averiguamos o número de empresas e de trabalhadores das indústrias de confecção em cada município da região, além da faixa etária, do gênero e condições salariais desses trabalhadores. No comparativo com o setor de alimentos e o de madeira e mobiliário, pudemos obter uma referência para avaliar os trabalhadores da confecção quanto à sua importância numérica para a economia regional, quanto ao nível dos salários e quanto à sua distribuição entre os gêneros.

No terceiro capítulo buscamos identificar o número de acidentes e de doenças de trabalho, fazendo-o mediante a verificação dos dados oficiais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), através dos Anuários Estatísticos de Acidentes do Trabalho, além de diagnósticos realizados pelo SESI (Serviço Social da Indústria), que procura detectar aspectos de saúde dos trabalhadores nas indústrias.

Para fazer a estimativa dos acidentes e das doenças de trabalho, examinamos, nos Anuários Estatísticos de Acidentes do Trabalho, números de acidentes e de doenças de trabalho ocorridos com trabalhadores formalmente registrados. Acreditamos, no entanto, que esses dados não representam a realidade das indústrias de confecção. Para uma análise alternativa, utilizamos diagnósticos realizados pelo SESI, que reconhecem situações de desconforto dos trabalhadores, além de situações de depressão.

Entrevistamos cinco trabalhadores das indústrias de confecção do vestuário nos municípios de Francisco Beltrão e Santo Antônio do Sudoeste, para identificar suas percepções sobre os acidentes, as doenças e as condições de trabalho nas indústrias de confecção, além de discorrer com os sindicatos, trabalhista e patronal, sobre os acidentes de trabalho ocorridos no setor.

Nas visitas realizadas nas indústrias, foi possível distinguir as condições de trabalho em algumas empresas, condições que foram evidenciadas através de registros fotográficos. Dessas visitas e das demais informações levantadas no desenvolvimento desta pesquisa, foi possível realizar uma reflexão sobre as condições de trabalho no modo de produção capitalista e a situação encontrada nas indústrias de confecção do vestuário na região Sudoeste do Paraná.

No quarto capítulo, ali realizamos uma reflexão sobre acidentes e doenças de trabalho e as condições de trabalho no modo de produção capitalista, tendo como referência as indústrias de confecção do Sudoeste do Paraná.

## CAPÍTULO 1

### ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO: BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS PESQUISAS REALIZADAS NA UNIOESTE CAMPUS DE FRANCISCO BELTRÃO – PR (2006 – 2011)

#### 1.1 Apresentação das pesquisas

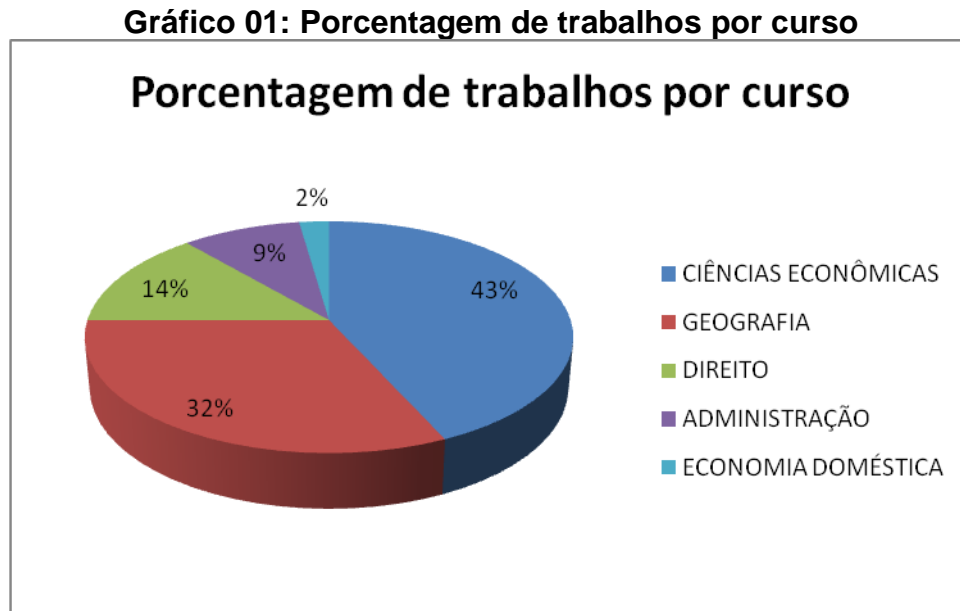
Iniciamos a pesquisa sobre os acidentes e as doenças do trabalho na indústria de confecções no Sudoeste do Paraná a partir de uma revisão bibliográfica sobre os estudos realizados no âmbito da Unioeste, *Campus* de Francisco Beltrão-PR, no período de 2006 a 2011. Esse recorte de tempo se justifica tendo em vista a recente história da indústria têxtil na região e pelo grande desenvolvimento que ocorreu no setor em todo país. A revisão bibliográfica foi desenvolvida na Unioeste por se tratar da instituição de ensino e pesquisa mais atuante no município e uma das mais atuantes na região, além de dispor de cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado) que abordam o desenvolvimento do Sudoeste.

A necessidade de estudar as condições do trabalho nas indústrias de confecção no Sudoeste do Paraná ocorre pelo grande número de trabalhadores desse setor que, segundo o CAGED (2011), emprega 7.903 pessoas registradas formalmente, desempenhando papel importante no mapa de empregos local. Essa revisão bibliográfica contribuiu para verificarmos como as pesquisas têm abordado a temática e quais são os seus resultados.

De 2006 a 2011, foram realizados 44 trabalhos acadêmicos entre monografias de graduação e de pós-graduação (especialização) e dissertações, envolvendo o tema indústria, industrialização, trabalho e trabalhador, conforme apresentado no Anexo 01. Os trabalhos de conclusão de curso foram realizados pelos alunos de Administração, Direito, Ciências Econômicas, Economia Doméstica e Geografia, e contemplam temas variados, como aspectos jurídicos, técnicos, econômicos, desenvolvimento territorial, influências, caracterização, comportamento e acidentes de trabalho como LER/DORT.

Alguns estudos realizados por acadêmicos possuem proximidade com o tema abordado, sendo utilizados como apoio no desenvolvimento desta pesquisa. Dentre os trabalhos encontrados no acervo da Unioeste, observamos que o curso que mais

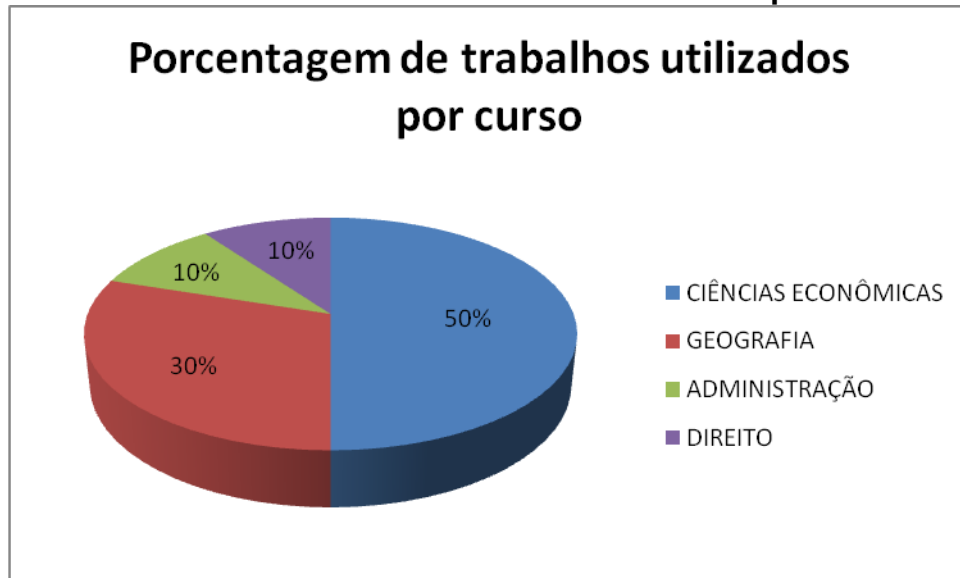
produziu estudos sobre indústria e trabalho foi o de Ciências Econômicas, conforme Gráfico 01.



O Curso de Ciências Econômicas apresentou dezenove trabalhos, o Curso de Geografia apresentou quatorze, o Curso de Direito apresentou seis, o Curso de Administração apresentou quatro e o de Economia Doméstica, um.

Desses trabalhos, selecionamos dez para análise, sendo oito de cursos de graduação um de especialização (pós-graduação *lato sensu*) e um de mestrado. A escolha levou em consideração a existência de informações que caracterizavam as indústrias do Sudoeste do Paraná e, principalmente, a indústria de confecção do vestuário, relatos e dados que pudessem caracterizar os operários e os acidentes e as doenças de trabalho.

O Curso de Ciências Econômicas possui o maior número de estudos entre os dez utilizados como auxílio nesta pesquisa, com cinco. O Curso de Geografia apresentou três; o curso de Direito, um; Administração um e Economia Doméstica nenhum. O Gráfico 02 apresenta a porcentagem de trabalho analisados por curso.

**Gráfico 02: Número de trabalhos utilizados por curso**

Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, em março de 2012.

Através deste levantamento, constatamos que os acadêmicos de Geografia não priorizam os assuntos relacionados à indústria e ao trabalho, pois o curso apresentou quatorze trabalhos sobre este tema, sendo três utilizados no desenvolvimento deste trabalho. Diferentemente, no entanto, o Curso de Ciências Econômicas apresenta dezenove estudos e cinco deles foram utilizados. Isso pode ser decorrência do grande campo de atuação da Geografia e pela concentração das pesquisas no segmento do meio ambiente, que está em voga.

Embora o objetivo não seja avaliar os trabalhos realizados no Curso de Geografia, indicamos este tema como de suma importância para pesquisas futuras que podem trazer indicativos importantes à área. Mesmo em menor número, os trabalhos realizados na Geografia contribuíram mais intensamente no desenvolvimento desta pesquisa, pois apresentam maior aprofundamento nos levantamentos dos dados, abrangendo aspectos históricos, sociais e econômicos, fornecendo amparo aos trabalhos realizados pelos demais cursos.

Na sequência, apresentamos uma síntese dos trabalhos, com enfoque nas informações referentes à indústria e ao trabalho no setor de confecção da região Sudoeste.



## **1.2 Características das indústrias do Sudoeste do Paraná segundo as pesquisas realizadas**

A indústria de confecção no Brasil passou por inúmeros acontecimentos até chegar às características atuais. Segundo Pinto (2008), de 1996 a 2005, o setor sofreu grave recessão, o que foi atribuído à falta de investimentos em tecnologias, à falta de importação de novas tecnologias e à própria característica do mercado interno. Nesse período, no entanto, mesmo não desenvolvendo todo seu potencial, a recessão não impediu de todo o seu crescimento.

O Sudoeste do Estado apresenta um histórico diferente do resto do país quando se trata da indústria de confecção. De acordo com Saquet (2006), em um dos maiores períodos de recessão em todo país, a região obteve excelente percentual de desenvolvimento, inclusive o de utilização de mão de obra. Essa situação pode ter sido gerada pela criação de pequenas indústrias, que contribuíram para o crescimento do número de empresas e pelo número de funcionários, pois não exigem elevado grau tecnológico na produção.

Para Rizzi (1984 apud FLORES, 2009 p. 75), o consumo de roupas industrializadas e, por consequência, o desenvolvimento da indústria de confecção no Sudoeste foi potencializado pela atividade avícola, quando grandes indústrias se instalaram em Francisco Beltrão e Dois Vizinhos. As instalações na região também foram influenciadas pela elevada oferta de mão de obra, com a redução da utilização da força humana no campo. O desenvolvimento tecnológico no setor agrícola contribuiu para que o trabalhador rural ficasse disponível por um preço baixo.

Parte do desenvolvimento da indústria de confecção, segundo Saquet (2006), ocorre também pela utilização de mão de obra pelas empresas de centro maiores como São Paulo-SP, que terceirizam o serviço nas pequenas facções distribuídas em todo Sudoeste. A região é composta por pequenas empresas devido ao baixo custo de implantação. É, portanto, notável que o desenvolvimento tecnológico seja baixo e a utilização de pessoas seja grande, podendo ser outro fator que contribui para o grande número de trabalhadores na região. Segundo Felipe (2009), de 2002 a 2007, o aumento do número de funcionários foi proporcionalmente maior que o aumento na produção, por causa do baixo desenvolvimento tecnológico adotado.

A partir da análise dos estudos realizados pelos acadêmicos da Unioeste, foi possível perceber que Francisco Beltrão e Ampére são os municípios mais

estudados. Essa prioridade pode ser indicada pela importância que o setor da confecção possui nesses municípios, embora não seja apenas no Sudoeste do Estado que a indústria de confecção se destaca. Segundo Bertollo (2011), o Paraná é um dos Estados com maior representatividade econômica no setor de confecções no Brasil, empregando 67.426 trabalhadores em mais de 4.647 estabelecimentos industriais.

De acordo com Saquet (2006), o setor possui o maior número de estabelecimentos e de emprego na região Sudoeste. No momento do desenvolvimento de sua pesquisa, em 2006, a Krindges Industrial Ltda. possuía 1.500 funcionários, em Ampére, que, naquele ano, possuía 15.000 habitantes, o que equivale a 10% dos empregos gerados no município.

Segundo Carvalho (2006), Ampére – PR é um polo estadual da indústria de confecções por possuir um grande número de empresas e trabalhadores. Ainda assim, existe no município mão de obra excedente. Os trabalhadores que compõem essa mão de obra em excesso podem ser utilizados para caracterizar os trabalhadores empregados no município. A mão de obra excedente<sup>1</sup> caracteriza um grupo de pessoas em precárias condições de habitação, de alimentação e de saúde, resultado dos baixos salários oriundos dos trabalhos sazonais. O autor apresenta, como justificativa dos baixos salários, o baixo nível de escolaridade, a idade avançada e a pouca ou nenhuma experiência profissional no setor que mais emprega no município.

Carvalho (2006) demonstra que, mesmo considerados baixos, os salários oferecidos pelas indústrias no município ainda proporcionam condições mínimas de sobrevivência, diferentemente dos trabalhadores excedentes do município, que se deslocam para Fraiburgo-SC em período de coleta da safra de maçãs. Os trabalhadores rejeitados pelas indústrias possuem grau de escolaridade inadequado, pouca experiência e idade incompatível com as desejadas pela indústria. É, portanto, possível traçar uma breve e simples caracterização dos trabalhadores dessas indústrias, que possuem uma idade média, razoável (para baixo) grau de escolaridade, pouca experiência na atividade e faixa salarial baixa, mas ainda melhor que a remuneração fora do setor.

---

<sup>1</sup> Mão de obra não empregada nos dois maiores setores produtivos do município: a indústria de confecção do vestuário e madeira e mobiliário.

Segundo Bertollo (2011), a rotatividade no setor é muito grande, e também se justifica pelo baixo salário, pela predominância de mão de obra feminina, que geralmente possui dupla jornada de trabalho (atividade doméstica e indústria), idade entre 18 e 30 anos e baixo grau de escolaridade.

Em comparação com outros polos do setor no país, a remuneração do trabalhador na região Sudoeste do Paraná é bastante inferior. De acordo com Saquet (2006), é menor até que o salário pago aos trabalhadores da cidade de São Paulo-SP, onde o custo de vida é maior, assim como a oferta de mão de obra.

Segundo Flores (2009), o baixo valor da mão de obra é justificado pelo menor custo de vida que a região Sudoeste apresenta. Alimentação, moradia, vestuário e, principalmente, o transporte são inferiores aos demais polos de confecção. Outra característica é que os trabalhadores da região têm casa própria, o que diminui consideravelmente o custo de vida, já que não pagam aluguel. A propriedade desses imóveis se dá principalmente pela origem agrícola desses trabalhadores, que deixaram as atividades no campo para se estabelecer na cidade e pelo baixo custo dos imóveis, se comparado com municípios maiores.

Para Saquet (2006), a falta de qualificação nas indústrias da região está ligada à baixa remuneração dos trabalhadores mais preparados, com maior grau de instrução e experiência. A mão de obra limitada no sentido técnico e tecnológico (e de baixo custo) é atrativa para as grandes empresas de centros maiores.

Através das pesquisas apresentadas, identificamos que uma das principais queixas do setor se relaciona aos baixos salários, que atraem mão de obra desqualificada, o que pode ser um potencializador para acidentes de trabalho. Segundo Zambon (2011), a indústria têxtil do Sudoeste é caracterizada pela montagem das peças do vestuário, processo que emprega o maior número de mão de obra devido à baixa tecnificação, bem como pelos baixos salários e pela pouca qualificação da mão de obra, sem distinção entre pequenas, médias ou grandes fábricas. A indústria de confecção utiliza a maior parte da mão de obra feminina, que é até quatro vezes superior ao emprego da mão de obra masculina. Já o setor de madeira e mobiliário emprega até 10 vezes mais a força masculina. Essa diferença por gênero se mantém desde a década de 1990.

A utilização da mão de obra feminina supera a masculina na indústria de confecção. Segundo Vedana (2006), isso ocorre por ser um trabalho tradicionalmente feminino e por não requerer uso de força muscular. A inserção da

mão de obra feminina veio acompanhada da redução do salário, que, segundo Flores (2009), geralmente é menor que o salário pago para os homens. O baixo salário praticado pelas empresas da região difere do valor pago para o segmento em outras regiões do Estado e do país.

Conforme Zambon (2011), os homens que ingressaram na indústria têxtil possuem grau de instrução maior que as mulheres, enquanto que na indústria da madeira e mobiliário ocorre o inverso.

O grau de instrução dos trabalhadores das indústrias de confecção, madeira e mobiliário em Ampére vem evoluindo, pois, no ano de 1985, 78,87% dos trabalhadores do setor possuíam Ensino Fundamental incompleto e, em 2010, esse número caiu para apenas 15,08%. Nesse período ocorreu um crescimento do número de empregos no município e a maior parte dos trabalhadores que ocuparam os postos de trabalho possui Ensino Médio completo. A indústria de confecção, assim como a de mobiliário e madeira, contribuiu para o desenvolvimento do nível de escolaridade, que aumentou ao longo dos anos.

Descrevendo a metodologia utilizada pela Krindges Industrial Ltda., que adota o processo de cronoanálise, monitorando o tempo/quantidade da produção de cada funcionário e oferece incentivo financeiro àqueles que ultrapassam a produção padrão, Saquet (2006) demonstra que a intensificação do trabalho nas indústrias de confecção no Sudoeste é uma prática comum e prejudicial à saúde e do bem-estar. As empresas estabelecem um tempo limite para produção de um determinado número de peças e ainda gratificam financeiramente quem superar essas metas. Essa é uma forma de coação à intensificação do trabalho, já que o tempo é controlado. É cada vez menor o número de trabalhadores que conseguem atingir e ultrapassar a meta determinada mediante gratificação.

Segundo Flores (2009), em seu levantamento sobre a situação da classe trabalhadora no Sudoeste do Paraná, o principal acidente de trabalho ocorrido nas indústrias de confecções locais é a LER. No momento da pesquisa, muitos trabalhadores desse setor estavam afastados temporariamente do trabalho em função dessa doença.

De acordo com Ramos (2008), os trabalhadores mais afetados por doenças ocupacionais estão na faixa etária dos 30 aos 40 anos. O estresse é um dos grandes causadores de doenças ocupacionais, que podem ser geradas por ansiedade, depressão, mudança no estilo de vida e exposição a um determinado

ambiente que pode levar à angústia. A concepção do estresse pode estar em ansiedade, antagonismo, exaustão, frustração, despreparo, excesso de trabalho, tensão pré-menstrual, confusão mental e medo. No local de trabalho, segundo Ramos (2008), as causas do estresse podem estar nas pesadas cargas de trabalho, na pressão excessiva, nas demissões e na reestruturação organizacional, além de condições econômicas.

Quanto à indústria de confecção, podemos perceber que as características desse setor industrial se encaixam nas condições que, segundo Ramos (2008), são potencialmente causadoras de estresses, tornando a atividade uma possível causadora de acidentes de trabalho. Borille (2008) relata que o aumento das doenças relacionadas ao trabalho, devido à intensificação da mão de obra e à mecanização do indivíduo, provoca perda da vontade de trabalhar decorrente do desconforto corporal gerado na execução de sua atividade. Segundo o autor, o Brasil possui um dos maiores índices de acidentes de trabalho do mundo.

Recorrendo à legislação brasileira, Borille (2008) apresenta a portaria do Ministério da Previdência Social que estabelece a LER/DORT como doenças do trabalho e indica que tais enfermidades são responsáveis pelo maior índice de doenças ocupacionais notificadas pela Previdência Social. O Decreto Presidencial nº 2.172/1997 equipara, para todos os efeitos legais, doenças do trabalho aos acidentes do trabalho.

No desenvolvimento da análise das pesquisas sobre a indústria do Sudoeste, com foco na indústria de confecção, foi possível observar unanimidades entre os autores em relação ao seguinte: (i) a mão de obra local é desqualificada, mal remunerada e, geralmente, com baixo nível de escolaridade e (ii) no entanto, mesmo que de maneira tímida, a indústria de confecções da região continua em desenvolvimento, principalmente as de facção (sistema de terceirização), uma vez que empresas de centros maiores se beneficiam do baixo custo de mão de obra da região para o desenvolvimento de seus produtos.

Para compararmos a região Sudoeste do Paraná com outro polo do setor, utilizamos informações de Jinkings e Amorim (2006), que relatam o caso de Santa Catarina, em que a terceirização é um processo comum e incentivado pelas grandes empresas do setor, elevando os índices de acidentes e de doenças de trabalho, em que as costureiras têm jornada maior, nenhum tipo de proteção laboral e recebem salários inferiores aos trabalhadores formalmente contratados.

A baixa qualificação profissional, o pouco desenvolvimento tecnológico, a utilização intensiva de mão de obra, a grande competitividade nacional e, principalmente internacional, tem obrigado as indústrias a adotarem estratégias (ou desculpas), para reduzir o custo de produção. As principais ações tomadas para essa redução são, primeiro, os baixos salários e o aumento da produção por força da intensificação da mão de obra e, em seguida, pouco ou nenhum investimento em qualificação. Essas características ainda hoje têm afastado os trabalhadores do setor. É possível identificar, junto às agências de emprego da região, a disponibilidade de vagas, principalmente vagas para costureira.

Muitas empresas adotam outras estratégias para superar a escassa mão de obra, como pode ser observado nas Figuras 01 e 02, em que empresas anunciam vagas através de faixas na fachada das indústrias.

**Figura 01: Indústria em Francisco Beltrão em busca de costureiras**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Francisco Beltrão – PR, 24/5/2012.

A faixa com a frase “Contrata-se costureira”, na fachada do barracão de uma empresa de Francisco Beltrão, apresenta sinais de envelhecimento, o que demonstra que está fixada na frente do imóvel há algum tempo.

**Figura 02: Indústria em Ampére em busca de costureiras**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Francisco Beltrão – PR, 24/5/2012.

A Figura 02 demonstra a estratégia adotada por uma indústria de confecção em Ampére que, assim como a empresa de Francisco Beltrão, busca mão de obra mediante anúncio direto, ou seja, por meio de uma faixa fixada no portão com a frase “Precisa-se de costureira(o)”. Essa faixa está há tempos afixada na frente da empresa, o que indica a necessidade constante de funcionários.

Em entrevistas com os trabalhadores das indústrias de confecção do vestuário nos municípios de Francisco Beltrão e Santo Antônio do Sudoeste, questionamos sobre o motivo da falta de costureiras. As cinco pessoas entrevistadas acreditam que o principal motivo do abandono e da falta de trabalhadores é o baixo salário.

Mediante as informações das características das indústrias e dos trabalhadores da região Sudoeste, é possível perceber o potencial risco de acidentes de trabalho a que esses trabalhadores estão expostos e vêm sofrendo, devido a situações como intensificação das atividades, esforços repetitivos, pressão para atendimento de metas, desqualificação e baixos salários, características do setor que são alguns dos causadores de acidentes como: LER/DORT e doenças mentais e comportamentais. Assim, portanto, as atividades dos trabalhadores das

indústrias de confecção do Sudoeste do Paraná podem ser consideradas insalubres e responsáveis pela perda da qualidade de vida dessa população.

### **1.3 Conclusão do capítulo**

A falta de pesquisas acadêmicas voltadas aos acidentes e doenças de trabalho nas indústrias de confecção do Sudoeste pode ser constatada pelo levantamento dos trabalhos acadêmicos realizado na biblioteca da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* de Francisco Beltrão, no período de 2006 a 2011. Identificamos 44 trabalhos acadêmicos envolvendo os temas indústria, industrialização, trabalho e trabalhador.

Algumas pesquisas abordam tais temas, mas o fazem de forma periférica, e nenhuma trata diretamente dos acidentes e das doenças de trabalho. Nesses estudos há relatos e percepções que demonstram essa temática, mas apenas de forma indireta. Por isso há a necessidade de estudos mais aprofundados, utilizando dados e informações que possam caracterizar essa situação na indústria de confecção.

Na análise dos trabalhos acadêmicos, identificamos algumas características das indústrias do Sudoeste do Paraná, segundo a visão de cada autor: (i) existência de um polo industrial de confecções do vestuário que, mesmo com uma industrialização tardia, se destaca no Estado como um dos principais polos produtores; (ii) utilização de pouca tecnologia em contraste com o uso intenso de mão de obra, onde há predominância da mão de obra feminina e baixa escolaridade; (iii) salários, considerados baixos pelos trabalhadores; (iv) indisponibilidade de mão de obra; e (v) perceptíveis números de acidentes de trabalho e emprego.

Nos próximos capítulos, buscamos demonstrar as características das indústrias de confecção do vestuário e sua importância para o Sudoeste, assim como apontar o perfil dos trabalhadores, aspectos salariais, número de acidentes e doenças de trabalho no setor e refletir sobre as condições de trabalho no sistema capitalista.



## **CAPÍTULO 2**

### **INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES NO SUDOESTE DO PARANÁ**

#### **2.1 Características das indústrias de confecção no Sudoeste do Paraná**

O processo de industrialização no Brasil se intensificou em meados da década de 1930, influenciado pelo Estado. A industrialização do país gerou um forte movimento de urbanização das cidades, retirando grande número de pessoas da área rural, com ênfase entre 1940 e 1980. A maior intensidade desse processo ocorreu inicialmente em São Paulo, deixando os demais Estados na sua dependência. O Paraná era um fornecedor de produtos primários para São Paulo e um consumidor de produtos industrializados.

Com o desenvolvimento econômico na década de 1970, o Paraná teve condições de iniciar seu processo de industrialização. O Sudoeste, colonizado a partir da década de 1940, permaneceu fora de qualquer ação do Estado, ficando isolado até o final dos anos 1960, quando a região começou a ser servida de obras de infraestrutura, como estradas, rede de comunicação e energia elétrica.

Para Corrêa (1970 apud FLORES, 2009), até o final dos anos de 1960, a industrialização no Sudoeste do Paraná era inexpressiva e baseada em produtos que utilizavam a matéria-prima da região, como madeira e mobiliário, alimentos, telhas e tijolos.

De acordo com Flores (2009), a intensificação da saída da população rural do campo para as cidades ocorreu nos anos de 1980, quando as indústrias que utilizavam a matéria-prima do campo começaram a sair do meio rural. Nessa década, o Sudoeste paranaense já possuía um considerável parque industrial com posição de destaque na economia do Estado. Com o crescimento industrial, com ênfase na indústria da madeira, do mobiliário e de alimentos, surgem as indústrias de confecção, ocasionando profundas mudanças econômicas na região. As indústrias de confecção não participaram do processo inicial de industrialização do Sudoeste, pela dificuldade de acesso à matéria-prima, que não era produzida na região.

Para Flores (2009), a população da região, composta em grande parte por caboclos, não tinha preocupação com as vestimentas e grande parte das roupas utilizadas era confeccionada em casa, o que contribuía para a não formação desse

segmento industrial na região. A confecção de roupas em casa era tão intensa que meninas por volta dos 13 anos de idade já costuravam.

Com a saída da população do meio rural para as cidades ocorreu o aumento do consumo e a necessidade de aumento de produção. Então alfaiates que costuravam em casa começaram a ampliar sua produção, para isso utilizando mais mão de obra, encontrada geralmente entre os migrantes que se deslocavam do campo para a cidade. Grande parte dessa mão de obra já era habituada ao trabalho de costura, pois mantinha o hábito de confeccionar suas roupas em casa, o que deu origem à maioria das indústrias de confecção.

De acordo com o CAGED (2012), a região Sudoeste do Paraná, localizada no mapa da Figura 03, é composta por 42 municípios<sup>2</sup>, estes distribuídos em quatro microrregiões, conforme Tabela 01.

**Tabela 01: Microrregiões e municípios do Sudoeste do Paraná**

<b>Microrregião</b>	<b>Municípios</b>
Capanema	Ampére
	Bela Vista da Caroba
	Capanema
	Pérola do Oeste
	Planalto
	Pranchita
	Realeza
	Santa Izabel do Oeste
Francisco Beltrão	Barracão
	Boa Esperança do Iguaçu
	Bom Jesus do Sul
	Cruzeiro do Iguaçu
	Dois Vizinhos
	Enéas Marques
	Flor da Serra do Sul
	Francisco Beltrão
	Manfrinópolis
	Marmeleiro
	Nova Esperança do Sudoeste
	Nova Prata do Iguaçu
	Pinhal de São Bento
	Renascença
	Salgado Filho
	Salto do Lontra
	Santo Antônio do Sudoeste
São Jorge do Oeste	
Verê	

<sup>2</sup> A divisão das microrregiões e dos municípios segue o apresentado pelo CAGED.

continuação

Microrregião	Municípios
Palmas	Clelândia
	Coronel Domingos Soares
	Honório Serpa
	Mangueirinha
	Palmas
Pato Branco	Bom Sucesso do Sul
	Chopinzinho
	Coronel Vivida
	Itapejara do Oeste
	Mariópolis
	Pato Branco
	São João
	Saudade do Iguaçu
	Sulina
	Vitorino

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborada por Adir Silvério Cembranel, 2012.

**Figura 03 – Localização da região Sudoeste do Paraná**

Fonte: IBGE, 2005. Elaborado por: Mafalda Nesi Francischett, 2008.

Segundo o CAGED (2012), as indústrias de confecção estão classificadas como indústria de transformação, no subsetor indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido. O Sudoeste do Paraná, em seus 42 municípios, apresenta 299 indústrias

de confecção do vestuário, considerando as legalmente instaladas. As empresas informais não fazem parte desses números, no entanto, em todos os municípios da região, principalmente nos mais atuantes do setor, existem pequenas facções que atendem à demanda da terceirização ofertada pelas empresas maiores e apresentam poucos funcionários, em um espaço restrito e com precárias condições de trabalho. Mesmo se sabendo de sua existência, não foram encontradas informações referentes à quantidade ou à localização dessas empresas que, reunidas, representam uma expressiva quantidade de trabalhadores desse setor. A Tabela 02 demonstra a quantidade de indústrias e de trabalhadores formalmente instaladas em cada município.

**Tabela 02: Número de indústrias e de trabalhadores por município**

<b>Nº</b>	<b>Municípios do Sudoeste</b>	<b>Indústrias</b>	<b>Trabalhadores</b>
01	Ampére	27	1422
02	Barracão	3	84
03	Bela Vista da Caroba	0	0
04	Boa Esperança do Iguaçu	0	0
05	Bom Jesus do Sul	0	0
06	Bom Sucesso do Sul	2	87
07	Capanema	9	230
08	Chopinzinho	6	119
09	Clevelândia	2	5
10	Coronel Domingos Soares	0	0
11	Coronel Vivida	7	257
12	Cruzeiro do Iguaçu	3	124
13	Dois Vizinhos	22	521
14	Enéas Marques	2	40
15	Flor da Serra do Sul	6	206
16	Francisco Beltrão	42	800
17	Honório Serpa	0	0
18	Itapejara do Oeste	5	101
19	Manfrinópolis	1	14
20	Mangueirinha	9	351
21	Mariópolis	1	31
22	Marmeleiro	2	34
23	Nova Esperança do Sudoeste	6	159
24	Nova Prata do Iguaçu	14	427
25	Palmas	6	11
26	Pato Branco	18	110
27	Perola do Oeste	0	0
28	Pinhal de São Bento	2	77
29	Planalto	6	38
30	Pranchita	2	69
31	Realeza	8	72
32	Renascença	3	47

continuação

<b>N°</b>	<b>Municípios do Sudoeste</b>	<b>Indústrias</b>	<b>Trabalhadores</b>
33	Salgado Filho	3	88
34	Salto do Lontra	18	347
35	Santa Izabel do Oeste	5	378
36	Santo Antônio do Sudoeste	35	1116
37	São João	6	140
38	São Jorge do Oeste	12	324
29	Saudade do Iguaçu	3	31
40	Sulina	0	0
41	Verê	2	41
42	Vitorino	1	2
<b>Total</b>		<b>299</b>	<b>7903</b>

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012

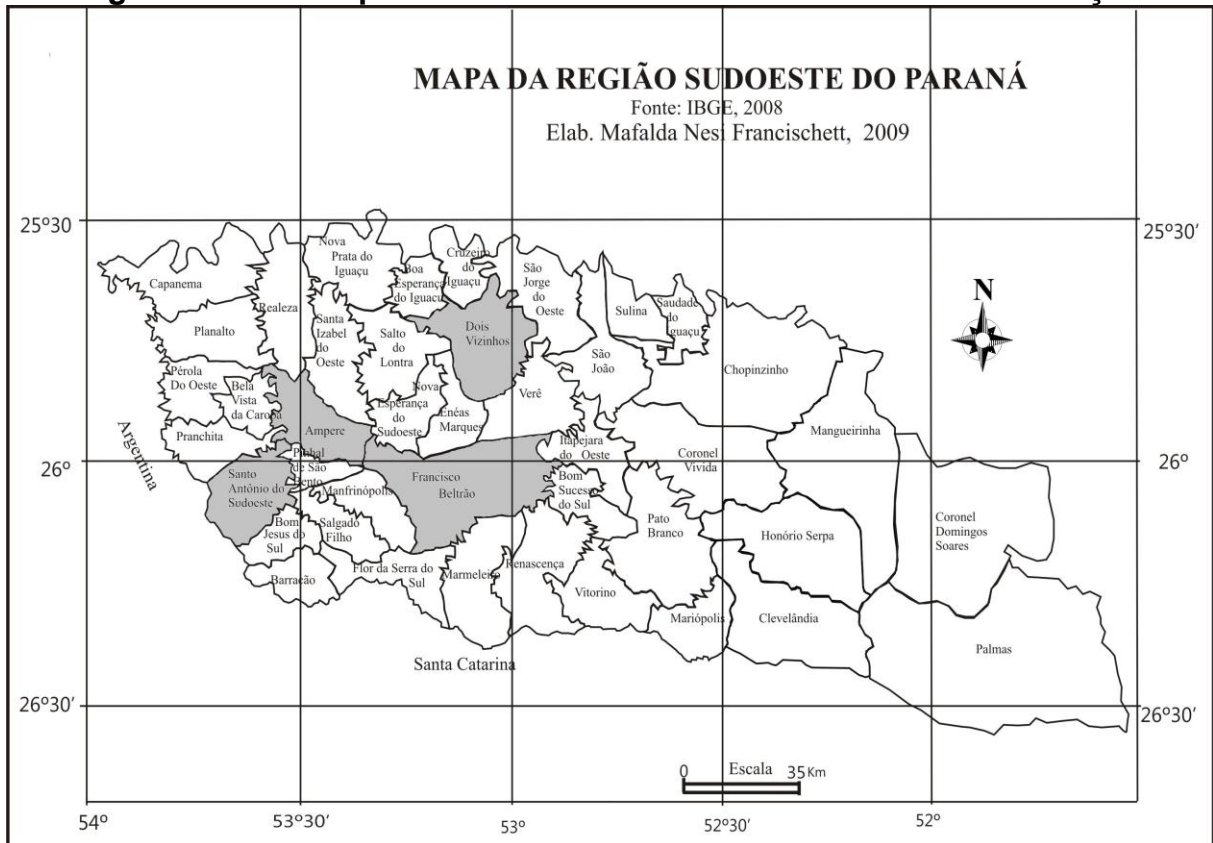
De acordo com o CAGED (2012), as 299 indústrias de confecção instaladas na região Sudoeste do Paraná são responsáveis por 7.903 empregos formais, o que equivale a aproximadamente 7,7% dos 102.453 trabalhadores formalmente registrados nos 42 municípios da região e 1,34% dos 587.591 habitantes do Sudoeste do Estado.

Assim como o número de empresas, os dados do CAGED (2012) não contemplam o número de trabalhadores que atuam nas empresas informais. Não foram encontradas informações sobre a quantidade de pessoas que atuam nesse setor, mas o número desses trabalhadores distribuídos nos municípios da região é representativo. A Tabela 02 apresenta o número de trabalhadores legalmente registrados em cada um dos 42 municípios que correspondem à região.

Conforme demonstrado na Tabela 02, os municípios mais representativos quanto à quantidade de empresas e ao número de funcionários são Ampére, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Santo Antônio do Sudoeste. A Figura 04 demonstra o mapa com a localização desses municípios na região Sudoeste. Os 42 municípios que formam a região Sudoeste do Paraná possuem, segundo o IBGE (2012), 587.591 habitantes e, de acordo com o CAGED (2012), desses, 7.903 habitantes trabalham nas 299 indústrias implantadas na região, o que corresponde a 1,34% da população do Sudoeste.

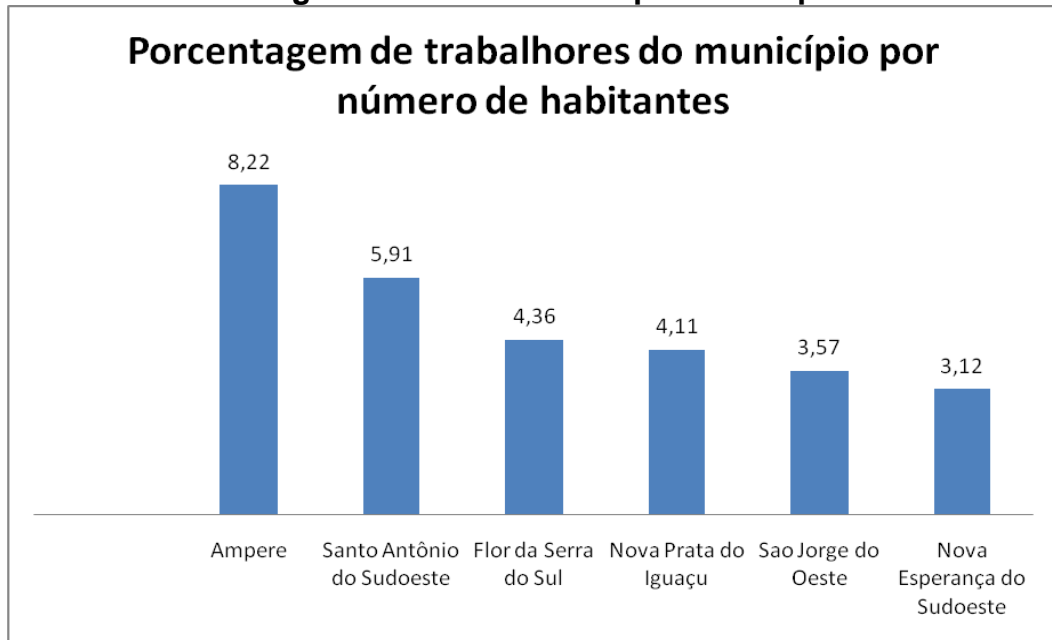
Considerando os dados do IBGE (2012) e os do CAGED (2012), apresentamos as maiores porcentagens de trabalhadores por município, como mostra o Gráfico 03.

**Figura 04 – Municípios com maior número de indústrias de confecção**



Fonte: IBGE, 2008. Elaborado por: Mafalda Nesi Francischett, 2009.

**Gráfico 03: Porcentagem de trabalhadores por município de maior índice**

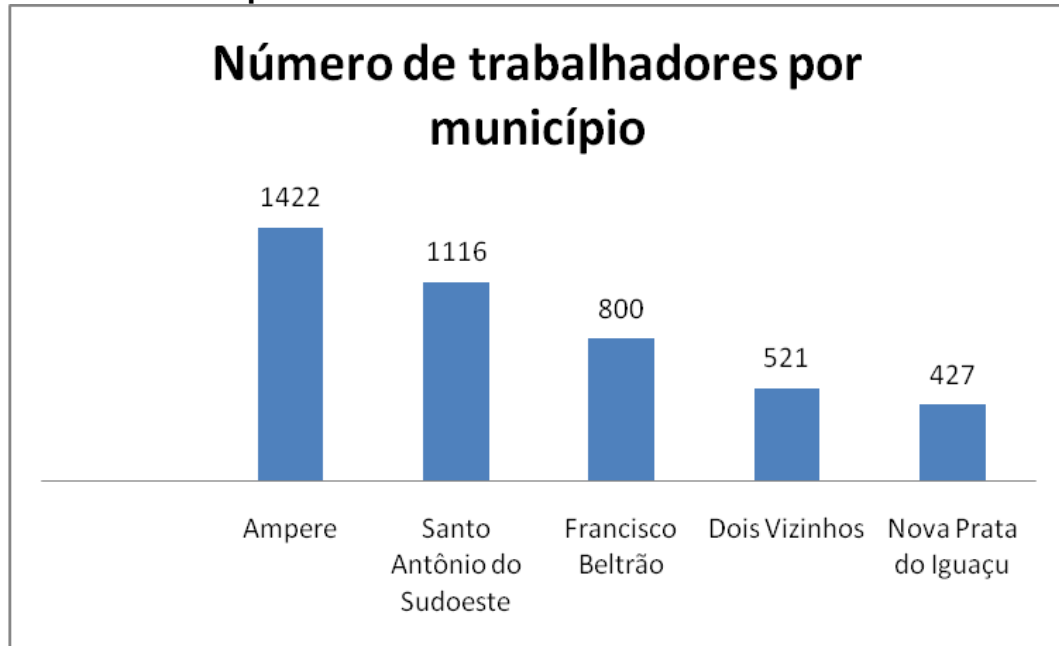


Fonte CAGED, 2012 – Elaborado por Adir Silvério Cembranel, 2012.

De acordo com o Gráfico 03, Ampére e, na sequência, Santo Antônio do Sudoeste, são os municípios que possuem o maior percentual de trabalhadores da indústria da confecção do Sudoeste do Paraná.

O Gráfico 04 demonstra o número de trabalhadores nos municípios com o maior número de trabalhadores formalmente registrados.

**Gráfico 04: Municípios com o maior número de trabalhadores do Sudoeste**

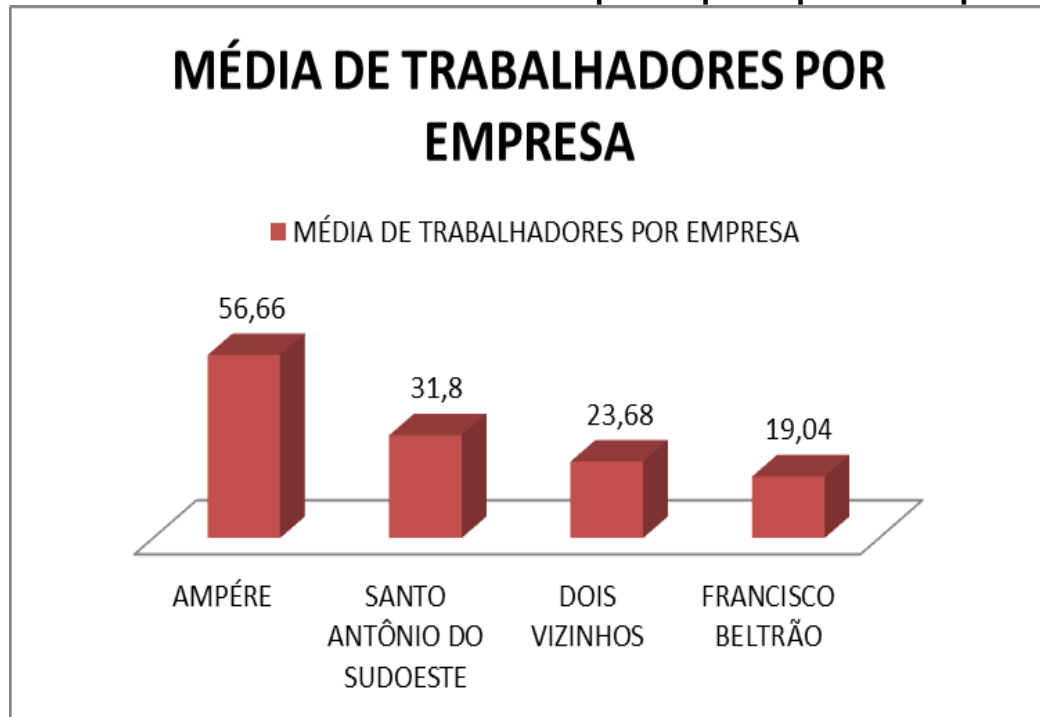


Fonte CAGED, 2012 – Elaborado por Adir Silvério Cembranel, 2012.

Analisando os Gráficos 03 e 04, observamos que Ampére e Santo Antonio do Sudoeste possuem o maior número de trabalhadores e a maior porcentagem de trabalhadores por número de habitantes entre os 42 municípios da região Sudoeste do Estado, o que demonstra a importância que a atividade possui para a população desses municípios.

Verificamos, no entanto, que o município com o maior número de empresas do setor não é aquele com o maior número de funcionários. Francisco Beltrão possui, segundo o CAGED (2012), 42 empresas e emprega 800 trabalhadores.

No Gráfico 05 é possível observar a média de trabalhadores por empresa nos municípios mais representativos. Ampére, além de possuir o maior número de funcionários do setor, possui também a maior média de trabalhadores por empresa. Francisco Beltrão apresenta a maior quantidade de empresas, porém emprega o menor número de funcionários e tem a menor média de funcionários por empresa.

**Gráfico 05: Média de trabalhadores por empresa por município**

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel

Os números apresentados indicam o motivo por que os municípios de Ampére e Francisco Beltrão são os mais citados em pesquisas e estudos, pois apresentam um elevado número de empresas e de funcionários.

A grande maioria dos trabalhadores nas indústrias de confecção do Sudoeste é do sexo feminino e essa característica pode ter decorrido do modo de industrialização da região e da necessidade de complemento salarial familiar. Se comparado ao Estado de Santa Catarina, o número de trabalhadores do sexo feminino da região Sudoeste tem destaque ainda maior.

Segundo Jinkings e Amorim (2006), a população de trabalhadores da indústria têxtil em Santa Catarina é composta por 62,72% de mulheres e 37,28% de homens, ficando abaixo da porcentagem apresentada no Sudoeste do Paraná.

A Tabela 03 demonstra o número de trabalhadores classificados por gênero nos municípios mais representativos para o setor da confecção.



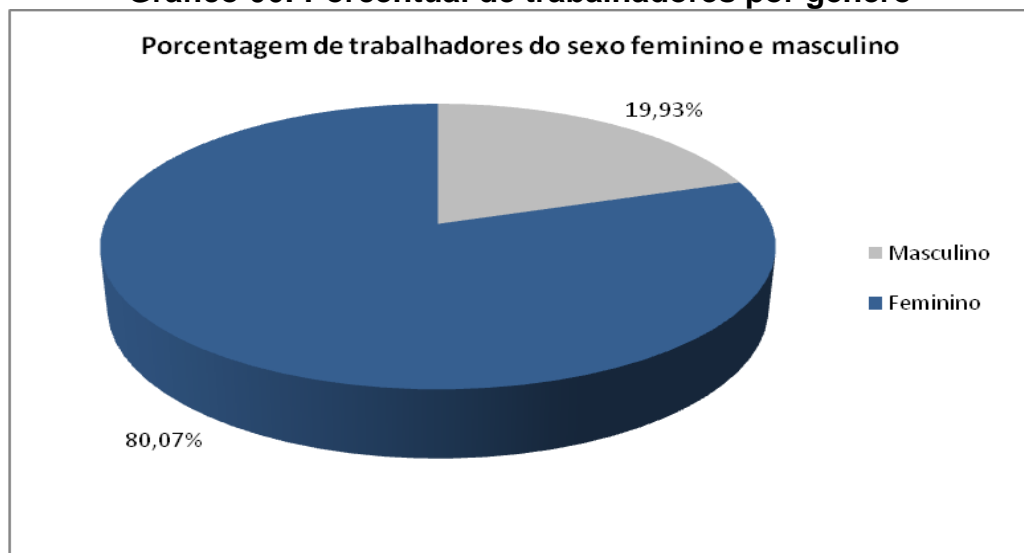
**Tabela 03: Número de trabalhadores por gênero e município**  
 N° de trabalhadores por  
 gênero

Município	N° total de trabalhadores	Masculino	Feminino
Ampére	1422	252	1170
Francisco Beltrão	800	105	695
Santo Antônio do Sudoeste	1116	306	810
Dois Vizinhos	521	106	415

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Como é possível observar na Tabela 03, o número de trabalhadores do sexo masculino no setor é muito inferior ao de trabalhadores do sexo feminino. Utilizando como referências os municípios de Francisco Beltrão, Ampére, Santo Antônio do Sudoeste e Dois Vizinhos, podemos inferir que a principal mão de obra do setor de confecções na região Sudoeste é de trabalhadores do sexo feminino, como pode ser observado no Gráfico 06.

**Gráfico 06: Porcentual de trabalhadores por gênero**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por Adir Silvério Cembranel, 2012.

O salário dos funcionários das indústrias de confecções é considerado muito baixo. Para definir a média salarial do setor da confecção utilizamos novamente

como referência os municípios com maior número de trabalhadores. Segundo o CAGED (2012), o salário médio do setor apresenta variação entre homens e mulheres, sendo que, em média, o salário da mulher equivale a 80,98% do salário pago aos homens.

Na Tabela 04, observamos a remuneração média entre gêneros nos principais municípios, sendo possível verificar a diferença salarial entre eles.

**Tabela 04: Salário médio entre trabalhadores por gênero e município**

Município	Nº de trabalhadores	Nº de trabalhadores		Média salarial/R\$	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ampére	1422	252	1170	642,57	497,24
Francisco Beltrão	800	105	695	779,61	589,71
Santo Antônio do Sudoeste	1116	306	810	646,63	586,35
Dois Vizinhos	521	106	415	757,41	615,42
Média entre os municípios				<b>706,55</b>	<b>572,18</b>

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Interpretando a Tabela 04, identificamos que a principal diferença salarial ocorre entre Francisco Beltrão e Ampére, sendo que a média salarial de Ampére equivale a aproximadamente 82% do que é pago em Francisco Beltrão. Outro fator relevante é que Ampére possui o maior número de trabalhadores entre os principais municípios, no entanto paga os menores salários. Já Francisco Beltrão, que possui o menor número de trabalhos dentre os principais, apresenta os maiores salários médios.

Conforme Jinkings e Amorim (2006), os trabalhadores de Santa Catarina, onde o número de trabalhadores do sexo feminino também é superior ao dos do sexo masculino, as mulheres possuem salário inferior, mesmo apresentando grau de instrução equivalente. Mesmo sendo maioria nas indústrias do setor, os postos de trabalho ocupados pelas mulheres são hierarquicamente inferiores aos dos homens.

Outro dado apresentado nos trabalhos pesquisados pode ser confirmado através do levantamento da idade média dos trabalhadores. Segundo o CAGED (2012), os trabalhadores das indústrias de confecção da região Sudoeste possuem,

na maioria, idade entre 18 a 39 anos, como mostra a Tabela 05, representada pelos municípios com o maior número de trabalhadores.

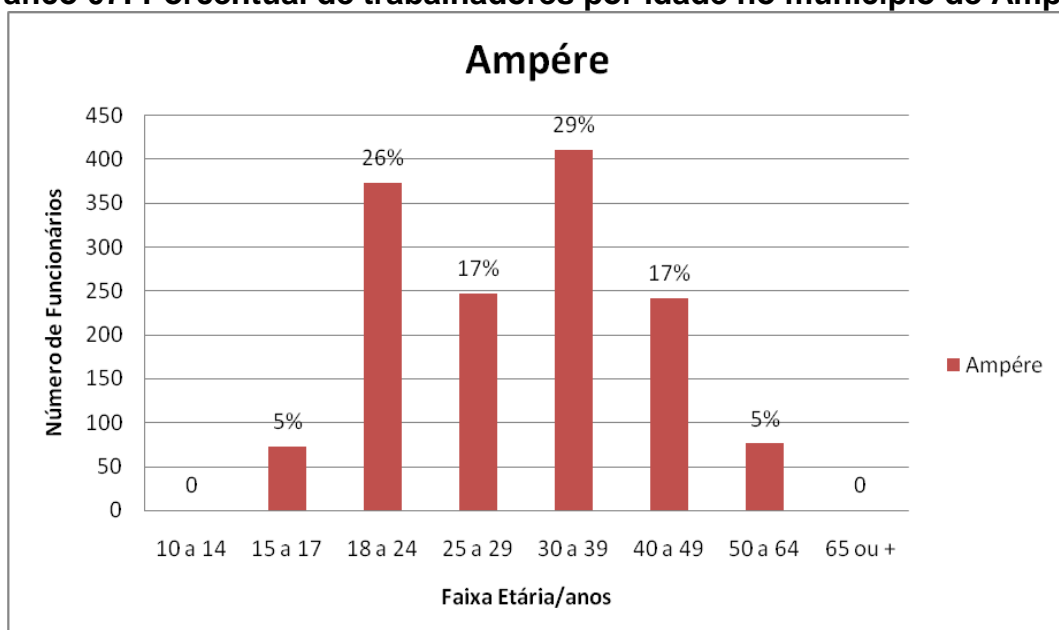
**Tabela 05: Número de trabalhadores por faixa etária**

Município	Faixa Etária/anos								Total
	10 a 14	15 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou +	
Ampére	0	73	373	247	411	242	76	0	1422
Dois Vizinhos	0	19	145	87	143	95	32	0	521
Francisco Beltrão	0	26	238	110	220	119	85	2	800
Santo Antônio do Sudoeste	0	51	336	213	294	157	64	1	1116

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Como é possível verificar na Tabela 05, Ampére ocupa intensamente a faixa etária de 18 a 49 anos, diferente dos demais municípios, que apresentam considerável variação entre as faixas etárias. Essa ampla distribuição dos trabalhadores é condizente com o fato de o município empregar 8,22% da população no setor. O Gráfico 07 apresenta o percentual de trabalhadores por faixa etária em Ampére.

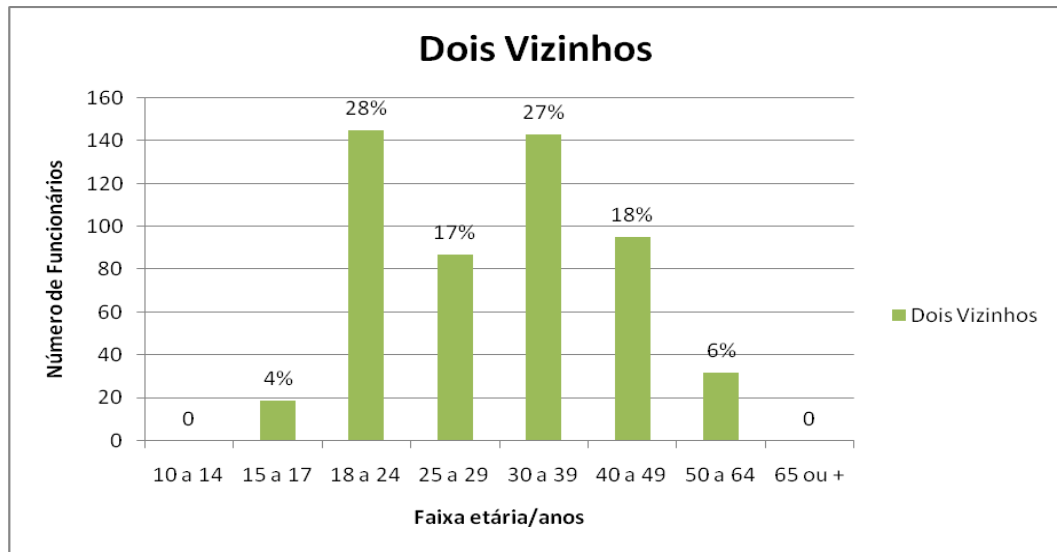
**Gráfico 07: Percentual de trabalhadores por idade no município de Ampére**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

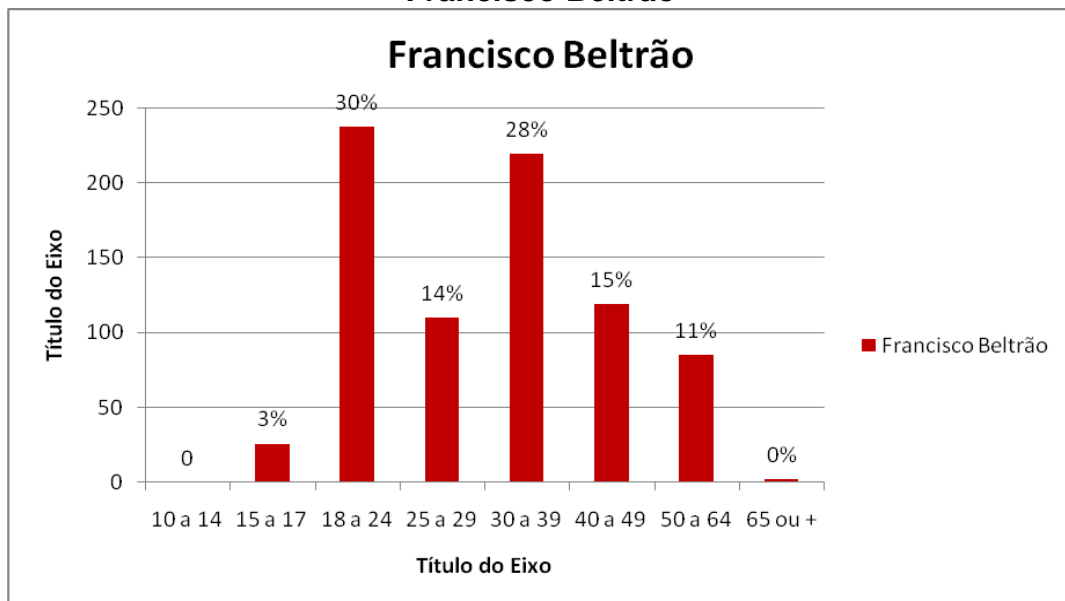
Diferentemente de Ampére, que apresenta a maioria dos trabalhadores do setor na faixa etária de 30 a 39 anos, nos municípios de Francisco Beltrão, Santo Antônio do Sudoeste e Dois Vizinhos a faixa etária predominante está entre 18 e 24 anos, como demonstrado nos Gráficos 08, 09 e 10.

**Gráfico 08: Porcentual de trabalhadores por idade no município de Dois Vizinhos**



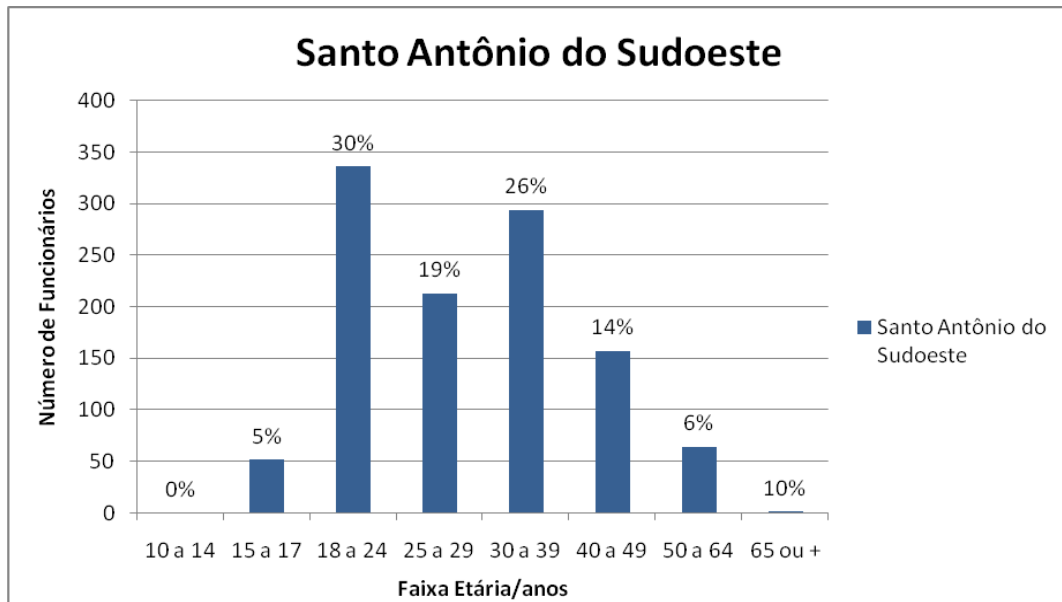
Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

**Gráfico 09: Porcentual de trabalhadores por faixa etária no município de Francisco Beltrão**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

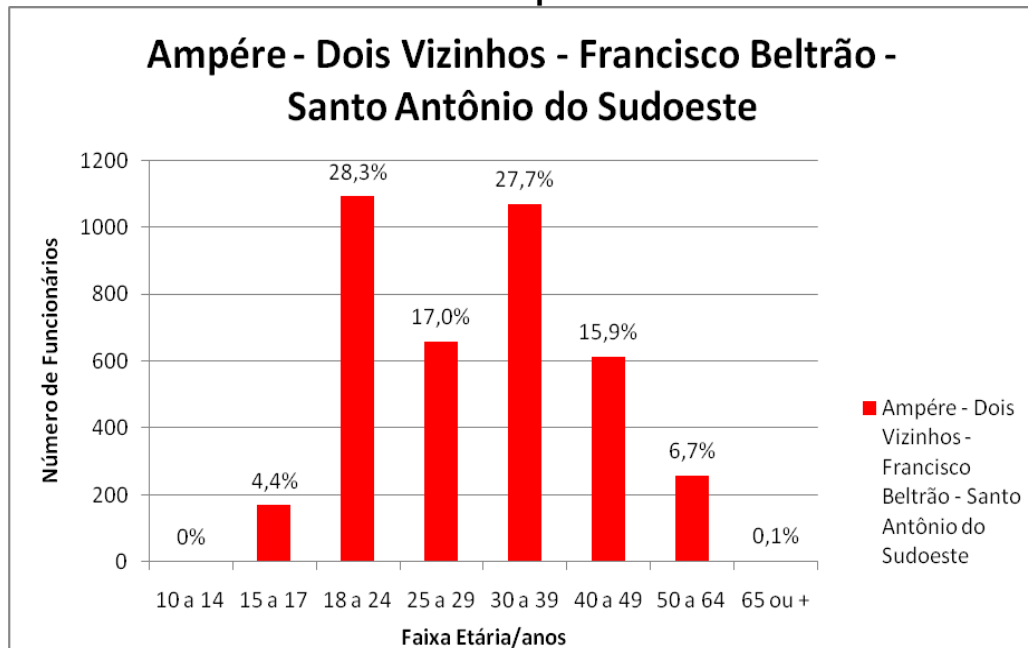
**Gráfico 10: Porcentual de trabalhadores por faixa etária no município de Santo Antônio do Sudoeste**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Se tomarmos como referência os municípios de Ampére, Francisco Beltrão, Santo Antônio do Sudoeste e Dois Vizinhos, para definir a faixa etária predominante do setor de confecção da região, podemos afirmar que 28,3% dos trabalhadores estão na faixa etária de 18 a 24 anos, conforme pode ser observado no Gráfico 11.

**Gráfico 11: Porcentual de trabalhadores por faixa etária no Sudoeste do Paraná**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

## 2.2 Principais atividades industriais do Sudoeste do Paraná

Para evidenciarmos a importância do setor de confecção do vestuário para o Sudoeste, apresentamos uma análise comparativa entre outros dois setores de grande importância para região, o setor alimentício e o setor de madeira e moveleiro. O CAGED disponibiliza informações sobre o setor de madeira e moveleiro de forma individual, no entanto, para a análise deste trabalho, os dois setores foram unificados devido à similaridade e à ligação entre eles. Essa similaridade pode ser constatada pela sua composição sindical patronal, pois os dois setores formam apenas um sindicato, o Sindicato das Indústrias Madeireiras e Moveleira do Sudoeste do Paraná (SINDIMADMOV).

### 2.2.1 Setor da Madeira e Moveleiro

De acordo com o CAGED (2012), o Sudoeste paranaense possui 5.755 trabalhadores no setor da madeira e moveleira, sendo 4.674 do sexo masculino e 1.081 do feminino. Os municípios mais representativos são Ampére, Francisco Beltrão, Palmas e Clevelândia. A Tabela 06 apresenta o número de funcionário por gênero e a remuneração média do setor, segundo os municípios mais representativos.

**Tabela 06: Número de trabalhadores por gênero e média salarial por município**

Município	Nº total de Trabalhadores	N.º de trabalhadores por gênero		Salário médio por gênero	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ampére	776	689	87	933,10	845,26
Francisco Beltrão	1.167	906	261	949,02	814,01
Palmas	1.036	820	216	800,23	552,15
Clevelândia	622	542	80	873,97	780,53

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Assim como na indústria de confecção do vestuário, os números apresentados acima são dados oficiais de trabalhadores formalmente registrados. Novamente identificamos que Francisco Beltrão apresenta os maiores salários entre

os principais municípios. Ampére aparece com o segundo maior salário do setor, superior ao salário dos trabalhadores das indústrias de confecção, sendo que a diferença média entre o salário dos trabalhadores do setor da madeira/moveleiro e da confecção é de R\$ 290,53 para o trabalhador do sexo masculino e de R\$ 348,02 para o trabalhador do sexo feminino. Essa diferença salarial justifica a grande rotatividade de trabalhadores nesse setor, que buscam alternativas de trabalho com maior remuneração.

Francisco Beltrão, além de pagar os maiores salários, possui o maior número de trabalhadores e, proporcionalmente, emprega o maior número de mulheres: 29%. Ampére utiliza apenas 12% da mão de obra feminina no setor de madeira e moveleiro, uma vez que grande porcentual de mão de obra feminina é empregada na indústria de confecção. Observamos a grande diferença na utilização de mão de obra por gênero entre os setores de confecção e da madeira e moveleiro se compararmos os Gráficos 06 e 12, que indicam números inversos na utilização de mão de obra masculina e feminina.

**Gráfico 12: Porcentual de trabalhadores por gênero setor de madeira e moveleiro no Sudoeste do Paraná**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

### 2.2.2 Setor alimentício

O Sudoeste, segundo o CAGED (2012), possui 12.577 trabalhadores no setor alimentício, sendo 7.559 do sexo masculino e 5.018 do feminino. Os mais representativos do segmento alimentício são Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos. Ampére é pouco relevante nessa área. A Tabela 07 apresenta o número de funcionários por gênero e a remuneração média do setor, segundo os municípios mais representativos, além de Ampére.

**Tabela 07: Número de trabalhadores por gênero e média salarial por município**

Município	Nº total de Trabalhadores	Nº de trabalhadores por gênero		Salário médio por gênero	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ampére	51	34	17	729,94	660,44
Francisco Beltrão	3421	1909	1512	1.168,87	830,92
Pato Branco	1005	506	499	1.030,00	731,17
Dois Vizinhos	3168	1985	1183	1160,00	815,31

Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Como os demais setores industriais, os números apresentados acima são dados oficiais de trabalhadores formalmente registrados. Uma particularidade pode ser observada na Tabela 07, em que aproximadamente 60% dos trabalhadores estão divididos em três municípios (Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Pato Branco). Nos demais municípios, o número é menos representativo. O expressivo número de trabalhadores do setor em Dois Vizinhos e Francisco Beltrão corresponde à indústria de abate de frango e peru, tendo a BRF Brasil Foods como principal empregador nos dois municípios. Novamente, Francisco Beltrão aparece como principal empregador, sendo responsável por 27,2% dos empregos formais da região, além de pagar os melhores salários, se comparado aos maiores geradores de empregos do Sudoeste. O salário pago pelas indústrias de Ampére aos trabalhadores do sexo masculino equivale a aproximadamente 62% do salário pago pelas indústrias de Beltrão.

O setor de alimentos é o que melhor remunera. Se compararmos o salário médio entre o setor alimentício e o da confecção, podemos perceber essa diferença.



Enquanto a média salarial do trabalhador do sexo masculino na área de alimentos é de R\$ 1.160,00, a área da confecção paga R\$ 642,57, uma diferença de R\$ 517,43, ou seja, o trabalhador da indústria de confecção do vestuário recebe 55,39% do salário do trabalhador do setor alimentício, o que representa que as indústrias de confecção pagam quase a metade.

A indústria alimentícia mantém percentuais equivalentes entre gêneros de trabalhadores, como é possível identificar na Tabela 07, diferentemente dos setores de madeira/moveleiro e da confecção do vestuário, em que há predominância de gêneros entre os trabalhadores, sendo que o primeiro setor emprega 81% de trabalhadores do sexo masculino e o setor da confecção do vestuário emprega aproximadamente 80% de mão de obra do sexo feminino. O Gráfico 13 representa o percentual de trabalhadores do sexo masculino e feminino do setor alimentício de todo o Sudoeste do Paraná.

**Gráfico 13: Porcentagem de trabalhadores por gênero no setor alimentício na região Sudoeste do Paraná**



Fonte: CAGED, 2012 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

### 2.3 Conclusão do capítulo

Apesar de ter participado de um processo tardio de industrialização, se comparado com outras regiões do país e principalmente com o Estado de São Paulo, a região Sudoeste do Paraná é destaque no setor industrial de confecção do vestuário.

A região é composta por 42 municípios com aproximadamente 300 indústrias de confecção do vestuário, que emprega 7.903 trabalhadores. Ampére, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Santo Antônio do Sudoeste se destacam dos demais pela quantidade de indústrias e pelo número de trabalhadores, com aproximadamente 49% dos empregos de toda região.

Pela representatividade destes municípios para o segmento da confecção, a partir deles buscamos caracterizar o setor na região. Fica evidente o domínio da utilização da mão de obra feminina, com idade entre 18 e 29 anos, baixos salários e pouca qualificação. A oferta de emprego é maior que a procura<sup>3</sup>, o que limita o desenvolvimento desse segmento.

Comparado com outros setores relevantes na economia da região, como o setor da madeira e moveleiro e o setor alimentício, o salário pago pela indústria da confecção é muito inferior, chegando a ser quase a metade da média salarial do setor alimentício. Ocorre que o setor industrial da confecção é de fundamental importância para a economia e para o desenvolvimento local, sendo a principal fonte de renda e emprego em alguns municípios. Mesmo assim, no entanto, a remuneração oferecida a esses trabalhadores não acompanha a importância que o setor tem para a região Sudoeste. Os baixos salários se caracterizam por um ciclo vicioso, com mão de obra geralmente feminina, baixo grau de escolaridade e pouca qualificação profissional, em que a remuneração inadequada proporciona carência de mão de obra, impedindo que as empresas desenvolvam seu potencial.

A produção limitada pelo reduzido número de trabalhadores também restringe seu desenvolvimento. Segundo os empregadores, o investimento em tecnologia, que poderia auxiliar no aumento da produção, torna-se inviável, mantendo a mão de obra humana como a única alternativa. Segundo o sindicato patronal, essa situação contribui para a formação de um ciclo de pouco lucro para o empresário, que não remunera melhor o trabalhador, que, por sua vez, não está disposto a trabalhar no setor.

Segundo Jinkings e Amorim (2006), em Santa Catarina, considerado um polo da indústria de confecção, a falta de tecnologia para enxugar a força de trabalho motiva a organização em células para aumentar a produção mediante a

---

<sup>3</sup> Os baixos salários não atraem mão de obra para o setor. Vagas de emprego estão disponíveis com regularidade. A falta de mão de obra limita o desenvolvimento do setor, que não investe em tecnologia, tornando-se pouco competitivo, já que oferece baixos salários, o que torna esse processo um ciclo.

intensificação da utilização da mão de obra, que possui geralmente o primeiro grau incompleto. A falta de investimento em tecnologia pode ser observada como uma característica do setor e contribui para aumentar a exigência sobre o trabalhador.

O capítulo 3 apresenta os conceitos relacionados a acidentes e a doenças de trabalho, os índices de acidentes divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego e os levantamentos feitos pelo SESI (Serviço Social da Indústrias) referentes a potenciais acidente de trabalho em indústrias de confecção do vestuário da região Sudoeste. Assim conseguimos relacionar as características das indústrias e dos trabalhadores com os números de acidentes e de doenças de trabalho.

### **CAPÍTULO 3**

## **ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES DO SUDOESTE DO PARANÁ**

### **3.1 Acidentes e doenças de trabalho na indústria**

Algumas atividades diárias exigem adequação do ser humano ao ambiente de trabalho. A indústria de confecção é uma das áreas que exige grande adaptação do operário no desempenho das atividades, o que a torna um potencial gerador de doenças e de acidentes de trabalho.

O risco de ocorrência de acidente de trabalho ou de doenças do trabalho varia de acordo com a atividade realizada e com as condições de trabalho, podendo até mesmo impossibilitar que o trabalhador desenvolva inúmeras atividades. Muitos acidentes poderiam ser evitados mediante a intervenção de técnicas de ergonomia nas condições no ambiente de trabalho e, nas condições de segurança no chamado chão de fábrica, aplicando medidas corretivas e preventivas, visando maior segurança e qualidade ambiental ao funcionário. A Norma Regulamentadora nº 17 do MTE garante aos trabalhadores a adequação do posto de trabalho conforme as necessidades individuais na realização da atividade. A adequação das condições ergonômicas do posto de trabalho, bem como a mudança da postura na execução da atividade, previne doenças ocupacionais. O trabalhador fica exposto às condições ambientais diversas, que não podem ser totalmente neutralizadas ao ponto de não interferir no trabalho, mas podem ser controladas ou amenizadas. Esses agentes atuam direta ou indiretamente no desempenho das atividades e são divididos em fatores pessoais e ambientais. Os fatores ambientais podem causar danos à saúde, provocando desconforto e expondo o trabalhador a uma condição insegura, sendo que as maiores incidências de danos nas indústrias ocorrem nas áreas de ruídos, iluminação, ventilação e temperatura. Já os fatores pessoais danosos com maior frequência são monotonia, fadiga, estresse, desmotivação, assim como condições psicológicas. A adaptação ou não do organismo humano ao trabalho influencia no seu desempenho. Quando exerce suas atividades em situação de desconforto, há baixa no desempenho, a satisfação diminui e ele fica mais sujeito a acidentes de trabalho.

De acordo com Lida (1995), existem maneiras de eliminar ou de reduzir os fatores ambientais que interferem negativamente no ambiente de trabalho. A medida adotada para diminuir ou acabar com o fator nocivo varia de acordo com o agente danoso e deve ser analisada pelos envolvidos na atividade antes de ser implantada. O ambiente de trabalho deve satisfazer a diversas condições para ser considerado confortável. Segundo Dutra (1997), conforto térmico é um estado de espírito que reflete a satisfação com o ambiente térmico que envolve a pessoa. Variáveis ambientais como temperatura do ar, umidade relativa, velocidade do ar, atividade física, vestimentas e temperatura agem diretamente no conforto térmico, interagindo na sensação térmica.

O ruído geralmente produz um som com características desagradáveis ou nocivas ao organismo humano. O ruído tem grande parcela nas causas de doenças ocupacionais, já que grande parte de ambientes industriais possui máquinas e equipamentos que produzem sons. Muitas vezes, o ruído existente nos ambientes industriais está acima dos valores tolerados pela Norma Regulamentadora (NR) do MTE, que estabelece valores limites para atividades e operações insalubres.

A iluminação adequada é aquela que proporciona o melhor rendimento possível das atividades a executar. O nível de iluminação pode causar ofuscamento e fadiga visual, pois a iluminação interfere diretamente na visão. A fadiga visual é causada por iluminação inadequada, por pouca definição de contraste, por objetos em movimento e por má postura.

A postura é definida pelo tipo de atividade e de acordo com o posto de trabalho. Há três principais posturas: em pé, sentada e deitada. Embora a posição deitada não seja muito usual em ambientes de trabalho, ela não apresenta concentração de tensões em nenhuma parte do corpo. O consumo energético, nessa posição, assume o valor mínimo. É, portanto, a postura mais recomendada para repouso e recuperação da fadiga.

A posição em pé parada é altamente fatigante, pois exige muito trabalho dos músculos, devido ao aumento do esforço estático. Trata-se de trabalho com braços e ombros, bem como inclinação do corpo para frente ou torção lateral, o que aumenta a tensão muscular necessária para manter o equilíbrio. A posição sentada exige atividade muscular do dorso e do ventre para manter a posição. Assim, o pescoço e as costas podem ficar submetidos a longas tensões.

Segundo Lida (1995), a primeira vez que se ouviu falar em ergonomia foi em 1857. Um polonês chamado Wojciech Jastrzebowski publicou um artigo intitulado “Ensaio de ergonomia ou ciência do trabalho baseada nas leis objetivas da ciência da natureza”. Teoricamente, deve-se destacar que a ergonomia, ao contrário de outras ciências, tem uma data “oficial” de nascimento, que é 12 de julho de 1949, quando um grupo de pesquisadores e cientistas, na Inglaterra, formalizou a existência desse novo ramo de aplicação interdisciplinar da ciência.

De acordo com Lida (1995), na Inglaterra, durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), fisiologistas e psicólogos foram chamados para colaborar no esforço de aumentar a produção de armamentos, com a criação da Comissão de Saúde dos Trabalhadores na Indústria de Munições, em 1915. Depois da guerra, a mesma comissão foi transformada no Instituto de Pesquisa de Fadiga Industrial.

Segundo o autor, com o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), foram utilizados conhecimentos científicos e tecnológicos para construir instrumentos bélicos relativamente complexos, como submarinos, tanques, radares, sistema contra incêndio e aviões. Esses instrumentos exigiam muitas habilidades do operador, em condições ambientais desfavoráveis e tensas, no campo de batalha. Os erros e os acidentes, com conseqüências fatais, eram frequentes. Tudo isso fez aumentar o esforço de pesquisa para adaptar esses instrumentos bélicos ao operador, melhorando o desempenho e reduzindo a fadiga e os acidentes.

Como pudemos ver através do histórico apresentado por Lida (1995), as necessidades de melhorias nas condições de trabalho para evitar acidentes e doenças de trabalho nas indústrias ocorreram dentro da própria indústria, evidenciadas na indústria bélica durante a Primeira e a Segunda Guerra, onde todos os esforços industriais se voltaram à fabricação de instrumentos militares.

Segundo Lida (1995), a partir da segunda metade do século XX, a ergonomia evoluiu, principalmente na Europa, visando melhorar a produtividade e as condições de vida da população em geral e dos trabalhadores em particular. Nos Estados Unidos houve muito ceticismo, porém esse panorama mudou quando o Departamento de Defesa americano começou a apoiar e a incentivar pesquisas na área, pesquisas que resultaram no aperfeiçoamento de aeronaves e de submarinos e na implantação da exploração espacial. Só recentemente o “human factors” (fator humano) começou a ser aplicado em maior grau na indústria não bélica.

Para o autor, a partir de então a ergonomia tem evoluído de forma significativa e, atualmente, pode ser considerada como um estudo científico interdisciplinar do ser humano, e da sua relação com o ambiente de trabalho.

No Brasil, podemos dizer que a ergonomia é iniciante e se desenvolve nas indústrias bélica, automobilística e de maquinarias, mas sua maior abrangência está no meio acadêmico. O Ministério do Trabalho e Previdência Social instituiu a Portaria nº 3.751, em 23 de novembro de 1990, estabelecendo a Norma Regulamentadora nº17 - Ergonomia. Essa norma visa estabelecer parâmetros que permitam a adaptação do trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, de modo a proporcionar um máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente.

Os trabalhadores, em suas atividades laborativas, principalmente na atividade industrial, estão sujeitos a práticas, costumes e condições muito adversas, que são resultado de evolução histórica pela qual o processo do trabalho passou. E trazem características do início da industrialização, e são influenciadas pelo sistema de produção fordista e taylorista, e principalmente pelo sistema de produção e modo de vida capitalista.

A herança do processo de evolução do capitalismo pode ser evidenciada ainda hoje, como foi possível observar no decorrer desta pesquisa, em que muitas empresas apresentam situações características do período da manufatura, do fordismo e taylorismo. A redução no número e na gravidade dos acidentes e das doenças de trabalho tem ocorrido historicamente se comparamos a situação atual com os relatos de cada período da evolução do capitalismo, mas é possível perceber que a essência de cada período desses ainda pode ser identificada nas indústrias de confecção do Sudoeste do Paraná.

Observamos que as condições físicas dos ambientes de trabalho melhoram, os trabalhadores conquistaram muitos direitos trabalhistas, como redução das jornadas de trabalho e melhoria na remuneração, entre outras. Mesmo assim, porém, também é evidente que o trabalhador ainda é uma ferramenta para a geração de lucro ao capitalista, que busca extrair o máximo do potencial de cada trabalhador, que, independentemente de suas características individuais, nivela a produção ao percentual máximo apresentado por outro trabalhador.

A remuneração, apesar de ter melhorado, ainda é baixa e geralmente são poucas as ações realizadas das empresas com objetivo de melhorar a situação dos

trabalhadores, e, quando ocorrem, geralmente se limitam às condições físicas do ambiente.

### **3.2 Algumas considerações sobre doenças e acidentes de trabalho**

Todos os trabalhadores, na execução de suas atividades, estão expostos ou sujeitos a doenças ou a acidentes de trabalho. As características e as condições de suas atividades podem potencializar a ocorrência e as consequências desses eventos. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) 2007), os acidentes e as doenças de trabalho podem ser relacionados a aspectos como: (i) levantamento, transporte e descarga de materiais; (ii) mobiliário, equipamentos e condições ambientais do posto de trabalho; (iii) fatores psicofisiológicos, como condições de conforto, segurança e desempenho eficiente; e (iv) a própria organização do trabalho.

Em uma perspectiva crítica, acrescentamos que acidentes e doenças de trabalho estão relacionados também à extensão da jornada das atividades, à intensificação do ritmo de trabalho e cobranças por produtividade, aos salários, aos direitos trabalhistas e à forma como os funcionários são tratados pelos chefes ou responsáveis pelo setor.

Segundo Rocha (2002), ambiente de trabalho é algo mais amplo que somente características do local de trabalho, pois envolve também fatores humanos. O meio ambiente de trabalho representa todos os elementos, todas as inter-relações e todas condições que influenciam o operário em sua saúde física e mental. Essas condições se caracterizam pelo espaço em que se concretizam as relações de trabalho. A noção de um local onde se presta atividade humana requer uma necessária correlação sobre a atividade desempenhada, condições e desempenho do trabalho, bem com sobre os riscos que podem ocasionar efeitos físicos, psíquicos e sociais sobre o trabalhador.

O artigo 19 da Lei Federal nº 8.213, de 24 de julho de 1991, define que acidente de trabalho é o que ocorre no exercício da atividade a serviço da empresa, provocando lesão corporal ou perturbação funcional, de caráter temporário ou permanente. Segundo o MTE (2007), os acidentes de trabalho podem causar, ao acidentado, afastamento, perda ou redução da capacidade de desenvolver suas atividades ou até mesmo a morte. São considerados acidentes de trabalho: o



acidente ocorrido no trajeto entre a moradia do trabalhador ao seu local de trabalho, doenças profissionais ocorridas pela atividade do trabalhador em sua atividade e doenças do trabalho ocorridas pelas condições a que o trabalhador está exposto.

Para o MTE (2007), outros eventos também são destacados como acidentes de trabalho: (i) acidente de trabalho que embora não seja a causa única, mas tenha contribuído para a morte, perda ou redução da capacidade do trabalhador; (ii) acidente ocorrido no local de trabalho resultado de agressão, sabotagem ou terrorismo, praticado por terceiro ou companheiro de trabalho; ofensa física intencional, inclusive de terceiro, por motivo de disputa relacionada com o trabalho; ato de imprudência, de negligência ou de imperícia de terceiro, ou de companheiro de trabalho; desabamento, inundação, incêndio e outros casos decorrentes de força maior; (iii) doenças resultantes de contaminação acidental do trabalhador no exercício de sua função; (iv) acidente sofrido pelo trabalhador, mesmo que fora do local e horário de trabalho, ao atendimento à determinação ou realização de serviços pela empresa, na prestação de serviço mesmo que espontânea, viagem a serviço ou para estudo, quando financiada pela empresa, com o objetivo de capacitar o trabalhador. São inúmeras as situações que caracterizam os acidentes de trabalho, e, por esta diversidade e pela falta de conhecimento da legislação, muitos eventos não são considerados acidentes de trabalho.

Segundo Salem (2005), os acidentes do trabalhador podem se enquadrar nas seguintes situações: (i) lesão leve, quando não deixa sequelas e em que o trabalhador fica menos de 15 dias afastado e com alta médica volta às suas atividades; (ii) lesão leve, quando não deixa sequelas, mas o trabalhador fica mais de 15 dias afastado de suas atividades; (iii) lesão que deixou sequelas, com incapacidade laboral parcial ou permanente; (iv) lesão que deixou sequelas com incapacidade laboral total e permanente (nesse caso a incapacidade pode ser transitória, até que o trabalhador recupere suas funções); (v) quando o acidente causa morte do trabalhador.

Para Royler (1968), o conceito que define acidente de trabalho como todo aquele que ocorre pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal, perturbação funcional ou doença, que determine a morte, a perda total ou parcial, permanente ou temporária de capacidade de trabalho, é insatisfatório, pois abrange somente o trabalhador acidentado, que teve direito a algum tipo de compensação financeira.

Segundo Royler (1968), o conceito de acidente de trabalho deve ser entendido como toda ocorrência inesperada, não programada, que interfere com o andamento normal do trabalho e da qual possa resultar lesão. Toda situação não esperada, que cause ou não lesão, que cause ou não danos, deve ser considerada acidente de trabalho, uma vez que algum elemento do processo não está correto e pode anteceder um incidente com lesões ao trabalhador.

O MTE (2009) entende como acidentes de trabalho aqueles eventos que tiveram Comunicação de Acidente do Trabalho (CAT) registradas no INSS e aqueles que, embora não tenham sido objeto de CAT, deram origem a benefício por incapacidade de natureza acidentária. Os acidentes de trabalho são classificados em duas categorias: (i) acidentes com CAT registrada e que correspondem ao número de acidentes cuja CAT foi registrada no INSS. Não é contabilizado o reinício de tratamento ou afastamento por agravamento de lesão de acidente do trabalho ou doença do trabalho, já comunicado anteriormente ao INSS; (ii) acidentes sem CAT registrada e que correspondem ao número de acidentes cuja CAT não foi registrada no INSS.

O acidente é identificado por meio de um dos possíveis nexos: Nexo Técnico Profissional/Trabalho, Nexo Técnico Epidemiológico Previdenciário (NTEP) ou Nexo Técnico por Doença Equiparada a Acidente do Trabalho. Esta identificação é feita pela nova forma de concessão de benefícios acidentários. Além das duas categorias apresentadas acima, o MTE (2009) classifica o número de acidentes de trabalho como: (i) acidentes típicos, que são os acidentes decorrentes da característica da atividade profissional desempenhada pelo segurado acidentado; (ii) acidentes de trajeto, que são os acidentes ocorridos no trajeto entre a residência e o local de trabalho do segurado e vice-versa; (iii) doenças do trabalho, que são as doenças profissionais, aquelas produzidas ou desencadeadas pelo exercício do trabalho peculiar a determinado ramo de atividade conforme disposto no Anexo II do Regulamento da Previdência Social (RPS), aprovado pelo Decreto 3.048, de 6 de maio de 1999; e (iv) as doenças do trabalho, que são aquelas adquiridas ou desencadeadas em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacionem diretamente.

Segundo o MTE (2009), os dados de acidentes de trabalho com CAT registrada são provenientes das comunicações entregues ao INSS. A empresa deve comunicar o acidente do trabalho ocorrido com seu empregado, havendo ou não

afastamento do trabalho, até o primeiro dia útil seguinte ao da ocorrência. Em caso de morte, de imediato à autoridade competente, sob pena de multa variável entre os valores mínimo e máximo do salário de contribuição, sucessivamente aumentada nas reincidências, aplicada e cobrada na forma do artigo 286 do Regulamento da Previdência Social (RPS), aprovado pelo Decreto Federal nº 3.048/1999.

A quantidade de acidentes de trabalho divulgada oficialmente no país está ligada ao registro que é feito pela empresa através da CAT ou por interpretação de um profissional no momento da concessão de benefício ao trabalhador. Ocorre, no entanto, que o benefício financeiro, como pagamento do auxílio-doença por acidente de trabalho, é concedido somente aos trabalhadores com impossibilidade de exercer suas atividades em um prazo superior a 15 dias. Assim, portanto, o número de acidentes sem CAT registrada é contabilizado somente a beneficiários do INSS e/ou mediante a interpretação de um profissional de saúde de que o afastamento ocorreu devido a acidente de trabalho. Permanecem fora dessas estatísticas os acidentes inferiores a 15 dias, os que não são interpretados como acidentes de trabalho e ainda aqueles relacionados a trabalhadores informais.

No caso dos números de acidentes de trabalho em que o registro é realizado pela empresa por meio da CAT, podem ser considerados pouco confiáveis, pois para empresa não é conveniente declarar mediante registro que seu trabalhador sofreu acidente de trabalho, tampouco que ele tenha afastamento superior a 15 dias, o que pode gerar inúmeros percalços trabalhistas.

Em resumo, apesar da obrigatoriedade de registrar todos os acidentes de trabalho ocorridos na empresa, independentemente da intensidade da lesão, nem sempre esses registros são feitos, para evitar ações trabalhistas. Segue, portanto, que os números de acidentes de trabalho apresentados pelo MTE podem não representar os números reais de acidentes ocorridos. Além do fato de que o MTE considera como trabalhador somente os legalmente registrados pelas empresas ou contribuintes autônomos, permanecendo fora das estatísticas do órgão os demais trabalhadores. Buscamos estabelecer um índice aproximado do número de acidentes de trabalho que fazem parte da estatística do MTE, com relação ao número real de acidentes ocorridos na indústria da confecção do vestuário, no entanto este percentual não pode ser estabelecido.

Mediante das visitas feitas a empresas do setor da região Sudoeste, pelas conversas realizadas com empresários e trabalhadores, identificamos que inúmeras

situações não são consideradas acidentes de trabalho e não são comunicadas ao MTE, tampouco esses trabalhadores tiveram acesso a benefícios. Há, no entanto, faltas de trabalhadores justificadas por dores ou desconfortos, possivelmente causadas pelos acidentes e por doenças de trabalho, mas não caracterizadas como tal. É grande a incidência de faltas sem justificativas, que ocorrem com maior frequência na segunda-feira, possivelmente ocasionadas pelo descontentamento na execução de sua atividade, o que pode vir a caracterizar ou a ocasionar doenças comportamentais e mentais, como depressão e ansiedade.

Entrevistamos três funcionárias em uma indústria de Santo Antônio do Sudoeste e todas relataram que existem, na empresa, afastamentos de funcionários causados por depressão ou por algum tipo de dor ou lesão no corpo, possivelmente LER. A funcionária Rose<sup>4</sup> relatou que existem aproximadamente 40 pessoas afastadas de suas atividades na empresa e, entre os principais motivos, estão depressão e LER. Essa empresa conta atualmente com 80 funcionários, mas chegou a empregar quase 300. O número de pessoas afastadas na empresa representa o afastamento ao longo de alguns anos, que a funcionária não soube precisar quantos.

A Tabela 08 apresenta dados segundo o MTE (2007, 2008, 2009, 2010 e 2011) de acidentes de trabalho<sup>5</sup> ocorridos nos municípios do Sudoeste do Paraná nos anos de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010, considerando os acidentes com emissão do CAT e benefícios obtidos pelos trabalhadores que sofreram acidentes de trabalho sem emissão de CAT.

**Tabela 08 – Número de acidentes de trabalho por ano x município**

Nº	Municípios do Paraná	2006	2007	2008	2009	2010	Total por município
01	Ampére	57	46	36	39	20	<b>198</b>
02	Barracão	5	2	8	5	9	<b>29</b>
03	Bela Vista da Caroba	11	0	0	1	0	<b>12</b>
04	Boa Esperança do Iguaçu	1	0	1	0	1	<b>3</b>
05	Bom Jesus do Sul	7	0	0	1	1	<b>9</b>

<sup>4</sup> Rose é o pseudônimo utilizado para preservar a identidade da funcionária na indústria de confecção no município de Santo Antônio do Sudoeste – PR.

<sup>5</sup> O anuário estatístico do MTE não apresenta número de acidentes de trabalho nos município por setor industrial, portanto os dados da Tabela 08 são referentes a todos os setores dos municípios.

continuação

Nº	Municípios do Paraná	2006	2007	2008	2009	2010	Total por município
06	Bom Sucesso do Sul	4	1	4	6	3	18
07	Capanema	93	59	130	193	193	668
08	Chopinzinho	50	52	62	53	50	267
09	Clevelândia	36	29	32	12	19	128
10	Coronel Domingos Soares	28	13	1	2	2	46
11	Coronel Vivida	48	45	44	43	34	214
12	Cruzeiro do Iguaçu	4	3	3	2	1	13
13	Dois Vizinhos	131	159	213	131	116	750
14	Enéas Marques	10	11	8	11	7	47
15	Flor da Serra do Sul	6	2	2	1	4	15
16	Francisco Beltrão	188	271	420	373	409	1661
17	Honório Serpa	2	2	5	0	3	12
18	Itapejara D'Oeste	23	9	22	9	22	85
19	Manfrinópolis	0	2	1	2	1	6
20	Mangueirinha	39	88	143	165	124	559
21	Mariópolis	12	9	6	8	4	39
22	Marmeleiro	6	10	17	11	12	56
23	Nova Esperança do Sudoeste	0	4	6	3	3	16
24	Nova Prata do Iguaçu	34	8	14	14	6	76
25	Palmas	298	649	844	667	538	2996
26	Pato Branco	227	415	594	539	630	2405
27	Perola D'Oeste	25	2	1	3	2	33
28	Pinhal de São Bento	1	0	1	2	1	5
29	Planalto	35	18	18	10	14	95
30	Pranchita	10	7	4	1	2	24
31	Realeza	48	287	383	383	327	1428
32	Renascença	10	3	10	13	6	42
33	Salgado Filho	1	5	2	2	0	10
34	Salto do Lontra	22	7	17	9	12	67
35	Santa Izabel do Oeste	22	5	5	4	9	45
36	Santo Antônio do Sudoeste	11	100	174	215	215	715
37	São João	41	36	45	97	91	310
38	São Jorge D' Oeste	14	6	13	10	3	46
29	Saudade do Iguaçu	1	3	5	8	5	22
40	Sulina	0	3	12	1	1	17
41	Verê	11	6	11	6	5	39
42	Vitorino	8	20	6	8	12	54
Total por ano		1580	2397	3323	3063	2917	
Total geral							13280

Fonte: MTE, 2007 a 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012

Pela Tabela 08 percebemos a grande diferença no número de acidentes ocorridos a partir de 2007, pois desse ano em diante ocorreram mudanças na metodologia utilizada pelo INSS, que passou a identificar como acidente de trabalho os incidentes havidos com trabalhadores que recebem benefícios de natureza acidentária, além dos registrados através da CAT. Verificamos que os municípios mais atuantes no setor de confecção da região Sudoeste do Paraná (Francisco Beltrão, Ampére, Santo Antonio do Sudoeste e Dois Vizinhos) estão entre os que mais registraram acidentes na região. Segue-se, portanto, que a indústria da confecção do vestuário possui grande influência no número de acidentes de trabalho no Sudoeste. O número total de acidentes de trabalho ocorridos no Estado do Paraná, segundo o MTE (2007, 2008, 2009, 2010 e 2011) é apresentado na Tabela 09.

**Tabela 09 – Número de acidentes de trabalho por ano e por gênero no Paraná de 2006 a 2010**

Ano	2006		2007		2008		2009		2010	
Gênero	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Quant.	28725	8849	37677	13792	41738	15790	38263	15223	36254	15255
Total	<b>37574</b>		<b>51470</b>		<b>57057</b>		<b>53487</b>		<b>51509</b>	

Fonte: MTE, 2007 a 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

O MTE divide os trabalhadores por 12 categorias de faixa etária para identificar qual grupo apresenta o maior número de acidentes de trabalho. A Tabela 10 apresenta a distinção entre as categorias.

**Tabela 10 – Divisão das categorias por faixa etária dos trabalhadores**

	Categoria			Categoria			Categoria
01	Até 19 anos		05	35 a 49 anos		09	55 a 59 anos
02	20 a 24 anos		06	40 a 44 anos		10	60 a 64 anos
03	25 a 29 anos		07	45 a 49 anos		11	65 a 69 anos
04	30 a 34 anos		08	50 a 54 anos		12	70 anos e mais

Fonte: MTE, 2009 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Conforme o MTE, as categorias de idade de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos são responsáveis por 36,31% dos acidentes de trabalho ocorridos entre 2006 e 2010, conforme demonstra a Tabela 11. Ainda é possível identificar a quantidade de acidentes ocorridos no Paraná a partir da divisão por gênero, comparando o total de

acidentes no ano. As maiores incidências ocorrem com jovens, como pode ser observado pelo Gráfico 11, pois a maioria dos trabalhadores da região Sudoeste do Estado tem idade entre 18 e 24 anos, ou seja, o maior número de acidentes ocorre na faixa etária que mais emprega.

**Tabela 11 – Divisão por gênero e por faixa etária dos trabalhadores**

<b>Ano</b>	<b>2006</b>		<b>2007</b>		<b>2008</b>		<b>2009</b>		<b>2010</b>	
<b>Gênero</b>	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>20 a 24 anos</b>	6232	1433	7368	1842	8168	2093	7242	2090	6731	2114
<b>Total</b>	<b>7665</b>		<b>9332</b>		<b>10261</b>		<b>9332</b>		<b>8845</b>	
<b>Gênero</b>	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
<b>25 a 29 anos</b>	5703	1695	7052	2527	7518	2781	6800	2683	6409	2593
<b>Total</b>	<b>7398</b>		<b>9579</b>		<b>10299</b>		<b>9483</b>		<b>9002</b>	
<b>Todas as categorias</b>	<b>37574</b>		<b>51470</b>		<b>57057</b>		<b>53487</b>		<b>51509</b>	

Fonte: MTE, 2007 a 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012

Os dados estatísticos divulgados pelo MTE não apresentam informações como gênero, idade ou tipo de indústria para os acidentes ocorridos em cada município. Essas informações apenas são disponibilizadas por Estados.

Em entrevista aos trabalhadores, identificamos que as duas funcionárias mais experientes, com 20 e 15 anos de trabalho na empresa, nos municípios de Santo Antônio do Sudoeste e Francisco Beltrão, nunca apresentaram lesões ou características de depressão.

A trabalhadora Paula<sup>6</sup> atua há 15 anos em uma empresa de confecção de Francisco Beltrão e nunca se afastou das suas atividades por doença ou acidente de trabalho., Apresenta, no entanto, dores nas costas e nos ombros, mas acredita que esses sintomas façam parte de suas atividades, “por ficar muito tempo sentada”, e relata que, após uma noite de descanso, as dores cessam. Ao questionarmos os motivos dos afastamentos por depressão, ela acredita que “é falta de vontade de trabalhar”. Como os afastamentos ocorrem com trabalhadoras de menor faixa de idade, Paula alega que “as meninas mais jovens não dão importância e não valorizam o trabalho”.

<sup>6</sup> Paula é o pseudônimo utilizado para preservar a identidade da funcionária na indústria de confecção no município de Francisco Beltrão – PR.

Na análise dos Anuários Estatísticos de Acidentes do Trabalho de 2007, 2008, 2009 e 2010 emitidos pelo MTE, identificamos incompatibilidade dos números de acidentes de trabalho referentes ao mesmo ano em anuários diferentes, o que causou dúvidas na pesquisa, no entanto foram adotados os valores apresentados no Anuário Estatístico mais recente.

Para identificarmos o número de acidentes por setor industrial recorreremos ao IBGE (2012), que classifica as indústrias do país em categorias. A indústria de confecção do vestuário tem Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) definida no código 14 e aparece com a denominação de Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios.

Identificando o código da indústria de confecção, pesquisamos nos anuários estatísticos de acidentes de trabalho do MTE os números de acidentes de trabalho segundo sua Classificação Nacional de Atividades Econômicas. Buscamos nos anuários do MTE o número de acidentes registrados no período de 2006 a 2010 no Brasil e no Estado do Paraná, na atividade econômica CNAE 14, e encontramos os resultados apresentados na Tabela 12.

**Tabela 12 – Acidentes de trabalho no CNAE 14**

<b>Número de acidentes no CNAE 14 no Brasil</b>					
<b>Ano</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>Nº de acidentes</b>	5785	9160	12181	12103	9789
<b>Número de acidentes no CNAE 14 no Paraná</b>					
<b>Ano</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>Nº de acidentes</b>	336	673	937	860	759

Fonte: MTE, 2007 a 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Segundo o MTE (2007, 2008, 2009, 2010, 2011), dos 49.017 acidentes de trabalho ocorridos no país entre os anos de 2006 e 2010 no setor da confecção em todo o país, o Paraná é responsável por 7,27% desse total. Na Tabela 13 fazemos um comparativo entre o número de acidentes no Estado nas indústrias de confecção do vestuário e acessórios e o número de acidentes de trabalho ocorridos nos municípios onde esse segmento industrial é mais representativo, lembrando que os números de acidentes de trabalho nos municípios não estão divididos por atividade econômica e representam o número total de acidentes em todos os setores registrados pelo MTE.



**Tabela 13 – Número de acidentes por município x Estado**

<b>Número de acidentes por município em todos os setores</b>					
Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Município	Nº de acidentes				
Ampére	57	46	36	39	20
Francisco Beltrão	188	271	420	373	409
Santo Antônio do Sudoeste	11	100	174	215	215
Dois Vizinhos	131	159	213	131	116
<b>Total</b>	<b>387</b>	<b>576</b>	<b>843</b>	<b>758</b>	<b>760</b>
<b>Número de acidentes na Indústria de confecção do vestuário no Paraná</b>					
Ano	2006	2007	2008	2009	2010
Nº de acidentes	336	673	937	860	759

Fonte: MTE, 2007 a 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

Para tentarmos chegar a um parecer sobre o número de acidentes de trabalho no Sudoeste do Paraná, tomamos como referência o município de Ampére, que é o mais representativo no setor de confecção em toda a região. Segundo o CAGED (2012), o município possui 4.234 trabalhadores formalmente registrados, destes, 1.422 trabalham no setor da confecção do vestuário e os demais trabalhadores estão registrados no comércio, no serviço público, na indústria alimentícia, no setor da madeira e moveleiro, entre outros.

O setor da confecção é responsável por 33,58% dos empregos em Ampére. O segundo setor maior gerador de empregos é o da madeira e moveleiro, que utiliza 18,32% da mão de obra local, ou seja, apenas dois setores econômicos empregam aproximadamente 60% dos trabalhadores. Comércio, serviço público, prestação de serviços e demais segmentos industriais, agricultura, entre outros, são responsáveis por 40% dos empregos formalmente registrados. Considerando que o segmento industrial é o maior causador de acidentes de trabalho, a indústria de confecção pode ser responsável por aproximadamente 30% dos acidentes de trabalho ocorridos no município. Como em Ampére as atividades industriais estão basicamente relacionadas aos setores de confecção do vestuário e da madeira e moveleiros, os demais segmentos industriais são pouco representativos em termos de acidentes de trabalho, assim como o comércio, a prestação de serviços, etc.

Esse entendimento pode ser adotado para as demais indústrias de confecção da região, devido sua similaridade. Assim, portanto, aproximadamente 30% dos

acidentes de trabalho ocorridos na região Sudoeste do Estado estão ligados à indústria de confecção do vestuário.

### **3.3 Acidentes e doenças de trabalho: um diagnóstico do SESI**

Como foi possível constatar ao longo deste trabalho, os dados do MTE não apresentam informações conclusivas sobre os acidentes de trabalho nos diversos setores econômicos devido à metodologia de registros adotada. No primeiro capítulo apresentamos que a LER/DORT é responsável pela maioria dos acidentes e/ou doenças de trabalho no setor da confecção, que, segundo o SESI (2011), são os maiores motivos de afastamento temporário com concessão de benefícios de natureza previdenciária e acidentária, ao lado dos afastamentos por transtornos mentais.

Para uma análise mais detalhada, recorreremos à pesquisa disponibilizada pelo SESI, que atua junto ao segmento industrial em todo o Estado, proporcionando ações que buscam reduzir os acidentes e as doenças de trabalho. A Pesquisa de Sintomatologia<sup>7</sup>, realizada pelo SESI, através de levantamento quantitativo junto aos trabalhadores das indústrias, busca diagnosticar em quais partes do corpo há desconforto, além de identificar quais as regiões com maior incidência dessa sensação e os métodos para trabalhar diretamente com os trabalhadores avaliados. Com esses dados temos uma interpretação mais precisa quanto à condição de conforto no exercício das atividades dos trabalhadores nas indústrias. Para a composição do diagnóstico, optamos pelos dados das principais indústrias da confecção do vestuário em Ampére, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos. O diagnóstico de Santo Antônio do Sudoeste não foi desenvolvido, pois o levantamento quantitativo do SESI Paraná não contemplou esse município. Na interpretação dos dados, Dois Vizinhos foi excluído por apresentar dados confusos e incompatíveis com outros municípios, portanto a análise de sintomatologia demonstra a situação de trabalhadores com ou sem desconforto dos municípios de Francisco Beltrão e Ampére.

A pesquisa de Sintomatologia, realizada pelo SESI (2011), buscou diagnosticar em quais partes do corpo o trabalhador apresenta desconforto

---

<sup>7</sup> Sintomatologia é o estudo dos sintomas que os trabalhadores apresentam na execução de suas atividades (SESI, 2011).

conforme a divisão: a) Membros superiores: cabeça, ombro, braço, cotovelo, antebraço, punho e mãos; b) Coluna: cervical, torácica e lombar; c) Membros inferiores: quadril, coxa, joelho, perna, tornozelo e pé.

Em Ampére, o SESI elaborou o levantamento quantitativo de desconforto com 517 trabalhadores do setor da confecção do vestuário em quatro empresas, envolvendo o setor administrativo e de produção. Os resultados estão inscritos na Tabela 14.

Em Francisco Beltrão, a pesquisa de sintomatologia ocorreu com 180 trabalhadores do setor em duas empresas, envolvendo o setor administrativo e de produção. O resultado da pesquisa está apresentado na Tabela 15.

Tabela 14 – Pesquisa de sintomatologia realizada no município de Ampére

MEMBROS SUPERIORES														
TRABALHADORES	CABEÇA		OMBRO		BRAÇO		COTOVELO		ANTEBRAÇO		PUNHO		MÃO	
COM DESCONFORTO	70	14%	172	33%	76	15%	16	3%	25	5%	53	10%	30	6%
SEM DESCONFORTO	447	86%	345	67%	441	85%	501	97%	492	95%	464	90%	487	94%
<b>TOTAL</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>
COLUNA														
TRABALHADORES	CERVICAL		TORÁCICA		LOMBAR									
COM DESCONFORTO	93	18%	76	15%	117	23%								
SEM DESCONFORTO	424	82%	441	85%	400	77%								
<b>TOTAL</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>								
MEMBROS INFERIORES														
TRABALHADORES	QUADRIL		COXA		JOELHO		PERNA		TORNOZELO		PÉ			
COM DESCONFORTO	30	6%	28	5%	42	8%	97	19%	29	6%	47	9%		
SEM DESCONFORTO	487	94%	489	95%	475	92%	420	81%	488	94%	470	91%		
<b>TOTAL</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>	<b>517</b>	<b>100%</b>		

Fonte: SESI, 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

A Tabela 14 mostra os números da amostra dos trabalhadores de Ampére que apresentam dores nos membros inferiores, superiores e coluna lombar.

Tabela 15 – Pesquisa de sintomatologia realizada no município de Francisco Beltrão

MEMBROS SUPERIORES														
TRABALHADORES	CABEÇA		OMBRO		BRAÇO		COTOVELO		ANTEBRAÇO		PUNHO		MÃO	
COM DESCONFORTO	3	2%	56	31%	21	12%	12	7%	15	8%	22	12%	12	7%
SEM DESCONFORTO	177	98%	124	69%	159	88%	168	93%	165	92%	158	88%	168	93%
<b>TOTAL</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>
COLUNA														
TRABALHADORES	CERVICAL		TORÁCICA		LOMBAR									
COM DESCONFORTO	38	21%	14	8%	34	19%								
SEM DESCONFORTO	142	79%	166	92%	146	81%								
<b>TOTAL</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>								
MEMBROS INFERIORES														
TRABALHADORES	QUADRIL		COXA		JOELHO		PERNA		TORNOZELO		PÉ			
COM DESCONFORTO	4	2%	1	1%	11	6%	28	16%	17	9%	26	14%		
SEM DESCONFORTO	176	98%	179	99%	169	94%	152	84%	163	91%	154	86%		
<b>TOTAL</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>	<b>180</b>	<b>100%</b>		

Fonte: SESI, 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

A Tabela 15 mostra os números da amostra dos trabalhadores de Francisco Beltrão que apresentam desconforto nos membros inferiores, superiores e coluna cervical. Como podemos observar nas Tabelas 14 e 15, a sensação dos funcionários é comum aos dois municípios.

Os dados da pesquisa realizada pelo SESI não apresentam uma porcentagem geral dos trabalhadores que apresentam desconforto. A abordagem é feita a partir da situação apresentada por cada trabalhador, sendo que é possível um trabalhador apresentar um ou mais desconfortos. Somente uma análise na base de dados poderia definir que todos os trabalhadores apresentam algum tipo de incômodo ou se ocorrem repetições de sensação por trabalhador.

A funcionária Maria<sup>8</sup> trabalha há mais de 20 anos na mesma empresa em Santo Antônio do Sudoeste e relatou que, durante todos esses anos, já trabalhou em várias máquinas de costura ou passando roupas e nunca apresentou problema algum relacionado à sua atividade, como depressão, dores ou lesões. Ela acredita que a condição de lesões ou depressão é “característica de cada trabalhador, uns apresentam mais resistência que outros”.

Na interpretação das Tabelas 14 e 15, identificamos que a maior incidência de incômodo que os trabalhadores de Ampére e Francisco Beltrão possuem é na região do ombro, com 33% e 31% dos trabalhadores, respectivamente. Outra característica similar aos dois municípios é o desconforto nas pernas, em que 19% e 16% dos trabalhadores expressam sentir dores nessa região do corpo.

A similaridade apresentada entre os trabalhadores dos municípios é evidente e caracteriza quais os desconfortos que mais prejudicam os trabalhadores. A pesquisa apresenta, no entanto, diferenças entre os municípios quando analisado o desconforto na região da coluna. Em Ampére, a região de maior incidência é a lombar, com 23% dos trabalhadores. Já em Francisco Beltrão a região mais afetada é a cervical, com 21 % de incidência.

No momento da entrevista, a funcionária Rose, que trabalha há 7 anos na empresa em Santo Antônio do Sudoeste, apresentava uma atadura no punho esquerdo. Questionamos o motivo e ela respondeu estar com um cisto<sup>9</sup>, que lhe causa muita dor e, segundo o médico consultado, foi causado pelos movimentos repetitivos e a solução é cirurgia.

---

<sup>8</sup> Maria é o pseudônimo utilizado para preservar a identidade da funcionária na indústria de confecção no município de Santo Antônio do Sudoeste – PR.

<sup>9</sup> Um cisto é um saco fechado contendo uma membrana biológica distinta e divisão celular no tecido próximo. Pode conter ar, fluidos ou material semissólido. Uma vez formado, um cisto pode desaparecer por conta própria ou pode ter de ser removido através de cirurgia. Informação disponível em: <<http://www.fmc.br/revista/revistacientificavolume2numero2.pdf>>. Acesso em: dez. 2012.

Naqueles últimos dias, ela faltou ao trabalho uma única vez, por causa da intensidade da dor. Coincidentemente, no momento da entrevista, Rose estava atuando em um posto de trabalho que era ocupado por outra funcionária, que estava afastada por uma lesão no braço.

Punhos e braços também apresentam expressivos níveis de incômodo nos trabalhadores desses municípios, situação característica de atividades com esforço repetitivo dos membros superiores. De modo geral, percebemos que é grande o índice de desconforto declarado pelos trabalhadores, o que pode ser um sintoma de doença ou de acidente de trabalho, e que também não entram nas estatísticas do MTE.

Os dados do SESI indicam que os principais motivos por afastamento temporário dos trabalhadores das indústrias são referentes a LER/DORT, como foi apresentado com a pesquisa de sintomatologia. Os problemas relativos à saúde mental, de acordo com o SESI (2011), são o segundo motivo para afastamento temporário dos trabalhadores. Na busca desses dados, a instituição realizou diagnóstico quantitativo, através do Programa Indústria Saudável, que elabora o Diagnóstico de Saúde e Estilo de Vida, para identificar as condições e os hábitos de saúde dos trabalhadores da indústria. Esse levantamento é feito por meio de pesquisas com funcionários por questionamentos em formulários. A interpretação das questões respondidas apresentou dados importantes sobre a saúde mental do trabalhador, como pode ser observado na Tabela 16. Para a composição dessa tabela foram utilizados os resultados do Diagnóstico de Saúde e Estilo de Vida de sete empresas do setor da confecção do vestuário de Ampère, em um total de 917 funcionários. Cada empresa apresentou um percentual para cada análise realizada. Os dados apresentados em cada análise representam a média entre as empresas e o maior percentual individual apresentado.

**Tabela 16 – Diagnóstico de transtornos mentais**

Análise	Média entre empresas	Maiores percentuais
Característica de transtorno mental comum (depressão e ansiedade).	16,15 %	22,2 %
Depressão relatada.	10,68 %	19,4 %
Provável dependência de álcool.	4,81 %	8,2 %

Fonte: SESI, 2011 – Elaborado por: Adir Silvério Cembranel, 2012.

As características de transtorno mental comum são baseadas na interpretação de um conjunto de respostas dos trabalhadores, assim como o diagnóstico de provável dependência de álcool. Os números de depressão relatada são baseados no formulário de pesquisa respondido por cada trabalhador. Como é possível observar na Tabela 16, a variação porcentual de cada análise é grande. No caso de característica de transtorno mental comum, varia de 11,2% a 22,2%; a depressão declarada, de 5,1% a 19,4%; e, para provável dependência de álcool, é de 1,8% a 8,2%. A variação dos dados pode indicar a diferença nos acidentes e nas doenças de trabalho que existem entre as empresas, já que a média de idade, o gênero, a condição salarial e o tipo de trabalho são similares entre as empresas.

Um fator que chama a atenção é que uma das empresas em Ampère possui 22,2% de seus trabalhadores com características de transtorno mental comum (depressão ou ansiedade). A mesma empresa também é responsável pelo maior índice de depressão declarada (19,4%), o que pode definir os acidentes e doenças de trabalho no local.

Rose, em Santo Antônio do Sudoeste, relatou que sua irmã, que também é funcionária da mesma empresa, está afastada com diagnóstico de depressão. A entrevistada afirmou que já foi diagnosticada com depressão em seu primeiro ano de trabalho nessa empresa e usou medicamentos durante um período, mas melhorou com o passar do tempo. Questionamos sobre o motivo de ela e sua irmã apresentarem tal doença. Ela acredita que o trabalho pode contribuir com a doença, mas não acha que seja o principal motivo, além de considerar que “a situação varia de cada pessoa”.

Em conversa com a presidente do Sindicato dos Trabalhadores, questionamos sobre os motivos de depressão em trabalhadores do setor. A resposta foi a cobrança excessiva que as empresas impõem a seus funcionários para o cumprimento de metas, pois essas metas são regularmente intensificadas. Ela declara ainda que o sindicato está atuando para evitar ou reduzir essa intensificação. Quanto aos índices de depressão, a presidente do sindicato afirma que existem muitos casos no setor, no entanto poucos deles são identificados como tal, pois, ao buscar auxílio no INSS, o diagnóstico não é confirmado. Segundo ela, existe um acordo entre os empresários do setor e os médicos peritos do INSS, com o objetivo de evitar o afastamento e o benefício ao trabalhador.



O Sindicato Patronal, questionado sobre a intensificação do trabalho, alega a necessidade de uma produção mínima devido ao custo de produção e ao baixo retorno financeiro das empresas. O aumento contínuo na produção é necessário para suprir os custos de produção e para agir contra o mercado chinês, que vem ocasionando redução no consumo de roupas nacionais devido a seu baixo valor.

A intensificação do trabalho no setor também pode ser identificada em outros Estados. De acordo com Jinkings e Amorim (2006), a reestruturação da indústria de confecção do vestuário em Santa Catarina, com a implantação das células de produção, gera um ambiente de competição entre os trabalhadores, em que cada um se encarrega de cobrar o trabalho do colega, buscando mais rapidez e produtividade. O ritmo de trabalho não é respeitado e os operários são obrigados a adaptar-se ao nível dos mais rápidos para atingir as metas de produtividade impostas. Existe também um controle diário da produtividade de cada célula e são concedidos prêmios como forma de remunerar os trabalhadores que se sobressaem em termos de produção.

Os casos de depressão têm parecer diferente para o Sindicato Patronal. A representante do sindicato relata as situações de depressão como sendo simulações por parte dos trabalhadores pelo desejo de não trabalhar e ainda relata situação totalmente diferente quando se trata de INSS, afirmando que existe um acordo entre o sindicato dos trabalhadores e os médicos peritos do INSS, com o objetivo de conceder os benefícios e o afastamento aos trabalhadores. E que, para reverter isso, o Sindicato Patronal já havia tomado ações para impedir essa prática.

Segundo Jinkings e Amorim (2006), muitas empresas de Santa Catarina adotam banco de horas, o que gera, em muitos casos, produção contínua ininterrupta. Em diversas ocasiões os trabalhadores ficam sem descanso semanal, o que prejudica a sua qualidade de vida.

A partir dos relatos do Sindicato Patronal e do Sindicato dos Trabalhadores, percebemos a contradição que existe entre trabalhadores e empregadores quando se trata de acidentes de trabalho, o que dificulta ainda mais a composição de índices confiáveis e de um diagnóstico preciso para caracterizar as condições a que os trabalhadores estão sujeitos. Nos posicionamentos dos sindicatos fica evidente a “luta” entre o capitalista e os trabalhadores, característica que é a gênese do capitalismo e que é intensa na indústria de confecção da região Sudoeste do Paraná.

O sindicato patronal, ao defender seu ponto de vista, demonstra a prática comum ao capitalismo em utilizar o máximo do potencial produtivo de cada trabalhador, e não considera os prejuízos à sua saúde física ou mental.

Por outro lado, o sindicato dos trabalhadores acredita que o capitalista ultrapassa os limites de cobrança e intensificação do trabalho, levando o trabalhador ao colapso físico e mental. Os trabalhadores acreditam que o capitalista influencia o poder público (INSS), para atuar contra o trabalhador.

### **3.4 Conclusão do capítulo**

Neste capítulo buscamos entender o que são considerados acidentes e doenças do trabalho e como são caracterizados. Identificamos que os critérios utilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego para contabilizar e diagnosticar os acidentes de trabalho não refletem a realidade e deixam de identificar inúmeros episódios que podem ser caracterizados como acidente.

O diagnóstico apresentado oficialmente pelo MTE estabelece critérios superficiais para identificar os acidentes, deixando de fora das estatísticas um número grande de trabalhadores que atuam em condições inadequadas de trabalho, mas que não são refletidas nos índices do ministério. A falta de dados mais precisos do órgão federal limita sua atuação em benefício do trabalhador, pois não representa a realidade identificada em grande parte das empresas do setor.

Percebemos divergências entre sindicatos com relação aos acidentes e doenças de trabalho. Para o segmento patronal, a intensificação das atividades é avaliada como necessária e os aspectos de saúde mental apresentados por um grande número de trabalhadores são considerados duvidosos. Assim, portanto, sem a aceitação dos problemas pela indústria, ações que possam melhorar esses aspectos na qualidade do trabalhos raramente são implantadas.

Os dados do MTE, em geral, identificam eventos graves, com longos períodos de afastamento. Os pequenos episódios, que ocorrem regularmente dentro das empresas e podem ser sintomas de uma fábrica doente, não são identificados. Na busca de identificar alguns desses episódios considerados pequenos, o SESI levantou algumas situações que podem caracterizar doenças ou acidentes do trabalho. Os levantamentos realizados são apresentados para as empresas e os

responsáveis pelos trabalhadores têm acesso a dados como os divulgados nas Tabelas 14, 15 e 16.

Segundo o SESI (2011), mesmo apontando dados preocupantes sobre a saúde de seus trabalhadores, grande parte dos empresários não planeja ações para melhorar as condições refletidas pela pesquisa, mantendo os trabalhadores expostos a condições que proporcionam doenças e acidentes do trabalho.

A funcionária Tereza<sup>10</sup> declarou que ficou afastada de suas atividades de outubro de 2011 a abril de 2012 por dores na coluna. Quando questionamos se sua condição de trabalho mudou após seu retorno, Tereza disse que apenas mudou de máquina de costura, mas que a situação é a mesma de antes do seu afastamento. Durante a semana em que ocorreu a entrevista, ela tomou diariamente medicamentos para diminuir as dores.

Verificamos, ao longo desta pesquisa, que os acidentes de trabalho que ocorrem na indústria de confecção e vestuário não são objetos de pesquisa dos acadêmicos da região Sudoeste do Paraná, que abordam superficialmente esse assunto e não como tema principal de pesquisa. Foi, no entanto, possível caracterizar alguns aspectos referentes ao assunto nas entrelinhas dos trabalhos pesquisados.

O setor da confecção exerce grande influência nos números de acidentes e de doenças de trabalho no Sudoeste, pois é um dos principais segmentos geradores de empregos e utiliza a maioria dos trabalhadores em alguns municípios. Tal importância não é refletida na remuneração desses trabalhadores, que recebem o menor salário entre os principais empregadores da região.

Observamos que os dados de acidentes de trabalho fornecidos pelo MTE não representam a realidade dos acidentes de trabalho do Sudoeste, pois adota metodologia inadequada para este levantamento. Dados mais precisos levantados pelo SESI, em que é possível identificar acidentes de trabalho antes que ocorram, são geralmente desprezados pelos empresários, que ignoram e mantêm os trabalhadores sujeitos a acidentes e a doenças de trabalho

As características do trabalho apresentadas ao longo desta pesquisa demonstram que, em muitas situações, as condições atuais ainda são similares às

---

<sup>10</sup> Tereza é o pseudônimo utilizado para preservar a identidade da funcionária na indústria de confecção no município de Santo Antônio do Sudoeste – PR.

do início do capitalismo, principalmente no período da manufatura, com a divisão do trabalho e o emprego de pouca maquinaria. O capítulo 4 demonstra a similaridade entre o início do modo de produção capitalista e o atual modo de produção capitalista nas indústrias de confecção do vestuário do Sudoeste do Paraná.

## **CAPÍTULO 4**

### **ACIDENTES E DOENÇAS DE TRABALHO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

#### **4.1 As condições de trabalho no modo de produção capitalista**

As condições em que o trabalhador desenvolve suas atividades interferem diretamente no produto por ele desenvolvido e, principalmente, na saúde do trabalhador. Os acidentes e as doenças do trabalho podem ser resultado dessas condições, que varia em aspectos físicos do ambiente de trabalho, emocionais e psicológicos, sobrecarga de trabalho, intensificação, salário, entre outros. Essas condições podem caracterizar o modo de produção capitalista, que, apesar de mudança ao longo do tempo, mantém sua essência.

Desde o momento em que o trabalho passou a ser comercializado, deu-se o início ao processo de geração de mais-valia e o trabalhador passou a intensificar suas atividades para aumentar o lucro do comprador. Esse processo de intensificação e exploração da mão de obra passou por inúmeras etapas, com características distintas, mas sempre com o objetivo de utilizar ao máximo a força de trabalho humano, até que ela atingisse seu limite e, posteriormente, fosse descartada. O aumento na fabricação dos mais variados produtos, a inserção de novas tecnologias e o desenvolvimento das grandes corporações alteraram as condições de trabalho, que se tornaram acidentes ainda mais intensos. Essa mudança afetou também toda a estrutura familiar, estabelecendo novas características às sociedades.

Andrade (1985) caracteriza capitalismo como sistema que exige uma apropriação privada dos meios de produção. Trata-se de um sistema em que, na sua criação, dominava a livre concorrência e a iniciativa individual na vida econômica, mas que, com a sua evolução está substituindo essas características por concentração de riquezas, concentração empreendida por grandes grupos econômicos. A criação de monopólios gera um modo único de produção, obrigando a população a vender sua força de trabalho e a se encaixar nos modos de produção capitalista. No Brasil, no momento de sua abertura ao mercado externo, como na maioria dos países, grandes corporações com gigantesco potencial econômico,

formador de espaço e sociedades, instalaram-se e formaram um exército industrial, com grande reserva e rotatividade de trabalhadores com baixos salários.

Ainda de acordo com Andrade (1985), todo esse processo tem como principal origem a Revolução Industrial no século XVII, advento marcado principalmente pela criação da máquina a vapor, atribuída a James Watt, e o tear mecânico, criado por Edmund Cartwright dez anos após a invenção de Watt. Trata-se de invenções que revolucionaram a indústria têxtil e todo o processo produtivo, implantando definitivamente a divisão social do trabalho, que já começa a aparecer momentos antes, nos períodos chamados de Cooperação e Manufatura. O conhecimento científico é extremamente dinâmico e influencia diretamente as transformações econômicas. Sendo assim, atua na diversificação do espaço e no tempo, interferindo na formação econômica e social. O conhecimento aplicado à técnica transformou, através do trabalho, o modo de produção na indústria, bem como os espaços e os lugares ao longo do tempo. O homem, à medida que aperfeiçoa seu conhecimento técnico e que dispõe de capital, transforma a natureza com o objetivo de produzir o tipo de espaço de que precisa. As estruturas econômicas e sociais, os meios naturais e, principalmente, as sociedades industriais são resultados desse objetivo.

O autor recorre aos pensamentos filosóficos de Hegel e Marx para explicar a produção do espaço, considerando a influência da infraestrutura econômica sobre as atividades do homem e considera o espaço geográfico como espaço social produzido no processo de apropriação de bens, na produção de mercadorias e na acumulação de capital. Decorre, portanto, que a geração do espaço geográfico é produzida de acordo com as pretensões econômicas e sociais do homem, muitas vezes sem a preocupação direta com os resultados sociais e naturais gerados a partir dessas ações. As teorias informam que o espaço econômico e o espaço geográfico não podem ser totalmente individuais, pois são espaços que se interpenetram em um mesmo território. A criação do espaço geográfico está relacionada ao desenvolvimento econômico, que, por sua vez, depende das condições geográficas, que geram a possibilidade desse desenvolvimento. A indústria é a grande responsável pelas alterações espaciais e econômicas do território, principalmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, mas com início bem anterior, no tempo da primeira Revolução Industrial.

Para Santos (2005), o espaço é a sociedade e não existe sociedade aespacial. A base para explicar a formação econômica, social e espacial é o trabalho

do homem e sua capacidade de transformar. Não existe somente a formação econômica, social ou espacial. O autor acredita que todos esses fatores estão ligados ao trabalho desenvolvido pelo homem, daí a importância que se dá não só ao trabalho, mas principalmente ao homem. A diferença entre lugares é resultado dos diferentes modos de produção e o valor de cada local depende dessa característica de maneira qualitativa e quantitativa. O modo de produção é apresentado pela rivalidade entre o novo e o velho, quando o novo procura impor-se, mas o velho ainda resiste em algumas formas sociais.

Marx (1983) afirma que o modo de produção capitalista, com acúmulo de capital, é responsável pelo novo modo de trabalho que intensifica e explora o trabalhador e interfere ainda mais rápido na formação espacial, econômica e social.

Conforme Correa (1999), os grandes proprietários industriais e as grandes empresas comerciais, em razão de sua dimensão, necessitam de grandes espaços, terrenos amplos e baratos, sendo assim grandes modificadores do espaço. Santos (2005) complementa afirmando que, quando se fala em modo de produção, não se trata somente de relações sociais que tomam uma forma material, mas também de seus aspectos imateriais, como político e ideológico. A importância que o modo produtivo tem na caracterização e no desenvolvimento de uma sociedade e a interferência econômica que essa produção tem está ligada diretamente ao processo produtivo, que, por sua vez, está ligada ao trabalho e à atividade do homem na geração do desenvolvimento e de mais-valia para a manutenção do modo capitalista.

A seguir, buscamos caracterizar como se apresentam os acidentes de trabalho a partir das diferentes formas de organização produzidas historicamente no modo de produção capitalista.

#### **4.2 Trabalho estranhado: raiz da negatividade do trabalho**

A intensificação das atividades dos trabalhadores nas indústrias, a busca pelo aumento da produção, as longas jornadas de trabalho e seus movimentos repetitivos, fatores aliados à incapacidade de pensar, expuseram o trabalhador a um

Estado estranho<sup>11</sup> ao seu trabalho e ao produto que ele gerou. Para Marx (2004), o acúmulo do capital em poucas mãos é a mais intensa reestruturação do monopólio, igualando o capitalista com os latifundiários e compara que, assim como o agricultor e o trabalhador na indústria, toda a sociedade tem que decompor-se em duas classes, a dos proprietários e a dos trabalhadores sem propriedade. A filosofia do capitalismo torna o trabalhador mais pobre quanto mais riqueza esse mesmo trabalhador produz. O trabalhador torna-se uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria e, com a valorização do mundo dos produtos e dos consumos, ocorre o aumento da desvalorização dos homens.

Para Marx (2004), o trabalho não produz somente produtos, mas também produz o próprio homem, portanto o trabalhador se transforma em uma mercadoria, isto é, o trabalho produz o seu produto, o produto do trabalho é o trabalho que se fixou em um objeto. Tal fato é o principal objetivo do trabalho, que ele seja materializado em forma de mercadoria:

A efetivação do trabalho tanto aparece como desafetivação em que o trabalhador é desafetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como uma perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob domínio do seu produto, do capital. (MARX, 2004, p. 144).

A relação que o trabalhador tem com o trabalho e o produto no capitalismo é a transformação do trabalho em um objeto que é uma penalização para o trabalhador, que fica dominado pelo resultado do seu trabalho. Quanto maior for esse resultado, menos condições de possuir o efeito do seu trabalho o trabalhador possui.

Segundo Marx (2004), a lógica em que o trabalhador se relaciona com o objeto do seu trabalho de maneira estranha ocasiona inúmeras consequências, como: quanto mais o trabalhador se desgasta, mais poderoso se torna o mundo do objeto do seu trabalho, indiferente ao que ele mesmo cria; tão mais pobre ele se torna e seu mundo interior deixa de pertencer a ele mesmo.

---

<sup>11</sup> Trabalho estranhado: é o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre trabalhador (o trabalho) e a produção. O trabalhador está alheio ao que produz, não conhece o produto, não pensa, não cria.



O trabalhador encerra sua vida no próprio objeto que produz e, a partir daí, a sua vida não pertence mais a si mesmo, e sim ao objeto produzido, portanto, quanto mais intensa a atividade do trabalhador na produção desse objeto, mais sem objetivo é a sua vida, e quanto maior esse produto, menor é o trabalhador.

A externalização do trabalho em forma de produto tem o significado não somente de que o trabalho se tornou um produto, mas, sim, que seu trabalho existe fora dele, independentemente e estranho ao próprio trabalhador, tornando-se uma potência independente perante o trabalhador, e que o objeto que ele concebeu se defrontou a ele de maneira hostil e estranha:

O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa pelas leis nacional-econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir, que quanto mais valores cria, mais sem valor e indigno ele se torna; quanto melhor formado o seu produto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2004, p. 146).

Para o autor, a economia nacional esconde o estranhamento na essência do trabalho, pois não considera a relação entre o trabalhador e a produção, já que o trabalhador produz riqueza para alguns e privações para si mesmo:

Produz beleza, mas deformações para o trabalho. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2004, p. 146).

O estranhamento não aparece apenas no resultado do trabalho, mas também na produção do objeto, pois o produto é resultado da atividade da produção. O resultado é externo ao trabalhador, não pertence a ele mesmo, pois o operário recusa o trabalho, pois não se sente bem, sente-se infeliz, por não desenvolver nenhuma energia física e espiritual livre, somente a degradação do seu espírito. Para o autor, o trabalhador, nesse sistema, sente-se em primeiro lugar somente quando está fora do seu trabalho. Isso se justifica porque seu trabalho não é livre e sim forçado, imposto: “O trabalho não é por isso a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer carências, fora dele” (MARX, 2004, p. 147).

Tal fato pode ser observado em uma indústria de confecção do vestuário em Santo Antônio do Sudoeste – PR, em que um trabalhador com a função de fixar o

“zíper” na peça de roupa interrompe instantaneamente sua atividade ao ouvir o aviso sonoro que indicava o intervalo para o almoço (Figura 05). Mesmo sendo necessários alguns milésimos de segundo para concluir a fixação, ele parou sua atividade e foi para a fila (Figura 06) para registrar seu “ponto”, marcando o horário de intervalo.

Marx (2004) conclui que o trabalhador só se sente livre e ativo em suas funções animais ou primárias de sobrevivência quando come, bebe, procria e em alguns casos na sua casa.

**Figura 05: Trabalhador interrompe sua atividade.**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Santo Antônio do Sudoeste – PR, novembro de 2010.

**Figura 06: Fila dos trabalhadores para registrar o horário de intervalo**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Santo Antônio do Sudoeste – PR, agosto de 2010.

### 4.3 As condições de trabalho na manufatura

O primeiro passo para o sistema de produção capitalista dá-se no período chamado de Cooperação, período que, na análise de Marx (1983), é a forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado e conjuntamente, no mesmo processo de produção ou em processos de trabalho diferentes, mas interligados. Marx (1983) contextualiza o início do capitalismo a partir da existência de um capital individual que ocupa simultaneamente um número maior de trabalhadores, no qual o processo de trabalho amplia sua extensão e fornece em uma escala maior do que antes, ou seja, a atividade de um número maior de trabalhadores, ao mesmo tempo, no mesmo lugar, para produzir o mesmo produto sob o comando do mesmo capitalista é o ponto de partida para a forma de produção capitalista.

De acordo com o autor, no início do processo capitalista, mesmo não se alterando o modo de trabalho, o emprego simultâneo de grande número de trabalhadores gera uma revolução nas condições do processo de trabalho. Nesse momento, os instrumentos, as ferramentas e parte do meio de produção em grandes edifícios são de uso comum, partilhado no processo do trabalho. No sistema capitalista, o custo para gerar o posto de trabalho para 20 tecelões de forma individual é maior do que o custo de gerar um local de trabalho onde os 20 tecelões podem produzir simultaneamente.

A fusão de forças de trabalho forma uma força global que é estimulada pelo que denomina Marx (1983) espíritos vitais, em que a união de forças de trabalho gera entre o grupo de trabalhadores maior produção, pela necessidade natural da competição entre os indivíduos. No exemplo de Marx, 12 pessoas trabalhando juntas em uma jornada de 144 horas de trabalho proporcionam um produto global maior do que 12 trabalhadores isolados trabalhando 12 horas ou mesmo uma pessoa trabalhando 12 dias consecutivos. Já no processo de cooperação, quando os trabalhadores cooperavam para o mesmo capitalista, o trabalhador já não pertence mais a si mesmo e sim ao capitalista que os comanda.

O autor escreve que o processo seguinte à Cooperação é o sistema que deu origem ao modo de produção capitalista atual, a Divisão do Trabalho na Manufatura. Se antes um mesmo indivíduo era responsável por todo o processo de fabricação de um produto, agora as etapas de tal processo são distribuídas entre vários artesões.

Na manufatura ocorre a divisão das atividades, ou seja, cada trabalhador é responsável por uma fase da produção da mercadoria, trabalhando simultaneamente uns com os outros para a execução de um produto único final. Da mesma forma que acontece na cooperação, esses trabalhadores são reunidos em oficinas sob o comando do mesmo capitalista:

A origem da manufatura, sua formação a partir do artesanato, é, portanto, dúplice. De um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. De outro lado, ela parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico. Por um lado, a manufatura introduz, portanto, a divisão do trabalho em um processo de produção ou a desenvolve mais, por outro lado, ela combina ofícios anteriormente separados. Qualquer que seja seu ponto particular de partida, sua figura final é a mesma, um mecanismo de produção, cujos órgãos são seres humanos. (MARX, 1983, p. 268).

Na manufatura surge a condição da repetição e de mecanização dos movimentos dos trabalhadores, que executam a vida inteira uma única operação simples, transformando todo seu corpo em órgão automático. A repetição contínua, limitada, e a concentração da atenção em apenas uma atividade levam o trabalhador a adquirir experiência necessária para atingir o mínimo de gasto de força na execução do movimento. A transformação do trabalho parcial na profissão por toda a vida do trabalhador remete à tendência de sociedades anteriores, de tornar hereditários os ofícios, tirando do trabalhador a oportunidade de escolher outro ofício como profissão.

Para o autor, a manufatura, que conscientemente tem como princípio a diminuição do tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria, chega a desenvolver e a utilizar máquinas, sobretudo para processos onde era necessário grande emprego de força. A maquinaria específica desse período geralmente pertence ao próprio trabalhador e as diversas atividades divididas na produção de mercadorias exigem diferentes habilidades. O mesmo indivíduo não possui, porém, essas diferentes habilidades no mesmo grau. Então os trabalhadores

são divididos conforme sua habilidade dominante e assim é extraído o total potencial produtivo de cada operário.

A manufatura desenvolve, portanto, uma hierarquia das forças de trabalho, à qual corresponde uma escala de salário. Se, por um lado, o trabalhador individual é apropriado e anexado por toda a vida a uma função unilateral, então as diferentes operações daquela hierarquia são adaptadas às habilidades naturais e adquiridas. (MARX, 1983, p. 276).

A manufatura cria em todo e qualquer ofício uma classe de trabalhadores chamados de não qualificados, que eram excluídos pelo artesanato. Junto à graduação hierárquica surge a separação dos trabalhadores em qualificados e não qualificados e em função da simplificação da função exercida pelo trabalhador ocorre a desvalorização da força de trabalho. Com a simplificação dos ofícios se torna desnecessário o aprendizado, portanto se reduz o tempo de trabalho necessário para o funcionário produzir, aumentando o lucro do capitalista.

A divisão do trabalho na sociedade é correspondente às limitações dos indivíduos. Diferentes comunidades com seus meios de produção diferentes, seus produtos diferentes, seus meios de vida diferentes, provocam intercâmbio de produtos e a transformação desses produtos em mercadorias, surgindo assim a divisão social do trabalho por meio de intercâmbio entre diferentes esferas de produção independentes entres si.

Enquanto a divisão do trabalho no todo de uma sociedade, seja ou não mediada pelo intercâmbio de mercadorias, existe nas mais diferentes formações sócio econômicas (sic), a divisão manufatureira do trabalho é uma criação totalmente específica do modo de produção capitalista. (MARX, 1983, p. 282).

Marx (1983) compara o período em que a cooperação era dominante com a fase da manufatura. O sistema de cooperação não modificava o modo de trabalho do indivíduo, mas a manufatura revoluciona a base e controla a força individual do trabalho.

Ela aleija o trabalhador convertendo-o em uma anomalia, ao fomentar artificialmente suas habilidades no pormenor mediante a repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas, assim como nos Estados de La Plata abate-se um animal inteiro apenas para tirar-lhe a pele ou o sebo. (MARX, 1983 p. 283).

O autor descreve o que foi possível avaliar no modo de trabalho encontrado nas indústrias de confecção da região Sudoeste do Paraná, em que a intensificação do trabalho é uma imposição do empregador, recompensando financeiramente com prêmios ou bônus no salário. A pressão por aumento da produtividade pode ser identificada, no decorrer deste trabalho, quando descrevemos que a produtividade do trabalhador é nivelada por cima a partir da maior produção, sem respeitar as condições de cada indivíduo. No processo de acúmulo de capital, o capitalista absorve todo o potencial do trabalhador, sem a preocupação com o indivíduo.

A ignorância é a mãe da indústria, como da superstição. A reflexão e a imaginação estão sujeitas ao erro, mas o hábito de movimentar o pé ou a mão não depende nem de uma nem da outra. As manufaturas prosperam, portanto, mais onde mais se dispensa o espírito, de modo que a oficina pode ser considerada como uma máquina cujas partes são seres humanos. (MARX, 1983, p. 284).

Desde o início do processo produtivo, em grande escala, imposto pelo capitalismo, questionam-se as condições de trabalho e a falta de valorização dos trabalhadores, rebaixados pelo sistema a componentes de uma grande máquina a favor do capital. Isso interfere na inteligência humana, pois:

A inteligência da maior parte dos homens, diz A. Smith, desenvolve-se necessariamente a partir e por meio de suas ocupações diárias. Um homem que despense toda a sua vida na execução de algumas operações simples (...) não tem nenhuma oportunidade de exercitar sua inteligência. (...) Ele torna-se geralmente tão estúpido e ignorante quanto é possível a uma criatura humana. (MARX, 1983, p. 284).

Marx (1983) descreve que o capitalismo gera estupidez na força de trabalho, pois não precisa de trabalhadores pensadores ou críticos, precisa apenas de trabalhadores que façam o que lhes foi determinado no menor tempo, da melhor forma, gerando mais lucro para o capital.

#### **4.4 As condições de trabalho na maquinaria**

O que definitivamente mudou o conceito de trabalho e a condição de trabalho no capitalismo ocorreu no período da maquinaria e da grande indústria, conjunto de

eventos que até hoje influencia as características das indústrias de todo mundo. Foi um período em que surgiu a máquina a vapor, o tear mecânico, a linha de produção com o fordismo e o taylorismo, acontecimentos que ainda servem de base para os modos de produção industrial. A finalidade da maquinaria seria baratear mercadorias e reduzir as jornadas de trabalho de que o trabalhador precisa para pagar seu custo e alongar o tempo que dá de graça para o capitalista. Não foi isso, porém, o que ocorreu, pois a maquinaria veio como um poderoso instrumento de mais-valia e não teve como objetivo aliviar a penosa labuta diária dos trabalhadores. Diferenciando os períodos da manufatura e da maquinaria, o autor explica que a ferramenta utilizada no período do artesanato, da cooperação e em processos da manufatura, é uma máquina simples, e depois, na maquinaria, a máquina é como uma ferramenta composta, além do fato de que da ferramenta o homem seria a força motriz, enquanto na máquina a força motriz parte de uma força natural que não a humana, como a força animal, eólica, vapor, etc.

Na visão de Marx (1983), toda maquinaria desenvolvida no século XVIII era constituída de três partes essenciais distintas, quais sejam, a máquina motriz, o mecanismo de transmissão e a máquina-ferramenta ou máquina de trabalho, e é dessa parte da máquina que se origina a revolução industrial. As máquinas eram a mecanização das ferramentas utilizadas pelos artesãos, implantadas no conjunto de engrenagens, cabos e correias que formavam o conjunto denominado máquina. Em resumo, a máquina-ferramenta é, portanto, um mecanismo que, ao ser-lhe transmitido o movimento correspondente, executa com suas ferramentas as mesmas operações que o trabalho executava antes com ferramentas semelhantes. O homem começa a desenvolver novas técnicas de força motriz, pois elementos tradicionais como o vento ou a força da água eram difíceis de serem controlados, além de inconstantes. Somente em 1784, com a invenção da máquina a vapor por Watt, a força motriz pode ser totalmente controlada, sendo empregada nos mais variados processos de produção. A união de uma força possível de ser controlada com a mecanização das ferramentas aumenta vertiginosamente a força de produção.

Em determinado grau de desenvolvimento, a grande indústria entrou em conflito com sua base artesanal e manufatureira. A expansão do tamanho das máquinas motrizes, do mecanismo de transmissão e das máquinas-ferramenta, maior complicação, diversidade e regularidade mais rigorosa, tornaram a máquina

mais difícil de dominar, chocando-se com as limitações pessoais. Esse processo foi rompido em grau e não em sua essência.

Marx (1983) demonstra a dominação da máquina sobre o trabalhador, que muitas vezes se torna mero componente desse sistema. A revolução no modo de produção da indústria também revolucionou as condições sociais, os meios de transporte, infraestrutura e meios de comunicação. Com a evolução da maquinaria, o capital fez com que o trabalhador, ao invés de trabalhar com a ferramenta manual, começasse a trabalhar com uma máquina que é agora a sua ferramenta, e a produtividade da máquina se mede pelo grau em que ela substituiu a força do trabalho humano. Assim, portanto, caso a máquina custe tanto quanto a força de trabalho humano por ela substituída, ela perde sua vantagem para o trabalhador por ela substituído.

O interesse do capitalismo está na produtividade e no lucro, sem a preocupação com a execução da atividade do trabalhador. A máquina impunha o ritmo de trabalho para que ele fosse lucrativo e o operário deveria acompanhar o ritmo de produção. A máquina, a partir desse período, é responsável pela energia antes destinada à força muscular humana masculina, então as indústrias passam a utilizar o trabalho feminino e infantil, antes não necessária, pois era característica do homem. Assim, o capital passa a utilizar toda a força de trabalho de uma família, desvalorizando o trabalhador pelo excedente de trabalhadores que se começa a gerar, em função da utilização da mão de obra de mulheres e de crianças que eram mais rentáveis ao capital do que os homens adultos. Muitas vezes, o homem chefe da família vendia o trabalho da mulher e dos filhos. O resultado aparece em horas excessivas de trabalho e em condições inadequadas para crianças, jovens e mulheres, sem estrutura física para desenvolver a atividade. Isso gera a ruína física desses trabalhadores:

Já se fez alusão à ruína física das crianças e pessoas jovens, bem como das mulheres trabalhadoras, que a maquinaria submete à exploração do capital primeiro diretamente nas fábricas que rapidamente crescem com base nela e, depois, indiretamente, em todos os demais ramos industriais. Só nos detemos aqui em um ponto, a monstruosa mortalidade de filhos de trabalhadores em seus primeiros anos de vida. (MARX,1983, p. 25).

O autor refere-se à investigação médica oficial realizada em 1861, que atribuiu as altas taxas de mortalidade à ocupação extradomiciliar das mães e ao



descuido e maus-tratos das crianças pela ausência materna, dentre outras consequências, como a alimentação inadequada, falta de alimentos e envenenamento proposital<sup>12</sup>. Além da destruição intelectual, produzida pela transformação de pessoas em máquinas de produção para a mais-valia, a fúria do capital gera consequências além dos limites internos das fábricas. A necessidade de sobrevivência imposta pelo capitalismo e a desvalorização da mão de obra dizima famílias de maneira intensa. Diante de tantas barbáries, o parlamento inglês promulga lei tornando obrigatório o ensino primário para crianças com menos de 14 anos, como requisito para poder trabalhar nas indústrias. Por um longo período, isso se fez somente nos certificados expedidos pelas escolas, pois nem mesmo os professores, muitas vezes, não sabiam ler e a situação das instalações onde essas crianças permaneciam por horas eram totalmente insalubres.

A maquinaria é o meio mais poderoso de produtividade, o meio mais eficaz para encurtar o tempo de trabalho necessário para a produção de mercadorias e torna-se o mais poderoso meio de prolongar a jornada de trabalho além de qualquer limite natural. O capitalista expunha o trabalhador a muitas horas de trabalho para a produção de mais-valia, levando o ser humano ao limite de esgotamento das energias naturais de seu corpo. A produção de mais-valia gerada pela utilização da máquina desvaloriza ainda mais a força de trabalho, fazendo com que o valor social da máquina seja maior que o valor individual.

Com a substituição de uma parte da força de trabalho pelas máquinas e o "prolongamento" da jornada de trabalho, cria-se mão de obra excedente deslocada pela máquina, que joga por terra todos os limites morais e naturais da jornada de trabalho, transformando todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho. A máquina é o mais comprovado meio de "prolongar" a jornada de trabalho, justificando eventualmente a escravidão de uns como meio para o desenvolvimento de outros.

De acordo com Marx (1983), inúmeras reações por parte da sociedade e de movimentos organizados de trabalhadores obrigaram o Estado a estabelecer a lei fabril que reduzia a jornada de trabalho. Mesmo assim, no entanto, os capitalistas, em busca do acúmulo de capital, pressionavam os trabalhadores a produzir mais intensamente para que não diminuísse seu ganho de mais-valia. Então eram

---

<sup>12</sup> A falta de alimentos para toda a família conduzia à morte de seus componentes por envenenamento proposital.

obrigados a produzir em 10 horas o que antes produziam em 12 horas. Isso fez com que o tempo útil de vida do trabalhador diminuísse pela intensidade do sistema fabril, gerando maior rotatividade de trabalhadores. Esse processo se intensificou com o aperfeiçoamento da maquinaria, que exercia maior pressão sobre o trabalhador.

Como identificamos ao longo desta pesquisa, a intensificação do trabalho ainda existe. Ela, no entanto, é imposta mediante uma troca, em que o trabalhador aumenta sua produtividade diária e ultrapassa da carga horária normal, em troca de uma melhor remuneração, que varia de 5% a 10% do seu salário ou outra forma de compensação. O resultado dessa intensificação pode ser observado nos relatos dos trabalhadores do setor em estudo e também pelas pesquisas realizadas pelo SESI, que apresenta o grande índice de desconforto na execução da atividade e uma incidência elevada de doenças mentais e comportamentais.

Quando questionamos as trabalhadoras sobre suas opiniões quanto à intensificação do trabalho, as funcionárias com mais tempo de experiência confirmam não se importarem com as cobranças feitas pela empresa para que as metas sejam atingidas. Segundo Maria e Paula, a intensificação do trabalho é compensada pelo retorno financeiro que recebem quando atingem as metas estabelecidas.

Entre as empresas de Santo Antônio do Sudoeste e Francisco Beltrão, o valor pago para o cumprimento das metas varia de R\$ 25,00 a R\$ 60,00 por mês. Com esses acréscimos de salário, no entanto, as mais jovens, como Rose e Tereza, funcionárias de empresas de Santo Antônio do Sudoeste, acreditam que a intensificação do trabalho em troca da remuneração por atingir as metas não é compensada pelo valor pago. A funcionária Joana<sup>13</sup>, de Francisco Beltrão, que trabalha na empresa há cinco meses acredita que o desgaste e o estresse gerados não compensam, por isso preferiria que essa prática não existisse.

Segundo Marx (1983), as leis fabris de 1844 e 1850 geraram ótimos resultados para os capitalistas, pois ocorreu aumento da produção com redução da jornada de trabalho e, em consequência, aumentou a mais-valia, muito embora os inspetores das fábricas reconhecessem que a redução da jornada de trabalho provocava uma intensificação do trabalho, capaz de destruir a saúde dos

---

<sup>13</sup> Joana é o pseudônimo utilizado para preservar a identidade da funcionária na indústria de confecção no município de Francisco Beltrão – PR.

empregados. Com a maquinaria aumenta a exploração e intensifica-se o trabalho de mulheres e de crianças, tirando da família o tempo de vida.

O trabalhador era sujeitado a um aprendizado para que seus movimentos se adaptassem aos movimentos da máquina. A metodologia utilizada no processo fabril no século XVIII afronta todas as normas de ergonomia e seu próprio conceito na atualidade. Para Lida (1995), a ergonomia é o estudo da adaptação do trabalho ao homem, visando o trabalho não apenas como um ambiente físico, com máquinas e equipamentos, mas como uma organização que é programada e controlada para produzir os resultados desejados. A Norma Regulamentadora nº 17 do MTE (2005) garante aos trabalhadores a adequação do posto de trabalho conforme as necessidades individuais na atividade realizada:

Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo. (MARX, 1983, p. 43).

O autor destaca que “[...] a evolução da máquina alimenta ainda mais o capital e degenera a saúde do trabalhador” (MARX, 1983, p. 45). Ele aponta ainda as condições em que se realiza o trabalho fabril: “Todos os órgãos dos sentidos são igualmente lesados pela temperatura artificialmente elevada, pela atmosfera saturada de resíduos da matéria-prima sob ruído ensurdecidor, sem falar do perigo de vida sob as máquinas amontoadas” (MARX, 1983, p. 45). O desenvolvimento social amadurecia apenas para o sistema fabril, que roubava sistematicamente a condição de vida do operário, seu espaço, ar, luz e meios de proteção, não oferecendo condições seguras para o trabalho.

Mesmo observando que as condições ergonômicas no desenvolvimento das atividades do setor de confecção melhoraram do passado até o presente, ainda é possível identificar inúmeros afastamentos de trabalhadores de suas atividades devido às lesões provocadas pelo esforço contínuo e repetitivo. Em algumas empresas, atividades físicas fazem parte da rotina do trabalhador, que executa exercícios físicos como alongamento e relaxamento, auxiliando na redução de doenças do trabalho. Mesmo assim, no entanto, os índices demonstrados nesta pesquisa indicam que, apesar dessas iniciativas, as doenças do trabalho ainda são intensas. Marx já questionava as condições dos trabalhadores, expostos a péssimas

condições do ambiente, sem a proteção necessária para as atividades, colocando suas vidas em risco.

Gramsci (2001) contextualiza da seguinte forma:

A história do industrialismo foi sempre (e se torna hoje de modo ainda mais acentuado e rigoroso) uma luta contínua contra o elemento “animalidade” do homem, um processo ininterrupto, frequentemente doloroso e sangrento, de sujeição dos instintos (naturais, isto é, animais e primitivos) a normas e hábitos de ordem, de exatidão, de precisão, sempre novos, mais complexos e rígidos, que tornam possível as formas cada vez mais complexas de vida coletiva, que são a consequência necessária do desenvolvimento do industrialismo. (GRAMSCI, 2001, p. 262).

Atualmente, normas internacionais e do MTE estabelecem critérios mínimos para a execução de inúmeras atividades, estabelecendo limites e condições de segurança para o trabalhador. Mesmo com a existência de limites e de definições de condições mínimas para execução das atividades, observamos que a situação em algumas empresas do setor de confecção não atende o estabelecido pelas normas. Tal fato ocorre pela falta de investimento por parte dos empresários e pela falta de fiscalização dos órgãos competentes. As Figuras 07 e 08 demonstram algumas condições que envolvem ergonomia, condições de trabalho e a intensificação da mão de obra pela quantidade de peças de roupas a serem produzidas.

**Figura 07: Condições de trabalho costureira**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Santo Antônio do Sudoeste – PR, agosto de 2010.

A Figura 07 demonstra as condições ergonômicas da trabalhadora, sentada em cadeira de palha, em um ambiente desorganizado, com resíduos de tecido espalhados pelo chão.

**Figura 08: Intensificação do trabalho e acúmulo de atividade**



Fonte: Adir Silvério Cembranel. Santo Antônio do Sudoeste – PR, agosto de 2010.

A Figura 08 demonstra a necessidade de o trabalhador se adaptar à produtividade de outro trabalhador. A célula de produção alimenta o serviço do operador e constantemente gera a necessidade do aumento da produtividade, mantendo o trabalhador ativo constantemente.

Em torno de 1860, surgiu na Inglaterra a legislação fabril com suas cláusulas sanitárias e educacionais. A legislação era considerada por Marx (1983) como elaborada com uma redação facilitadora para o capitalismo burlá-la. As cláusulas sanitárias eram extremamente pobres, restritas e contemplavam apenas a prescrição de pintura nas paredes e algumas medidas de limpeza, ventilação e de proteção contra máquinas perigosas. Marx (1983) relata fato ocorrido no período de 1852 a 1856, em que trabalhadores do campo eram retirados de seus ofícios para trabalhar nas indústrias, onde não tinham conhecimento algum de maquinaria, o que provocou acidentes graves, como a morte de seis trabalhadores e 60 graves mutilações. Identificamos no relato de uma trabalhadora da indústria de confecção do vestuário de Santo Antônio do Sudoeste que a empresa possui aproximadamente 40 trabalhadores afastados de suas atividades por motivos de saúde.

Segundo Marx (1983), outra cláusula da Lei Fabril de 1864 era a necessidade de instrução primária como condição obrigatória para o trabalho. O êxito dessa ação deu origem à união do ensino com a ginástica e o trabalho manual. A partir de 1864, através de algumas medidas adotadas pelo Estado para amenizar a penúria à qual era exposto o trabalhador, começou a apresentar alguns efeitos positivos.

As características do modelo capitalista de produção criado no final do século passado se estendem até hoje e muitos procedimentos são mantidos em postos de trabalho em todo mundo. Assim, apesar de todas as tentativas de transformação, o capitalismo continua sendo penoso para o trabalhador. As intervenções do Estado, ao promulgar leis objetivando reduzir as precárias condições de trabalho, nem sempre obtiveram êxito.

#### **4.5 Condições de trabalho no taylorismo e fordismo**

Com o objetivo de aumentar ainda mais a produção e utilizar mais intensamente a mão de obra, no século XX instituiu-se uma nova organização do trabalho. Essa nova organização adotou as metodologias do taylorismo e do fordismo, que, juntas aumentaram ainda mais a utilização da força de trabalho humano nas indústrias e contribuíram ainda mais para a degradação do trabalhador.

Segundo Harvey (1989), após a fase de evolução da grande indústria através da máquina, merece destaque na evolução do processo de fabricação e nas condições de trabalho o período denominado de fordismo, que tem como data simbólica de início o ano de 1914, quando Henry Ford estabeleceu o dia de oito horas e cinco dólares como recompensa para trabalhadores na linha de montagem de carros. Ford fez mais do que sistematizar velhas tecnologias e uma detalhada divisão do trabalho ao fazer o trabalho chegar ao trabalhador postado em uma posição fixa. Ford com isso conseguiu grandes ganhos de produtividade. Assim nasceu a chamada linha de montagem. O fordismo, influenciado pelos princípios da administração científica de Frederick Winslow Taylor, tinha o pensamento de que a produção em massa significava consumo em massa, criando um novo sistema de força de trabalho, novas políticas de controle e, em suma, novo modo de produção.

Para Taylor (1990), o principal objetivo da administração é o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado. Harvey (1989) acreditava que o sistema fordista, que adotava o dia

de oito horas a cinco dólares, era para obrigar o trabalhador a adquirir a disciplina necessária à operação do sistema de linha de montagem de alta produtividade. O propósito também era dar aos trabalhadores renda e tempo de lazer suficiente para que consumissem os produtos produzidos em massa. No sistema adotado por Ford, a diminuição das horas de trabalho atendia às pressões dos trabalhadores, que estavam cada dia mais fortalecidos através de organizações trabalhistas, e a pressão do Estado, que tinha como objetivo não apenas valorizar o trabalhador ou proporcionar-lhe melhor qualidade de vida, uma vez que a intenção de Ford era disponibilizar tempo para que os trabalhadores consumissem o que produziam, gerando um ciclo virtuoso de produção x consumo.

Para Harvey (1989), com a expansão internacional e o crescimento do capitalismo das indústrias e do grande investimento pelo capital, o Estado começa a investir em estrutura para dar suporte às indústrias e à massa de trabalhadores nelas empregados, com o investimento em transporte, equipamentos públicos, seguridade social, assistência médica, educação, habitação, etc. Com a inevitável escalada do capitalismo alavancado pelo sistema de Ford, começam a surgir necessidades, por parte dos trabalhadores, que deveriam ser atendidas pelo Estado. Essas ações entraram no processo de minimização da árdua condição de vida que o capitalismo impunha e impõe aos seus trabalhadores.

Segundo Gramsci (2001), a Europa apresentou grande resistência inicial ao sistema fordista, que estava enraizado no modo de vida americano, pela bagagem cultural e histórica que a região apresentava. Já a América não tinha grandes tradições históricas e culturais:

Tampouco está sufocada por esta camada de chumbo: é esta uma das principais razões, certamente mais importante do que a chamada riqueza natural de sua formidável acumulação de capitais, malgrado o nível de vida de suas classes populares ser superior ao europeu (GRAMSCI, 2001, p. 247).

Gramsci defende a ideia de que a resistência da Europa em aceitar o sistema americano, ou seja, o fordismo, deve-se ao contexto histórico e cultural existente nesses países, instituído durante a sua longa evolução histórica. Na América não existia esse contexto histórico-cultural, devido à sua história muito mais recente que a europeia. Outro exemplo citado por Gramsci (2001) demonstra claramente o que

defendem os geógrafos Milton Santos e Manuel Correa de Andrade, sobre a potencialidade de o trabalho criar e modificar o espaço através da indústria:

Verificou-se na Itália um início da fanfarra fordista exaltação da grande cidade, planos urbanísticos para a grande Milão, etc., a afirmação de que o capitalismo ainda está em seus inícios e que é preciso preparar-lhe os quadros de um grandioso desenvolvimento. (GRAMSCI, 2001, p. 249).

Gramsci (2001) descreve as alterações de espaço e da paisagem para a recepção do fordismo e ainda relata a expectativa de desenvolvimento que se espera com a vinda do sistema americano de produção. No avanço do sistema de produção na América, algumas empresas investigavam e monitoravam a vida particular de seus trabalhadores, objetivando a moralidade, como justificativa de um novo método de trabalho para um novo tipo de trabalhador e de homem.

Taylor (1990) defendia a ideia de que todo trabalhador tem tendência à vadiagem ao fazer “cera”, termo utilizado pelo autor ao referir que o trabalhador poderia produzir mais do que produz, mas não o fazia propositalmente, chegando a empregar apenas um terço da sua capacidade produtiva. O autor julgava essa suposta vadiagem como um fator das dificuldades sociais, da falta de emprego e da pobreza, e que se os trabalhadores produzissem com todo o seu potencial, esses problemas acabariam.

Na concepção de Gramsci (2001), esse objetivo é melhor definido nas palavras de Taylor quando se refere aos trabalhadores como “gorilas amestrados”. Gramsci transcreve o pensamento de Taylor:

Desenvolver em seu grau máximo, no trabalhador, os comportamentos maquinais e automáticos, quebrar a velha conexão psicofísica do trabalho profissional qualificado, que exigia certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal. (GRAMSCI, 2001, p. 266).

Nesse ponto de vista, podemos analisar as iniciativas do processo taylorista aplicados no fordismo, pois nesse processo não existe a preocupação com a humanidade e com a espiritualidade dos trabalhadores, que no nível imediato são esmagados. Essa humanidade e espiritualidade só pode se realizar no mundo da produção e do trabalho, na criação produtiva; eram máximas no artesão, “[...] quando a personalidade do trabalhador se refletia inteiramente no objetivo criado,



quando era ainda muito forte a ligação entre arte e trabalho” (GRAMSCI, 2001, p. 267). O objetivo do controle exercido pelas indústrias sobre o trabalhador empregando o “puritanismo” fora do trabalho era impedir o colapso fisiológico do trabalhador, capaz de interferir na sua rentabilidade. O industrial americano objetivava manter a continuidade da eficiência física do trabalhador e sua eficiência muscular-nervosa, para manter estável seu quadro de trabalhadores e para que não prejudicasse o andamento do trabalho coletivo, o que provocaria grandes perdas. A ideologia do industrialismo americano pregava o proibicionismo de diversas formas, impondo a moralidade, revelando até a sua preferência pela monogamia<sup>14</sup>, pois os industriais acreditavam que o trabalhador não conseguiria exercer os movimentos cronometrados<sup>15</sup> após despender energia nervosa em busca de satisfação sexual em uma noite de orgias.

Taylor (1990) dá ênfase ao não consumo de álcool pelos trabalhadores, que, por influência da indústria, abstiveram-se do uso dessa substância, passando a economizar dinheiro e a viver melhor e, por consequência, seguindo a orientação do capital, passaram a produzir mais. O comportamento industrial americano impõe características no modo de vida de seus trabalhadores e de toda a sociedade em busca de manter a estabilidade no processo de produção e de lucro.

Gramsci (2001) utiliza o exemplo de trabalhos considerados mais intelectuais para explicar o processo de adaptação do homem à sua atividade na indústria, ao relatar a dificuldade que os copistas, tipógrafos, datilógrafos, entre outros, tinham em realizar seu trabalho sem o envolvimento com o texto que deveriam reproduzir:

Quando o processo da adaptação se completou, verifica-se na realidade que o cérebro do operário, em vez de mumificar-se, alcançou um Estado de completa liberdade. Mecanizou-se completamente apenas o gesto físico; a memória do ofício, reduzido a gestos simples repetidos com ritmo intenso, aninhou-se nos feixes musculares e nervosos, e deixou o cérebro livre e desimpedido para outras ocupações. Do mesmo modo como caminhamos sem necessidade de refletir sobre todos os movimentos necessários para mover sincronizadamente todas as partes do corpo, de acordo com aquele determinado modo que é necessário para caminhar, assim também ocorreu e continuará a ocorrer na indústria com relação aos gestos fundamentais do ofício; caminhamos automaticamente e, ao

---

<sup>14</sup> Monogamia: quando um indivíduo só tem um único parceiro durante um determinado período. O termo também é usado para se referir à existência de um único parceiro sexual durante toda a vida de um indivíduo.

<sup>15</sup> Movimentos cronometrados: monitoramento do número de movimentos realizados por um trabalhador na execução de suas atividades, em um determinado período de tempo.

mesmo tempo, podemos pensar em tudo o que quisermos. (GRAMSCI, 2001, p. 272).

O autor demonstra que, com o passar do tempo, o homem adquiriu o conhecimento necessário e a habilidade pretendida para operar a máquina e a partir disso o capitalismo já não tem o mesmo domínio dos pensamentos dos trabalhadores. A adaptação à função exercida condicionou seus músculos e nervos a agirem automaticamente no processo de produção. Isso não significa, porém, que a liberdade de pensamento que o trabalhador conquistou ao mecanizar seus movimentos proporciona-lhe conhecimento, possibilidade de avaliação ou critério que possam libertar seu corpo e mente do comando do capitalista.

Taylor (1990), em busca de extrair o máximo da capacidade de produção dos operários, desenvolveu várias análises que tinham o objetivo de descobrir a melhor maneira de executar uma atividade. Em uma de suas experiências, descobriu a melhor forma de carregamento de lingotes de ferro, que deveria ser feito com a divisão do peso e o aumento no número de peças a ser transportado, pois diminuiria a tensão muscular nos braços e faria o trabalhador produzir mais. No entanto:

Um dos primeiros requisitos para um indivíduo que queira carregar lingotes de ferro como ocupação regular é ser tão estúpido e fleumático que mais se assemelhe em sua constituição mental a um boi, que a qualquer outra coisa. Um homem de reações vivas e inteligentes é, por isso mesmo, inteiramente impróprio para tarefa tão monótona. No entanto, o trabalhador mais adequado para o carregamento de lingotes é incapaz de entender a ciência que regula a execução desse trabalho. É tão rude que a palavra porcentagem não tem nenhuma significação para ele e, por conseguinte, deve ser treinado por homens mais inteligentes no hábito de trabalhar de acordo com as leis dessa ciência, para que possa ser bem sucedido. (TAYLOR, 1990, p. 53).

Talvez possamos pensar que Taylor, em busca de maior produção, já estivesse interferindo de maneira “ergonômica” nas atividades, mas seu principal objetivo era utilizar todo o potencial produtivo em função do capital, fazendo uma pejorativa comparação do trabalhador que usa a força muscular com um boi, no sentido da sua incapacidade de reagir de forma inteligente. Ele analisa também a atitude mental do trabalhador:

A mudança da administração empírica para a administração científica envolve, entretanto, não somente estudo de velocidade adequada para realizar o trabalho e a remodelação de instrumentos e métodos

na fábrica, mas também completa transformação na atitude mental de todos os homens, com relação ao seu trabalho e aos seus patrões. Foram efetuadas, com relativa brevidade, as modificações nas máquinas, para assegurar maior lucratividade e o estudo dos movimentos, seguido da minuciosa cronometragem do tempo com relógio de parada automática, para registro de tempo em que cada trabalhador devia fazer seu trabalho. A mudança, porém, na atitude mental e nos hábitos dos trezentos e muitos trabalhadores somente pôde ser conseguida devagar e após séries de demonstrações concretas que, finalmente, esclareceram cada homem a respeito de grande vantagem que a eles adviria, cooperando espontaneamente com a administração. Dentro de três anos, a produção da fábrica foi mais do que duplicada por homem e por máquina. (TAYLOR, 1990, p. 76).

A administração científica desenvolvida por Taylor resultou no aumento da produção, mas também condicionou o trabalhador a movimentos repetitivos, quase perfeitos, como os movimentos das máquinas. No setor de confecções aqui em estudo, podemos comparar a atividade desenvolvida pela costureira com os relatos de Taylor, que, na busca de extrair o potencial máximo, adota a cronoanálise como forma de monitorar o tempo médio utilizado na execução de cada parcela de trabalho necessária para confeccionar uma roupa. As atividades repetitivas na costura condicionam o corpo e a mente, dispensando a necessidade do raciocínio e do uso da inteligência.

Com a disseminação do modo de produção que uniu os pensamentos de Taylor e Ford, com o advento de novas tecnologias, os desenvolvimentos técnico-científicos oriundos da primeira e da segunda grande guerra mundial, surgem a ergonomia e as preocupações com as condições do ambiente de trabalho a que os trabalhadores eram expostos.

Como observamos nos relatos acima, mais uma vez um novo conceito de produção aplicado junto ao capitalismo continua a explorar o trabalhador, impondo, de maneira ainda forte, a intensificação do trabalho e limitando a capacidade de pensar dos trabalhadores.

#### **4.6 As condições de trabalho no pós fordismo**

O período que ficou conhecido como pós-fordismo teve como referência máxima o método de produção denominado toyotismo, criado por Taiichi Ohno,

engenheiro mecânico formado na escola norte-americana, e Kiichiro Toyoda, presidente da Toyota Motor Company, que aperfeiçoaram o sistema fordista.

Para Coriat (1994), o toyotismo tem dois princípios básicos em seu sistema, a produção *just in time* e a autoativação da produção, considerados a base da produção enxuta, ou seja, nada deve ser produzido, transportado ou comprado antes da hora exata. O objetivo é reduzir o estoque e os custos decorrentes das técnicas e dos procedimentos de execução a serem utilizados na base organizacional do sistema, sendo a flexibilidade do sistema produtivo e da mão de obra marcas do espírito toyotista. Diferente do fordismo, o toyotismo não acumula produção e emprega a flexibilidade e a rotatividade da mão de obra.

Segundo Coriat (1994), o método toyotista não é somente uma técnica de produção sem estoque de materiais, é mais que isso. A origem do sistema toyotista ocorre pela necessidade específica do Japão, seu país de origem, em produzir pouca quantidade de vários modelos de um produto, que, ao contrário do sistema clássico, é mais flexível. O método toyotista de produção também proporcionou uma grande redução nos custos de produção. Outra característica desse sistema era a utilização mínima de mão de obra, reduzindo custo com a atividade e reduzindo as dimensões físicas das instalações fabris. Uma das características do processo toyotista era baseado em “[...] confiar ao mesmo operário a condução e a gestão simultânea de várias máquinas, é ao mesmo tempo toda uma outra organização e especialização das oficinas” (CORIAT, 1994, p. 37).

O início do sistema de produção toyotista foi idealizado a partir dos processos de produção da indústria têxtil, em que apenas um trabalhador executava vários trabalhos, com os princípios da automação. A partir de então, o sistema toyotista passou a adotar o dispositivo de autoativação, no qual um operador podia organizar o trabalho em um posto polivalente.

A partir dessas sucessivas inovações, o modo de produção que marcou o sistema capitalista, instituído por Taylor e Ford, começa a mudar, e, a partir da década de 1950, a característica japonesa de organização do trabalho e de gestão da produção começa a se firmar. Segundo Coriat (1994), o traço central do novo processo instituído no Japão é distinto em relação ao método adotado pelo taylorismo norte-americano: “[...] é que em lugar de proceder através da destruição dos saberes operários complexos e da decomposição em gestos elementares, a via

japonesa vai avançar pela desespecialização dos profissionais” (CORIAT, 1994, p. 53), com o objetivo de transformá-los em operários polivalentes.

Já em sua concepção, o modo japonês começa um processo de desmecanização de movimentos, sugerindo uma proposta de trabalho na qual o trabalhador possa desempenhar várias atividades, que, além de estimular o corpo, começam a estimular a mente:

Sejamos bastante claros. Estes movimentos de desespecialização dos operários profissionais e qualificados, para transformá-los em trabalhadores multifuncionais, é de fato um movimento de racionalização do trabalho no sentido clássico do termo. Trata-se aqui, também – como na via taylorista americana -, de atacar o saber complexo do exercício dos operários qualificados, a fim de atingir o objetivo de diminuir os seus poderes sobre a produção, e de aumentar a intensidade do trabalho. E os operários qualificados viveram efetivamente este movimento de desespecialização como sendo um ataque ao seu exercício profissional e ao poder de negociação que este mesmo exercício autorizava. Através de diversos meios, entre os quais, é claro, a greve, eles se opuseram a este movimento. (CORIAT, 1994, p. 53).

Mesmo com a mudança e apesar de uma nova metodologia, o objetivo ainda é a exploração da mão de obra, fazendo o trabalhador produzir mais e estar sempre preparado para qualquer atividade que seja necessária dentro da indústria. Para Gounet (1999), a flexibilidade da estrutura produtiva acarreta a flexibilidade da organização do trabalho e o parcelamento das atividades característico do sistema fordista já não é eficiente. A função essencial do operário é deixar as máquinas funcionarem, com o objetivo de reduzir ao máximo o tempo sem produção.

O autor relata que, no sistema toyotista, um operador trabalha em cinco máquinas ao mesmo tempo, enquanto quatro funcionam o trabalhador prepara a quinta para o funcionamento. Uma das consequências dessas ações é que o trabalho não é mais individualizado e racionalizado e torna-se um trabalho de equipe, no qual o trabalhador se torna polivalente e pode operar várias máquinas diferentes.

Segundo Gounet (1999), esse novo sistema de produção exige ainda mais do trabalhador e a intensificação do trabalho atinge seu ponto máximo, a mão de obra é utilizada mais intensamente e a relação homem x máquina passa a ser homem x sistema, quando apenas um trabalhador opera cinco máquinas. Um dos princípios

de Taylor ainda é intenso no toyotismo, a luta contra o ócio do trabalhador, que atinge um patamar ainda mais intenso que no modelo fordista.

Em resumo, para o autor, o modelo toyotista cria uma intensificação do trabalho nunca vista antes na História e os trabalhadores passam a gerar maior quantidade de mais-valia a seus patrões. Segue-se, portanto, que esse novo método teve como vencedor o capitalista, que passou a explorar de maneira ainda mais intensa a força de trabalho.

#### **4.7 O trabalho no Brasil**

Para entendermos as condições de trabalho no Brasil é necessário analisar algumas questões referentes ao processo de industrialização do país. De acordo com Antunes (2004), foram grandes as transformações ocorridas no capitalismo no Brasil, principalmente na década de 1990, no entanto o capitalismo industrial brasileiro vem ocorrendo desde 1950 e especialmente após 1964, com o desenvolvimento de produtos duráveis, como automóveis, eletrodomésticos, entre outros, e também o desenvolvimento de produtos voltados para a exportação. O padrão de acumulação brasileiro foi estruturado pelo processo de superexploração da força de trabalho, caracterizado por baixos salários, longas jornadas e intensidade no ritmo dentro da indústria.

Segundo Antunes (2004), no período que marcava o fim da ditadura militar no Brasil, o país começou a dar os primeiros passos para a nova divisão internacional do trabalho. Foi também nessa época que ocorreram os primeiros impulsos no processo de reestruturação produtiva no país, que levaram algumas empresas a adotarem novas formas de organização social e sexual do trabalho e observou-se a utilização da informatização da produção e a aplicação dos primeiros processos baseados no sistema toyotista.

Para Antunes (2004), no início da década de 1980, a reestruturação da produção no Brasil teve como característica a redução de lucros e a diminuição da força de trabalho. Tornou-se necessário, para isso, um menor número de funcionários e aumento na produção, o que solicitava a intensificação da jornada de trabalho e da aplicação da mão de obra.

Segundo o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (2007), os trabalhadores lutaram pela redução do tempo de

trabalho em várias frentes de ação: redução da jornada diária, mensal ou anual, aumento de feriados, criação e aumento dos dias de férias, antecipação da aposentadoria e postergação da entrada no mundo do trabalho. A luta dos trabalhadores pela redução do tempo de trabalho é constante ao longo do tempo, enquanto novas regras conquistadas pelos trabalhadores buscam reduzir a jornada de trabalho e, por consequência, a mais-valia. O capitalista busca novas estratégias para aumentá-la.

Desde sua origem, o capitalismo busca maior lucratividade com o aumento da jornada de trabalho, sob a forma da extração da mais-valia. O DIEESE (2007) relata que a intensificação da extração da mais-valia ocorreu a partir da implementação de tecnologias e de novas organizações do trabalho, que aumentavam a atividade do trabalhador em seu tempo de trabalho. Essa etapa se estendeu de forma mais intensa até a organização do processo de produção fordista, em meados da década de 1970. A partir dos anos 1980, nos países desenvolvidos, e 1990, nos países em desenvolvimento, a nova configuração produtiva, as novas tecnologias e a flexibilização da utilização do tempo de trabalho trouxeram novos elementos que interferem na intensidade da jornada de trabalho.

O trabalho aos domingos e feriados, o “banco de horas”, a terceirização, o trabalho temporário, o tempo parcial, o trabalho em turnos de revezamento, o trabalho noturno, a prestação de serviço como autônomo, o estágio e o trabalho em domicílio são todas novas e/ou renovadas formas de distribuição do tempo de trabalho, que tornaram a discussão sobre jornada cada vez mais complexa.

Conforme Antunes (2000), na década de 1980 ocorreram grandes transformações no mundo do trabalho nos países capitalistas, principalmente na estrutura produtiva, representação sindical e política. Nesse período, a classe trabalhadora passou pela pior crise do século, alterou aspectos materiais, na subjetividade e na forma de ser desses trabalhadores. Nessa década ocorreram algumas mudanças nos processo de fabricação, com grande salto tecnológico, com a automação, a robótica e a microeletrônica. A partir dessas inovações surgem a flexibilização da produção, a especialização flexível e novos conceitos (como gestão participativa e qualidade total).

As mulheres também fizeram parte do processo de transformação da indústria brasileira, ocupando grande número de postos de trabalho, e hoje sua participação

é fundamental em diversos setores industriais. No sudoeste do Paraná a mão de obra feminina tem grande participação na indústria de confecção do vestuário.

Conforme o CAGED (2012), a grande massa de trabalhadores nas indústrias de confecção do vestuário na região Sudoeste do Paraná é do sexo feminino. Devido à importância dessa atividade para a região e ao grande número de mulheres atuando no setor, pesquisamos o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho segundo autores como Marx, Engels e Maruani.

De acordo com Marx (1983), no início da maquinaria, a força motriz para a movimentação das máquinas era gerada por elementos como o vento e a força da água. Essas forças, no entanto, eram difíceis de serem controladas. Então ocorreu a invenção da máquina a vapor, cuja força podia ser totalmente dominada e permitindo a mecanização das ferramentas, aumentando consideravelmente a força de trabalho. Em determinada etapa do desenvolvimento, a grande indústria entrou em conflito com sua base artesanal e manufatureira. A expansão do tamanho das máquinas motrizes, dos mecanismos de transmissão e das máquinas-ferramenta, com, maior complexibilidade, diversidade e regularidade, tornou a máquina mais difícil de dominar, chocando-se com as limitações pessoais. De acordo com o autor, o trabalhador não é capaz de acompanhar o seu desenvolvimento, uma vez que a dominação da máquina o torna simplesmente um componente desse sistema.

Conforme Marx (1983), com a evolução da maquinaria, o capital fez com que o trabalhador, ao invés de trabalhar com a ferramenta manual, começasse a trabalhar com uma máquina, que agora é sua ferramenta. Considerada exclusivamente como meio de baratear o custo de produção, o limite do seu uso está até o ponto onde ela custe menos do que o trabalhador que ela substitui. A máquina, a partir deste período, é responsável pela força antes destinada à força humana masculina, então as indústrias passam a utilizar a força de trabalho feminina e de crianças, antes não necessária, pois no processo anterior era preciso força muscular, característica do homem. Assim, o capital passa a utilizar toda a força de trabalho de uma família, desvalorizando a força de trabalho pelo excedente de trabalhadores que se começa a gerar. A utilização da mão de obra de mulheres e de crianças era mais rentável ao capital do que a do homem adulto, que, em muitas situações, vendia a força de trabalho da mulher e dos filhos. Com a intensa expansão da utilização da maquinaria, agora tendo sua força possível de ser



controlada, gerou-se grande aumento da produção e dispensou-se a força muscular masculina, passando a utilizar o trabalho feminino.

Engels (2010) relata que, após a implantação das máquinas, a força de trabalho masculina, principalmente nas indústrias de fiação e tecelagem, era pouco usada, limitada aos operadores das máquinas a vapor, marceneiros e vigilantes, pois o trabalho propriamente dito era realizado por mulheres, crianças e jovens. Assim, o setor fabril possuía pouco mais da metade de trabalhadores do sexo feminino. A inserção da máquina, a desvalorização da mão de obra e agora a intensa concorrência gerada pela inserção de mão de obra antes não utilizada, obriga a mulher a auxiliar nos proventos da família. Só assim, em famílias em que o homem, a mulher e os filhos trabalham, é possível ter uma condição de vida aceitável.

Segundo Maruani (2003), os primeiros relatos históricos do trabalho da mulher na França concentraram-se em atividades consideradas típicas do sexo feminino, como costura, assistência às crianças e à saúde, manutenção da casa e produção doméstica. As atividades de costura e os trabalhos domésticos e familiares ocorrem pelo sentimento de perenidade das ações das mulheres, pela necessidade de continuidade nas ações típicas femininas, o que demonstra os aspectos culturais e sociais relacionados. As atividades com emprego de agulhas marcam a maior parte da jornada de trabalho da mulher no século XIX e demonstra o sensível limite entre trabalho doméstico e atividade produtiva.

O trabalho da mulher nas atividades voltadas à costura foi considerado perene e foi intensificado no início da Revolução Industrial, que historicamente se manteve até os dias de hoje. Talvez esta contextualização histórica possa explicar a intensa utilização da mão de obra feminina no setor da confecção do vestuário também na região do Sudoeste paranaense estudada nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca realizada nos trabalhos acadêmicos na UNIOESTE não identificamos estudos relacionados diretamente a acidentes e a doenças de trabalho nas indústrias de confecção do vestuário do Sudoeste do Paraná. Algumas pesquisas relatam percepções dos autores e abordam o tema de forma periférica.

Ampére, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Santo Antônio do Sudoeste se destacam dos demais municípios da região pelo elevado número de indústrias e de trabalhadores formalmente registrados. Apesar de não estabelecido, o número de empresas e de trabalhadores informais do setor é representativo, no entanto permanece fora das estatísticas oficiais.

Na análise das informações do CAGED, verificamos que a mão de obra utilizada nas indústrias de confecção da região é predominantemente feminina, com 80% do total dos trabalhadores, e possui média salarial inferior à média paga à mão de obra masculina.

Comparado com outros setores relevantes para economia do Sudoeste, como o setor da madeira e moveleiro e o setor alimentício, o salário pago pela indústria da confecção é muito inferior, chegando a ser quase a metade da média salarial do setor alimentício.

Mesmo sendo fundamental para a economia e o desenvolvimento regional, sendo a principal fonte de renda e emprego em alguns municípios, a remuneração desses trabalhadores não é considerada proporcional à importância do setor.

Nas entrevistas realizadas com trabalhadores do setor foi possível identificar que a principal reclamação é o salário, que, segundo os funcionários, é o principal motivo para a falta de mão de obra no setor. Para os empresários das indústrias de confecção, além de a mão de obra ser escassa, ela é desqualificada e possui reduzido grau de escolaridade.

As indústrias de confecção instaladas na região Sudoeste do Estado são na maioria pequenas empresas, com uso de pouca tecnologia, sendo o trabalhador o principal gerador do produto. Essas indústrias possuem características de produção do sistema da manufatura, em que os trabalhadores, reunidos em um mesmo local de trabalho, sob o domínio do mesmo capital, executam frações de um produto, utilizando ferramenta de baixa complexidade.

Sendo a mão de obra o principal recurso de produção, seu uso é intenso e, segundo os trabalhadores entrevistados, a cobrança e a intensificação das tarefas na busca do cumprimento de metas é uma prática comum. Eles destacam que a intensificação, a cobrança por produção, assim como as condições do meio ambiente de trabalho, são potenciais causadores de acidentes e doenças de trabalho. Essa conjuntura pode ser observada nas empresas, que apresentam elevado número de trabalhadores afastados de suas atividades por depressão ou por lesões (LER/DORT).

Para evidenciar estes relatos, buscamos nos Anuários Estatísticos de Acidentes do Trabalho do MTE o número de trabalhadores registrados com doença ou com acidente de trabalho nas indústrias de confecção, que, mesmo com critérios questionáveis na identificação de acidentes e de doenças de trabalho, apresentam elevado número de acidentes no setor.

Analisando os diagnósticos realizados pelo SESI, identificamos que grande porcentagem de trabalhadores executa suas atividades em condições de desconforto, situação que pode potencializar ou até mesmo caracterizar um acidente de trabalho. Outro aspecto importante levantado pelo diagnóstico do SESI é o número de trabalhadores com depressão relatada ou características de transtorno mental comum (depressão e ansiedade), que, em algumas empresas, atinge 22,2% dos trabalhadores.

Pela revisão dos dados levantados nesta pesquisa, foi possível identificar algumas características das indústrias de confecção do vestuário da região Sudoeste do Paraná, com relevância para aspectos de acidentes e doenças de trabalho. Com grande importância para o desenvolvimento regional, as indústrias de confecção podem ser potencialmente danosas aos seus trabalhadores, que, em muitos casos, estão sujeitos a condições de trabalho inadequadas.

Estudos mais detalhados podem ser desenvolvidos buscando identificar números mais precisos de acidentes e de doenças de trabalho, contemplando também trabalhadores informais, identificando os motivos dos casos de depressão, situações que levam a lesões e demais acidentes, podendo sugerir alternativas para mudar a situação atual dos trabalhadores dessas indústrias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. São Paulo: Atlas, 1985.

ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida Soares (Orgs.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

JINKINGS, Izabela; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. Produção e desregulamentação na indústria têxtil e de confecção. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ANTUNES, Ricardo (Coord.). **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BERTOLLO, Edna Mônica. **A importância da indústria de confecção para o município de Francisco Beltrão**. Francisco Beltrão, 2011. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), UNIOESTE.

BORILLE, Luiz Cláudio. **Fatores que contribuem para ocorrência de LER/DORT e a responsabilidade dos empregados em relação à segurança do trabalhador**. Francisco Beltrão, 2008. Monografia (Graduação em Direito), UNIOESTE.

CAGED, Cadastro Geral de Empregos e Desempregados. Disponível em: <[www.caged.gov.br](http://www.caged.gov.br)>. Acesso em: mar., abr. e maio 2012.

CARVALHO, Alice Aparecida. **As migrações e condições de existência dos trabalhadores temporários, de Ampère no cultivo da maçã em Fraiburgo (SC)**. Francisco Beltrão, 2006. Monografia (Graduação em Geografia), UNIOESTE.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1999.

CORIAT, Benjamim. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho organizado**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

DIEESE. **Relações de condições do trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2007.

DUTRA, Luciano; PEREIRA, Fernando O. R.; LAMBERTS, Roberto. **Eficiência energética na arquitetura**. São Paulo: PW, 1997.

ENGELS, F. - **A origem da família, da propriedade privada e do Estado: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

FELIPE, Adilson Teixeira. **Análises econométrica da relação entre produção e emprego no Estado do Paraná (2002 – 2007)**. Francisco Beltrão, 2009. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), UNIOESTE.

FLORES, Edson Luiz. **Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão, 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia), UNIOESTE.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1989.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: maio 2012.

IIDA, Itiro. **Ergonomia prática**. São Paulo: Edgard Blücher, 1995.

MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003.

MARX, Karl. Trabalho estranhado. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: mar., abr. e maio 2012

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2006 / vol. 1 (2006)**. Brasília: MTE, 2007.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2007 / vol. 1 (2007)**. Brasília: MTE, 2008.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2008 / vol. 1 (2008)**. Brasília: MTE, 2009.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2009 / vol. 1 (2009)**. Brasília: MTE, 2010.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho: AEAT 2010 / vol. 1 (2010)**. Brasília: MTE, 2011.

NORMA REGULAMENTADORA NR 15. **Atividades e Operações Insalubres – Segurança e Medicina do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2005.

NORMA REGULAMENTADORA NR 17. **Ergonomia – Segurança e Medicina do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2005.

PINTO, Cristiane. **O processo de crescimento da indústria brasileira de vestuário pós-abertura comercial: uma abordagem de Guimarães.** Francisco Beltrão, 2008. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), UNIOESTE.

ROCHA, Julio Cesar de Sá da. **Direito ambiental do trabalho: mudança de paradigma na tutela jurídica à saúde do trabalhador.** São Paulo: LTr, 2002.

RAMOS, Carla Luana Ribas. **O ensino da música como auxílio na melhoria da qualidade de vida dos funcionários da Marel Indústria de Móveis S/A.** Francisco Beltrão, 2008. Monografia (Graduação em Administração), UNIOESTE.

ROYLER, S. (Org.). **Manual de relações industriais.** São Paulo: Pioneira, 1968. V.01.

SALEM, Diná Aparecida Rossignolli. **Acidentes do trabalho.** São Paulo. 2. ed. IOB Thomson, 2005.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: USP, 2005.

SAQUET, Danielli Batistella. **A expansão da indústria de confecções no Sudoeste do Paraná.** Francisco Beltrão, 2006. Monografia (Especialização em Geografia: desenvolvimento regional e dinâmica ambiental), UNIOESTE.

SESI, Serviço Social da Indústria. **Pesquisa de Sintomatologia – 2010.** Curitiba: SESI, 2011.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios da administração científica.** São Paulo: Atlas, 1990.

VEDADA, Giovan Carlos. **Importâncias da indústria para o desenvolvimento socioeconômico do município de Ampére (PR).** Francisco Beltrão, 2006. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), UNIOESTE.

ZAMBON, Edvander Rodrigo. **Análise das indústrias têxtil e da madeira e do mobiliário na geração de emprego no município de Ampére – PR no período de 1985 a 2010.** Francisco Beltrão, 2011. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), UNIOESTE.

## ANEXO 01

## Levantamento bibliográfico – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
01	910 – A447d	Monografia	2008	A Dinâmica Econômica e Territorial da Indústria Marel, no Município de Francisco Beltrão – PR.	Gisele Alessandra de Almeida	Graduação	Geografia	Desenvolvimento territorial e dinâmico econômico ocasionado pela Indústria de Móveis Marel S/A de Francisco Beltrão – PR.
02	910 – S242 e	Monografia	2006	A Expansão da Indústria de Confeção no Sudoeste do Paraná.	Danielli Batistella Saquet	Especializ.	Geografia: Desenvolvimen to Regional e Dinâmica Ambiental	Aborda os motivos que levam a expansão da indústria de confecção no Sudoeste do Paraná.
03	338.476684 L733g	Dissertação	2010	A Geografia Econômica da Indústria de Embalagens Plásticas: Inovação Tecnológica e Dinâmica Especial.	Silvia Cristina Limberger	Mestrado	Geografia	Analisa a acumulação de capital no setor de embalagens plásticas no Brasil e no Estado do Paraná, o desenvolvimento da indústria de embalagens plásticas no Paraná.
04	330 - B546 i	Monografia	2011	A importância da Indústria de Confeção para o Município de Francisco Beltrão.	Edna Mônica Bertollo	Graduação	Ciências Econômicas	Caracterização da indústria de confecção no município de Francisco Beltrão – PR e o impacto socioeconômico no município
05	330 – L732 i	Monografia	2007	A Importância da Indústria de Software para o Município de Dois Vizinhos.	Antonio Luiz Pires de Lima Junior	Graduação	Ciências Econômicas	Demonstra a importância da indústria de software para o município de Dois Vizinhos.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
06	338.98162 L 972 i	Dissertação	2010	A Industrialização e o Desenvolvimento Local: Parque Industrial “Eduardo Dágios” em Pato Branco – PR.	César Augusto Lustosa	Mestrado	Geografia	A diversidade industrial no Estado do Paraná e como ocorrem as formações dos parques industriais; como isso influencia a formação de uma nova territorialização da indústria no Estado e na região Sudoeste do Paraná. Verifica a formação histórica do parque, indústria, industrialização e desenvolvimento local.
07	658 - S466 v	Monografia	2010	A Verificação do Sistema de Controle de Estoque da Empresa Beira Rio Indústria de Alumínio Visando a Redução de Custos e Melhoria do Desempenho Geral da Empresa.	João Vicente Selke	Graduação	Administração	Técnicas de controle de estoque como ferramenta de diminuição de custos na indústria de alumínio.
08	920 – L733 a	Monografia	2006	Acumulação de Capital e Dinâmica Espacial das Indústrias de Transformação de Plástico no Sudoeste Paranaense.	Silvia Cristina Limberger	Graduação	Geografia	Compreende as transformações ocorridas na indústria petroquímica brasileira e sua relação com indústria de transformação de plástico no Sudoeste paranaense.
09	330 – G516 a	Monografia	2010	Análise da Agroindústria Familiar como Alternativa de Entrave ao Êxodo Rural na Microrregião de Francisco Beltrão – PR.	Fernanda Giraldeolo	Graduação	Ciências Econômicas	Analisa o papel socioeconômico da agroindústria familiar na vida dos agricultores nos municípios pertencentes à Microrregião de Francisco Beltrão.



continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
10	330 – S237 a	Monografia	2010	Análise da Empresa Sadia S/A como Indústria Motriz no Município de Francisco Beltrão.	Alexandre Vieira dos Santos	Graduação	Ciências Econômicas	Verifica se a unidade da empresa Sadia de Francisco Beltrão teve influência no processo de crescimento e desenvolvimento econômico do município.
11	330 – Z24 a	Monografia	2011	Análise das Indústrias Têxtil e da Madeira e do Mobiliário na Geração de Empregos no Município de Ampére – PR no período de 1985 a 2010.	Edvander Rodrigo Zambon	Graduação	Ciências Econômicas	Analisa se a indústria têxtil e a da madeira e mobiliário juntas influenciaram a geração de empregos no município de Ampére - PR no período de 1985 a 2010.
12	330 – B732 d	Monografia	2011	Desenvolvimento Econômico: A Influência da taxa de Câmbio sobre a Exportação da Indústria Brasileira no Período de 2002 a 2010.	Cledimar Borges	Graduação	Ciências Econômicas	Desenvolvimento da exportação brasileira considerando as taxas de câmbio de 2002 a 2010.
13	330 – A447 e	Monografia	2006	Emprego no Setor Industrial Brasileiro: um estudo de caso da Indústria Automobilística no período de 1990 a 2005.	Anneliese de Almeida	Graduação	Ciências Econômicas	Comportamento da taxa de emprego na indústria (em geral) e mais especificamente na indústria automobilística nacional.
14	330 – C378 e	Monografia	2007	Estratégias de Desenvolvimento das Empresas do Distrito Industrial Ulderico Sabadin, Francisco Beltrão – PR.	José Rossato Cavaglion	Graduação	Ciências Econômicas	Analisa estratégias de fortalecimento das pequenas empresas do Distrito Industrial Ulderico Sabadin no município de Francisco Beltrão PR.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
15	910 – G182 e	Monografia	2006	Estudo Bibliográfico Sobre o Processo de Industrialização, a Urbanização e o Desenvolvimento da Habitação no Brasil.	Claudia Terezinha Gagliotto Galvan	Especializ.	Geografia: Desenvolvimento Regional e Dinâmica Ambiental.	Aspectos históricos e evolução da Industrialização, urbanização e desenvolvimento habitacional no Brasil.
16	330 – V414 i	Monografia	2006	Importância da Indústria para o Desenvolvimento Socioeconômico no Município de Ampére – PR.	Giovan Carlos Vedana	Graduação	Ciências Econômicas	Desenvolvimento econômico do município de Ampére – PR.
17	910 – L435 i	Monografia	2007	Indústria e Expansão Urbana: uma contribuição ao entendimento da Cidade Norte (Francisco Beltrão – PR).	Marines Willer Leal	Graduação	Geografia	Transformação e produção do espaço urbano na Cidade Norte em Francisco Beltrão – PR como a indústria interfere neste processo.
18	338.47674 M477 i	Dissertação	2010	Indústria Madeireira Mundial e Brasileira: O Caso Paranaense.	Marinez da Silva Mazzochin	Mestrado	Geografia	A acumulação de capital no setor de transformação da madeira e sua relação com a produção do espaço geográfico.
19	338.98162 F634 i	Dissertação	2009	Industrialização e Desenvolvimento do Sudoeste do Paraná.	Edson Luiz Flores	Mestrado	Geografia	Análise da importância da indústria no desenvolvimento do Sudoeste do Paraná. Transformações ocorridas na sociedade a partir da industrialização. Condições das transformações sociais, importâncias das políticas de fomento à industrialização e aumento de renda provido pela industrialização.

continuação

<b>N.º</b>	<b>Classificação</b>	<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Data Public</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Nível de formação</b>	<b>Curso</b>	<b>Assunto</b>
20	658 – R175 e	Monografia	2008	O Ensino da Música como Auxílio na Melhoria da Qualidade de Vida dos funcionários da Marel Indústria de Móveis S/A.	Carla Luana Ribas Ramos	Graduação	Administração	Benefícios na qualidade de vida que a música trouxe para os funcionários da Marel Indústria de Móveis em Francisco Beltrão – PR.
21	910 – B813 p	Monografia	2007	O Processo de Subordinação do Produtor de Fumo. A indústria fumageira na Linha Itaíba Marmeleiro – PR.	Luis Carlos Braga	Graduação	Geografia	A cadeia do fumo no Brasil e a subordinação que as indústrias fumageiras exercem sobre os pequenos produtores na Linha Itaíba em Marmeleiro – PR.
22	330 – R827p	Monografia	2006	O Processo de Crescimento da Indústria Automobilística Brasileira nas Décadas de 1980 e 1990.	Jarbas Rossato	Graduação	Ciências Econômicas	Crescimento da indústria automobilística brasileira nas décadas de 1980 e 1990.
23	330 – P659 p	Monografia	2008	O Processo de Crescimento da Indústria Brasileira do Vestuário Pós-Abertura Comercial: uma abordagem de Guimarães.	Cristiane Pinto	Graduação	Ciências Econômicas	O processo de crescimento da indústria brasileira do vestuário, pós-abertura comercial, utilizando a abordagem da Teoria de Acumulação e Crescimento da Firma de Guimarães (1987).
24	330 – D186 p	Monografia	2007	Perfil do Emprego da Indústria Automobilística do Estado do Paraná.	Giane Daniels	Graduação	Ciências Econômicas	O impacto que a instalação das montadoras de automóveis causou nos níveis de emprego do setor automotivo paranaense.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
25	330 – F315 a	Monografia	2009	Análise Econométrica da Relação Entre Produção e Emprego no Estado do Paraná (2002 – 2007).	Adilson Teixeira Felipe	Graduação	Ciências Econômicas	Geração de emprego <i>versus</i> valores de produção na indústria paranaense no período de 2002 a 2007.
26	330 – P953 a	Monografia	2007	Análise Econômica da Produção de Erva – Mate no Município de Palma Sola – SC: uma abordagem da teoria dos custos de transação.	Cleide Nara de Prime	Graduação	Ciências Econômicas	A agroindústria de erva-mate do município de Palma Sola: o que fazer para reduzir ao máximo os custos de transação visando rentabilidade, industrialização e comercialização da matéria-prima.
27	910 – A485 r	Monografia	2009	As Relações do Brasil com as Grandes Potências Mundiais (1500 – 1945).	Jeane Thaís do Amaral	Graduação	Geografia	Relação econômica do Brasil com grandes potências mundiais, acontecimentos econômicos, industrialização e indústria do café.
28	330 – J35 a	Monografia	2008	Associação dos Produtores de Alto Alegre: Um Estudo de Experiência Associativa.	Fabiano Roberto Jantsch	Graduação	Ciências Econômicas	Cooperativismo como processo de industrialização, o exemplo dos produtores de leite da comunidade de Alto Alegre que adotaram esta prática e atingiram bons resultados.
29	910 – B242 s	Monografia	2008	O Sistema de Integração na Produção de Perus em Francisco Beltrão – PR.	Juliane Marina Barcaro	Graduação	Geografia	Características do sistema de integração dos produtores de perus no município de Francisco Beltrão.
30	640 – T758	Monografia	2009	Uma Abordagem Gerencial da Qualidade Aplicada a uma Indústria de Vestuário em Grande Escala.	Elisiane Rodrigues de Almeida	Graduação	Economia Doméstica	Padrões de qualidade utilizados na indústria de confecções Raffer.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
31	33.794 S586p	Dissertação	2010	A Pobreza e a Dinâmica Espacial do Trabalho nos Frigoríficos de Aves no Oeste Paranaense.	Gabriel Rodrigues da Silva	Mestrado	Geografia	Quais as influências dos empregos gerados nas indústrias frigoríficas nas transformações para a vida do trabalhador. Busca identificar se ocorreram melhorias nas condições de vida da população.
32	658 – C331	Monografia	2009	Avaliação do Clima organizacional com Ênfase na Satisfação do Funcionário com Relação ao Ambiente de Trabalho, em uma Empresa Moveleira do Sudoeste do Paraná.	Andriele de Prá Carvalho	Especializ.	Administração: Gestão Empresarial	A interferência do clima organizacional da empresa com relação à satisfação dos funcionários em uma empresa moveleira do Sudoeste do Paraná.
33	658 – R554q	Monografia	2009	Qualidade de Vida no Trabalho: Percepção dos Servidores no INSS de Xanxerê-SC.	Tatiane Marlei Defrein Rieger	Especializ.	Administração: Gestão Empresarial	Nível de satisfação dos servidores do INSS em relação à qualidade de vida.
34	330 – F148p	Monografia	2010	O Perfil do Mercado de Trabalho do Setor de Construção Civil no Estado PR, no período de 1995 a 2010.	Daniela Cintia Faenelo	Graduação	Ciências Econômicas	Importância do setor da construção civil sobre os demais setores selecionados, na geração de emprego e de estabelecimentos no Estado do Paraná.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
35	330 – D286t	Monografia	2011	As Transformações no Setor Automobilístico e os Reflexos sobre a Força de Trabalho no Estado do Paraná no Período de 1995 a 2009.	Eduardo Luiz Debacker	Graduação	Ciências Econômicas	Perfil da força de trabalho do setor automobilístico paranaense frente às transformações do modo de produção e inovações tecnológicas, no período de 1995 a 2009.
36	910 – C331m	Monografia	2006	As Migrações e Condições de Existência dos Trabalhadores Temporários de Ampére no Cultivo da Maçã em Fraiburgo (SC).	Alice Aparecida Carvalho	Graduação	Geografia	A existência e as atividades dos trabalhadores no cultivo de maçã, que se deslocam de Ampére – PR para região de Fraiburgo – SC.
37	340 – A334f	Monografia	2009	A Flexibilização das Normas Trabalhistas e suas Repercussões nas Relações entre Trabalhadores e Empregadores.	Bruna Alberti	Graduação	Direito	O que vem a ser o instituto de flexibilização das normas trabalhistas e quais as consequências trazidas tanto para os trabalhadores, considerados as partes hipossuficientes da relação do trabalho quanto para os empregadores.
38	340 – O48v	Monografia	2010	Vínculo Empregatício no Trabalho Doméstico.	Flávio Mendonça de Oliveira	Graduação	Direito	Exposições didáticas e sistemáticas, através do método analítico e teórico bibliográfico, as peculiaridades que envolvem o contrato de trabalho doméstico.


continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Data Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
39	330 – L394a	Monografia	2006	Uma Análise do Mercado de Trabalho do Setor Moveleiro Paranaense no Período de 1996 á 2004.	Vanderléia Loff Lavall	Graduação	Ciências Econômicas	Dinâmica do mercado de trabalho nos arranjos produtivos locais da indústria moveleira de Arapongas, Rio Negro e Região Sudoeste do Paraná em diferentes estágios de desenvolvimento. Analisar os efeitos da reestruturação setor no estoque de empregos em cada arranjo produtivo.
40	340 – D266g	Monografia	2008	Ginástica Laboral na Prevenção de Distúrbios Osteomusculares Relativos ao Trabalho e sua Repercussão nas Normas de Proteção à Saúde do Trabalhador.	Eliane Davoglio	Graduação	Direito	Enfoque de aspectos gerais sobre normas de proteção à saúde do trabalhador, conceitos de acidente de trabalho, doenças ocupacionais, LER/DORT, objetivos, evolução histórica e resultados a fim de estabelecer a repercussão da ginástica laboral no mundo jurídico.
41	340 – L756a	Monografia	2010	O Assédio Moral como Caracterizador do Acidente de Trabalho.	Tânia Maria Paloschi Link	Graduação	Direito	O que é assédio moral, os agentes envolvidos, suas formas, as consequências para os envolvidos, a responsabilidade civil, formas de se provar o assédio, sua penalização, agressões e danos causados à saúde da vítima.
42	340 – I83r	Monografia	2008	Responsabilidade Civil do Empregador nas Reparações por Acidente do Trabalho.	Lombardi de Meneses Ismael	Graduação	Direito	O fundamento da responsabilidade civil do empregador quando da ocorrência do acidente de trabalho.

continuação

N.º	Classificação	Tipo de trabalho	Dt. Public	Título	Autor	Nível de formação	Curso	Assunto
43	340 – B734f	Monografia	2008	Fatores que contribuem para ocorrência da LER/DORT e a responsabilidade do empregador em relação à segurança do trabalhador.	Luiz Claudio Borille	Graduação	Direito	Fatores que contribuem para ocorrência da LER/DORT e a responsabilidade em relação à segurança do trabalho.
44	330 – B843p	Monografia	2010	Participação da Força de Trabalho Feminina no Brasil – 2008: Aplicação do Modelo de Probabilidade Linear.	Alex Sandro Bressiani	Graduação	Ciências Econômicas	Utilizando um modelo de probabilidade linear, apresenta o impacto de cada uma das diversas variáveis sociais e ambientais e a interação entre algumas delas, de maneira a delimitar o percentual efetivo de participação da força de trabalho feminina.

Autor: Adir Silvério Cembranel, março de 2012

Legenda:  Trabalhos analisados na pesquisa.